

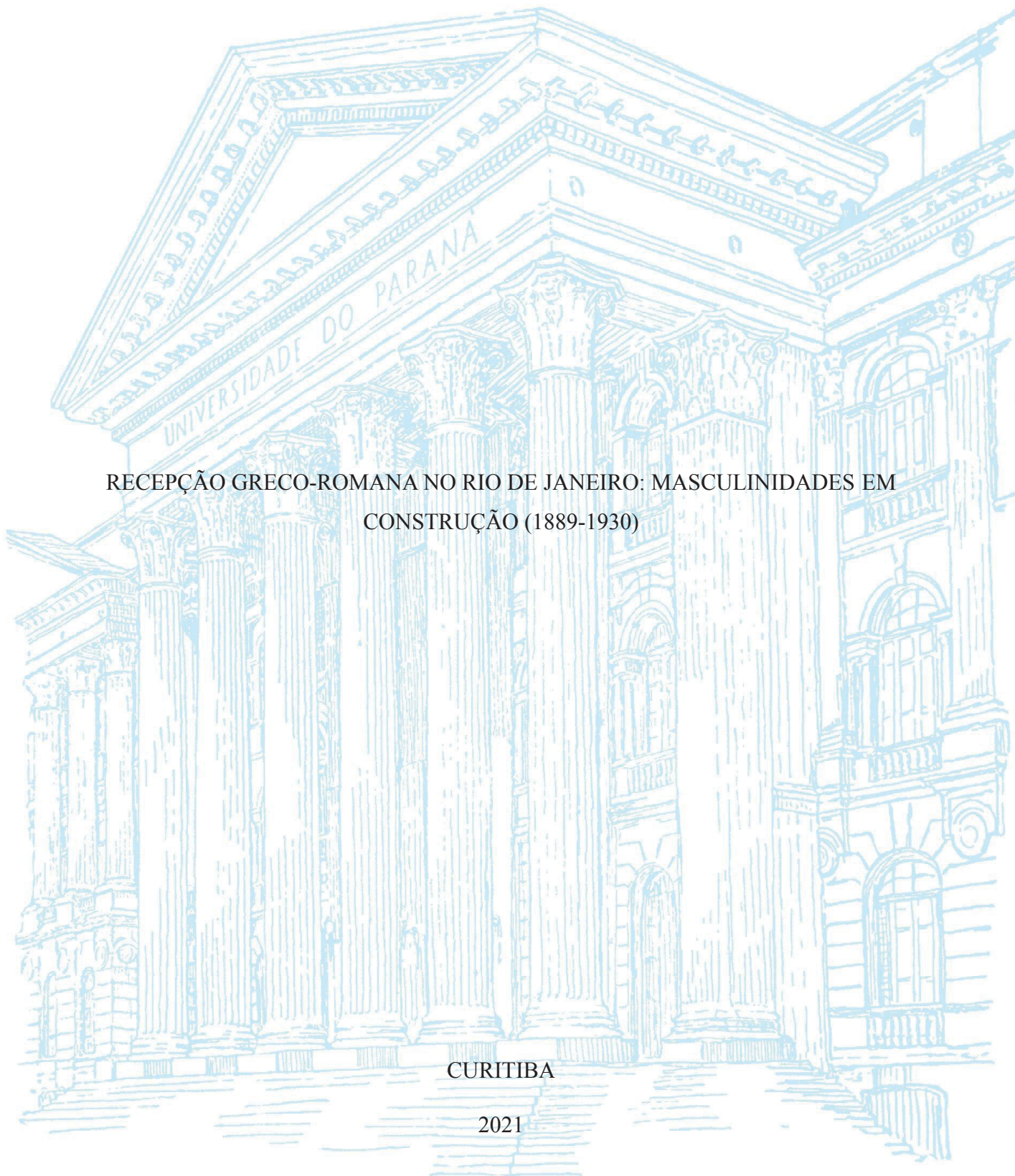
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA FUJIKAWA

RECEPÇÃO GRECO-ROMANA NO RIO DE JANEIRO: MASCULINIDADES EM
CONSTRUÇÃO (1889-1930)

CURITIBA

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA FUJIKAWA

RECEPÇÃO GRECO-ROMANA NO RIO DE JANEIRO: MASCULINIDADES EM
CONSTRUÇÃO (1889-1930)

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em História, no
Curso do Programa de Pós-Graduação em
História da UFPR, Setor de Ciências Humanas
da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. A Dra. Renata Senna
Garraffoni

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Fujikawa, Mariana

Recepção greco-romana no Rio de Janeiro : masculinidade em construção
(1889-1930). / Mariana Fujikawa. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Renata Senna Garraffoni

1. Masculinidade – História – Brasil. 2. Intelectuais. 3. Identidade de
gênero. 4. Revista do Instituto Geográfico Brasileiro (IHGB). I. Garraffoni,
Renata Senna, 1974-. II. Título.

CDD – 305.310981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARIANA FUJIKAWA** intitulada: **RECEPCAO GRECO-ROMANA NO RIO DE JANEIRO: MASCULINIDADES EM CONSTRUCAO (1889-1930)**, sob orientação da Profa. Dra. RENATA SENNA GARRAFFONI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 17 de Junho de 2021.

Assinatura Eletrônica

17/06/2021 17:14:24.0

RENATA SENNA GARRAFFONI

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

17/06/2021 17:38:19.0

PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

17/06/2021 17:15:09.0

LORENA LOPES DA COSTA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ)

AGRADECIMENTOS

Para a realização dessa dissertação necessitamos de meios econômicos que possibilitam o estudo, a pesquisa e, por isso, gostaríamos de agradecer ao CNPq, que nos concedeu a bolsa pelo período de realização desse trabalho. Sem esse suporte financeiro não poderíamos garantir a mesma dedicação e estudo. Um governo que não incentiva o ensino, a pesquisa, não possibilita a formação de um pensamento crítico, de uma subjetividade que preza pela cidadania, pela pluralidade.

Além dos aspectos materiais, ressaltamos que a escrita de qualquer trabalho nunca é feita de forma solitária. Para a realização deste necessitamos de pessoas que nos apoiam, que nos confortam nos momentos de alento. Agradeço primeiramente aos meus pais, que me apoiaram durante todo o percurso. Sem eles esse trabalho não seria possível. Agradeço pela paciência, pelo carinho, por estarem ao meu lado sempre que precisei.

Agradeço aos meus avós, ao meu avô Massau e à minha avó Eva, e também aos meus avós falecidos, avó Yaemi e avô Pedro. Às minhas madrinhas Alina e Samira, assim como aos meus tios e tias, primas e primos. Agradeço também à Valéria, ao Daniel e ao Henrique, que tornaram-se membros importantes em nossa família.

Às minhas amigas e amigos do Máquinas de Luxúria, por tornarem a vida acadêmica mais humana. Muito obrigada Laís por todas as nossas caminhadas, nossas divagações, comentários sobre séries, filmes, sobre o amor, a vida. O cotidiano fica mais leve ao seu lado. Mari Fernandes que, apesar de flertar com o pós-estruturalismo e o marxismo, sempre me alegra e me apoia. Lauri pelas vídeo chamadas, Carol por, mesmo estando muito longe, mostrar-se perto. Obrigada Hellen pelas saídas, Ba por, mesmo tendo optado por outros rumos, mostrar-se fiel ao que acredita. Obrigada Maurício pela marombisse e companheirismo, Lucas pelas jogadas de stop, Guina pelas ligações embriagado, André pelos conselhos sobre o mestrado.

Agradeço às minhas amigas do ensino médio. Obrigada Júlia que compartilhou momentos de tristeza, saudades, sede, risadas. Obrigada Ni que mesmo não sendo a pessoa mais conectada pelos meios eletrônicos, sei que sempre posso contar com. Obrigada Mari, por ser essa ótima companheira. Obrigada Amanda, Grazi.

Agradeço aos meus amigos mais antigos, do ensino fundamental, por ajudarem a me tornar o que hoje sou. Obrigada Lu por ter trilhado tanto da minha história ao meu lado e

por termos construído e por construirmos tantas memórias juntas, Gabs por ter sido minha primeira amiga, Rhau pelas conversas, desabafos. Obrigada Bruno, Felipe, Gustavo, Eder.

Às outras pessoas que conheci decorrer da vida e que se tornaram pontos de apoio nesse mundo diverso. Obrigada Diego por todas as conversas, os roles, os jogos, os filmes. O melhor que o inglês me trouxe não foi o aprendizado da língua. Obrigada Barbara Fonseca pelos desabafos e confidências, pelo companheirismo em situações adversas. Obrigada Crislaine pelo compartilhamento de conhecimentos sobre o mundo dos famosos, pelas indicações, pelos diálogos sem fim. Obrigada Guilherme Simão pela amizade, pelos comentários do dia-a-dia, pelos diversos jogos de cs, pelas risadas. Obrigada Pegoraro pelas corridas e conversas, Ronaldo/Guilherme pelos comentários sobre cs, pelo cotidiano, Giovani por compartilhar o ranço e pelas indicações de ótimos sites, Vinicius pelos comentários sarcásticos. Obrigada Gi, Hyran, Marcella, Camilla Martinatto, Isa, Casso, Jenni, Ingrid.

Aos professores de História que me incentivaram a seguir e continuar esse caminho, obrigada Acir, Priscila Vieira, Karina, Marcos.

Agradeço ao Igor, que me encorajou e incentivou a permanecer firme em momentos de dificuldade, a não entrar em desespero apesar das adversidades que o caminho traz. Obrigada pelo carinho, pelo apoio, pelas risadas, pelas conversas. A vida é mais feliz ao seu lado.

Obrigada professora Renata Senna Garraffoni pela orientação. Sem suas sugestões, recomendações, seus comentários e críticas esse trabalho não poderia ser concluído e não seria o que é hoje. Agradeço também à banca de qualificação da dissertação, composta pelas professoras doutoras Lorena Lopes da Costa e Roseli Terezinha Boschilia, e também à banca de defesa, composta pelas professoras Lorena Lopes da Costa e Priscila Piazzentini Vieira. As professoras que compuseram essas bancas apresentaram apontamentos que foram essenciais para a realização e para a qualidade desse escrito. Ademais, à Linha de Pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História, e aos professores que dela fazem parte. Os comentários e discussões realizados pela linha agregaram na minha formação como historiadora, como pesquisadora.

Esses breves comentários sobre cada uma dessas pessoas não consegue traduzir a imensa gratidão que sinto por todos e todas. Se o importante na vida não é o destino, e sim o caminho, sinto que estou na direção certa por ter vocês ao meu lado. Obrigada.

RESUMO

Essa pesquisa objetiva analisar a construção da masculinidade brasileira a partir das apropriações de discursos e personagens do passado greco-romano. Para tanto, operamos um estudo da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) no período de 1889 até 1930. Apesar da publicação semestral desse periódico, trabalhamos com as revistas publicadas no segundo semestre, devido a presença das atas das reuniões do IHGB, nas quais a aparição dos gregos e romanos era volumosa. Para cercar essa documentação, englobamos os aspectos teóricos da teoria de recepção e dos estudos de gênero - com ênfase para a noção de masculinidade. Argumentamos, a partir de nossa análise, que masculinidade construída pelos membros do Instituto era ligada com aspectos da virilidade e da força, mas também enfatizava a intelectualidade. Ademais, o ideal do masculino e o do cidadão eram correlatos, e a noção do que deveria ser o homem e cidadão brasileiro era restrita: masculina, branca, intelectual. Ao realizarmos essa pesquisa, intencionamos apontar a possibilidade de criarmos sentidos mais diversos sobre a noção de masculinidade e reforçarmos que ela é uma construção e, por isso, pode ser analisada, debatida, criticada.

Palavras-chave: Masculinidade, Estudos de Recepção, Brasil República, Cidadania.

ABSTRACT

This research aims to analyze the construction of the Brazilian masculinity by the appropriations of discourses and characters of the Greek and Roman past. In order to accomplish it, the *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB) from 1889 to 1930, is taken as the main source. Even though this journal is published each semester, the focus is on the second volume publications of each year, due to the presence of meetings minutes of IHGB, where Greeks and Romans mentions can be found. Regarding theory of Reception and the Gender studies – with emphasis to the masculinity – it will be argued that the masculinity was constructed by the members of this institution considering notions of virility, strength and intellectual aspects. In addition, the ideal of manhood and of citizenship was correlated, and the idea of what should be the Brazilian man and citizen was restrict: male, white, intellectual. To conclude, the dissertation points out the possibility of creating more plural senses on masculinity and aims to enhance that the masculinity is a construction and, therefore, can be analyzed, debated, criticized.

Keywords: Masculinity, Reception Studies, Brazil Republic, Citizenship.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1. O PRESENTE, O PASSADO, O FUTURO | 12 |
| 1.1 AS RELAÇÕES PASSADO-PRESENTE | 12 |
| 1.2 GÊNERO, ANTIGUIDADE, RECEPÇÃO | 22 |
| 1.3 A MASCULINIDADE E O IHGB EM CONSTRUÇÃO | 31 |
| 2. O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO | 39 |
| 2.1 O INSTITUTO E A RIHGB | 39 |
| 2.2 A REVISTA DO IHGB E A NAÇÃO | 45 |
| 2.3 OS GREGOS E ROMANOS NAS REVISTAS DO INSTITUTO | 50 |
| 3. A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES BRASILEIRAS NAS REVISTAS DO IHGB A PARTIR DOS GREGOS E ROMANOS | 59 |
| 3.1 A MORTE, O CULTO À FIGURA, AO MASCULINO | 59 |
| 3.2 O MASCULINO, O FEMININO, A INTELIGÊNCIA E A FORÇA | 69 |
| 3.3 O INTELLECTUAL E O CIDADÃO | 84 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 97 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 101 |

INTRODUÇÃO

A escrita da história é impactada pelo presente, por isso é pensada a partir da temporalidade em que vivemos. Os e as historiadoras apresentam marcas da sua vivência e experiência em seu ofício, mas nem sempre isso foi explicitado no discurso. No caso do estudo da Antiguidade, essa característica da afirmação da neutralidade foi por muito tempo existente, sendo este estudo costumeiramente conservador, no qual eram abrangidos assuntos políticos, com foco nos grandes líderes e impérios. Muitos estudiosos dessa área entendiam a disciplina da História Antiga como isolada do presente, das questões políticas da atualidade.¹ No entanto, abordagens como a dos estudos de Recepção criticaram a perspectiva de que o mundo antigo está congelado em um passado imóvel e se preocuparam com uma escrita historiográfica que levasse em conta questionamentos do presente.²

A partir dessa perspectiva foi observado que a Antiguidade podia ser entendida como instrumento que servia a uma lógica legitimadora do poder.³ Nossa pesquisa, durante a graduação, iniciou-se inspirada pelo interesse em estudarmos as utilizações da antiguidade na modernidade.⁴ Este trabalho, que resultou em uma monografia, visou analisar os discursos dos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no período da Primeira República, em especial as apropriações de frases em latim e as aparições de personagens gregos e romanos nas atas das Sessões Magnas de Aniversário. Essas atas são as transcrições literais de todos os discursos proferidos na celebração de aniversário do Instituto, intitulada de “Sessão Magna de Aniversário”. A partir desse material e baseado nos preceitos da História Intelectual, buscávamos entender como os discursos presentes nas revistas do IHGB - influenciados pelo passado greco-romano - construíram uma visão da identidade brasileira. Entendemos que essas criações de identidade não foram feitas somente dentro do Instituto, mas

¹SILVA, G. J. O mundo antigo visto por lentes contemporâneas: as extremas direitas na França nas décadas de 1980 e 90, ou da instrumentalidade da antiguidade. *História*, São Paulo, v. 26, n. 01, pp. 98-118, 2007.

² FUNARI, P. P. A. *A Antiguidade Clássica a História e a Cultura a partir dos documentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

³SILVA, G. J. op. cit. p. 103.

⁴ Pesquisa iniciada no PET/História (Programa de Ensino Tutorial) no ano de 2015 e desenvolvida, posteriormente, como iniciação científica com bolsa CNPq/PIBIC entre 2016 e 2018. Os resultados desses anos de trabalho culminou na monografia intitulada: *A Construção da Identidade Nacional a partir dos clássicos no IHGB (1889-1930)*, orientada por Renata Senna Garraffoni.

optamos por abordar essas fontes pelo fato de que a relação passado greco-romano/presente na Primeira República nas revistas do IHGB não havia sido anteriormente estudada.

Percebemos também, em nossa pesquisa anterior, que, ao criarem uma identidade, os intelectuais do Instituto ressaltavam um determinado ideal de masculinidade como o aspecto importante na construção da nação. Desse modo, trabalhamos, no mestrado, com um desdobramento mais abrangente do tema de nossa monografia. Mantivemos o recorte temporal de 1889 até 1930, o recorte espacial do território brasileiro, e abordamos como fonte as Revistas do Instituto, expandindo o recorte para além das atas das Sessões Magnas de Aniversário, englobando as últimas edições de cada ano, com ênfase nas atas das reuniões. Nessa dissertação, realizamos a análise da construção do que seria o masculino, sua relação com o passado greco-romano e com a identidade nacional, deslocando o foco para as questões de gênero.

Com esse novo foco, ressaltamos que acreditamos que o estudo da masculinidade – a partir dos estudos da aparição dos gregos e romanos no IHGB – possa abrir a possibilidade de entendermos os discursos que constituíram o que era ser homem na elite da Primeira República no Brasil. Isso por que os trabalhos de análise do IHGB concentram-se, principalmente, no período do Império⁵ e em períodos posteriores à criação das universidades, sendo que há poucos trabalhos abordando os estudos de recepção na primeira república brasileira.⁶ Entendemos que a análise desse período é pertinente, pois há particularidades em relação aos outros, como um distanciamento do poder institucional, a questão do financiamento do Instituto.⁷ Assim, visamos contribuir, com essa dissertação, para a bibliografia relacionada às questões identitárias, às masculinidades, aos estudos de recepção e às suas especificidades republicanas. Além disso, com a mudança de regime político da Monarquia para a República, os intelectuais assumiram posições que buscavam afirmações de aspectos identitários e, por isso,

⁵ SANTOS, J. M. *O Imperador Itinerante: D. Pedro II no Egito e a Construção da Identidade Nacional*. 89f. Monografia (Graduação em História) - Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

⁶ SILVA, G. J. “Os Avanços da História Antiga no Brasil.” In: Carpanese, R. G. *História e Conhecimento*. Maringá: Eduem, 2010. p. 95-126.

⁷ Como afirma Coelho (1981) por exemplo, no Império a afirmação de identidade brasileira já era atrelada com ideias de progresso, mas não era desvinculada do poder institucional. Na República, por sua vez, os intelectuais afirmam-se como neutros em relação à política, pois eram anteriormente atrelados ao D. Pedro II.

ressaltamos o recorte inicial de 1889. Com Getúlio Vargas, os membros do Instituto deixaram de enfatizar personagens gregos e romanos em seus discursos, e assim optamos por delimitar o recorte até 1930.

A partir dessas delimitações, essa dissertação se divide em três capítulos: no primeiro, “O presente, o passado, o futuro”, trataremos os aspectos teóricos. Inicialmente, apresentamos como os estudos da Antiguidade greco-romana analisavam a ideia do passado e do presente a partir de uma ideia de tradição. Porém, essa noção foi criticada e assim, foi ressaltada a ideia de que para compreendermos os textos da Antiguidade, precisamos também analisar como eles foram recebidos e relidos. Isso gerou uma abordagem intitulada de Estudos de Recepção, que visa entender a recepção dos textos da Antiguidade em discursos da atualidade. Outro aspecto que trouxemos nesse capítulo, na segunda subdivisão, foi a relação dos Estudos de Recepção e sua relação com os estudos de gênero, já que este é um importante aporte teórico em nossa dissertação. Nesse sentido, o capítulo debruça-se sobre os estudos que relacionaram as mulheres, a sexualidade e a masculinidade e o mundo greco-romano. Por fim, a última subdivisão trata da questão da masculinidade e também a questão da genealogia do IHGB. Abordamos o período em que ela surge, suas particularidades e, ademais, quais as mudanças que existem do período imperial para o período republicano.

Em nosso segundo capítulo, intitulado “O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, apresentaremos como se dava a relação entre o Instituto e a constituição da identidade nacional. Para isso, apontaremos as razões para a escolha da documentação, apresentaremos a Revista do IHGB e analisaremos trechos da documentação das Sessões Magnas de Aniversário, para que possamos compreender como esses discursos funcionavam. Nesse capítulo apresentaremos, também, a tipologia das fontes. Ressaltaremos quais os personagens greco-romanos que mais apareciam, quais eram os oradores do IHGB mais presentes, e quantos são os trechos em que há menções aos gregos e romanos.

No terceiro capítulo, por sua vez, intitulado “A construção de masculinidades brasileiras nas revistas do IHGB a partir dos gregos e romanos”, realizamos a análise da documentação, sendo que é a partir dela que entendemos quais as questões necessárias para trabalharmos nos dois primeiros capítulos. Na primeira subdivisão do terceiro capítulo, abordamos a questão da morte e da memória e de como os membros, ao

homenagearem os sócios que haviam falecido, trazem aspectos dos clássicos⁸ para ressaltar a importância desses intelectuais como homens brasileiros. Na segunda subdivisão, apresentaremos a relação da masculinidade no IHGB com a ideia de inteligência e de força, assim como a questão da luta pelo direito do voto feminino e a noção do Instituto sobre o que deveria ser o papel das mulheres. Ressaltaremos também que essa construção do feminino reforçava a concepção de um ideal masculino. Por fim, o terceiro subcapítulo tratará da questão da cidadania e de como esse conceito possui sua importância para a constituição do que seria o modelo ideal de homem para os membros dessa instituição.⁹

Com nossa dissertação, não esperamos criar outras identidades sobre o que deveria ser o sujeito masculino. Ao contrário, acreditamos que, ao analisarmos os discursos, podemos problematizá-los na perspectiva de que não são naturais e, assim, antevermos modos menos estáticos de se compreender o gênero. Entendemos que o estudo desse conjunto das Revistas do Instituto permite compreender como os intelectuais do período da Primeira República utilizavam, em seus discursos, personagens gregos e romanos e frases de latim e como, por meio delas, construíram o que deveria ser homem e ser brasileiro. Temos o entendimento que nosso olhar vem do presente e, por isso, afirmamos a preocupação de trazer esses estudos para diversificarmos e possibilitarmos a análise das construções discursivas que existem também em nossa atualidade sobre os ideais de masculinidade.

⁸ Com relação ao termo “clássico”, concordamos com a definição de José Antonio Dabdab Trabulsi, que define que “clássico” pode ser aquele que emana uma autoridade, que remete à classe dominante. Pode também ser associado com a ideia de modelo, como aquele que funda uma tradição. Nesse sentido, considerando as diferentes conotações da noção de clássico, ao nos referirmos à Antiguidade, não acreditamos haver necessariamente uma equivalência entre o “clássico” e o “antigo”. Ainda assim, a terminologia “clássicos” é utilizada por autores como Charles Martindale, Lorna Hardwick. Apesar disso, ressaltamos que, em nossa interpretação, a utilização dessa palavra não visa trazer uma ideia de superioridade da Antiguidade ou de uma tradição, mas sim como um sinônimo de “gregos e romanos”.

⁹ Ao longo dessa dissertação, traduções de trechos em inglês, assim como trechos em latim, são de nossa autoria, em vista de que a análise seja, assim, mais acessível para as leitoras e os leitores.

1. O PRESENTE, O PASSADO, O FUTURO

Nessa dissertação visamos abordar a temática da construção de ideais de masculinidade no Brasil e as relações entre o passado e o presente. Optamos por trabalhar esse tema a partir do diálogo entre os estudos de Recepção e os estudos de gênero, com ênfase para as questões de masculinidade. O primeiro capítulo abrangerá, dessa forma, questões teóricas sobre o campo de estudos de Recepção, que visam entender a presença de personagens e ideais do passado greco-romano em outras temporalidades. Iniciaremos com o debate sobre a ideia de herança do passado antigo e sobre a terminologia “recepção.” Em seguida, apresentaremos as interligações entre os estudos do mundo greco-romano e a atualidade com os estudos de gênero, introduzindo análises essenciais para a consolidação dos estudos de Recepção. Por fim, abordaremos a questão dos estudos da masculinidade e sobre a genealogia do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

1.1 AS RELAÇÕES PASSADO-PRESENTE

As maneiras de entender como tratar o mundo antigo variaram com os debates acadêmicos. Observamos em nosso mundo diversos elementos, conceitos, histórias que referenciam de forma direta, ou indireta, o mundo dos gregos e romanos. Essa presença do passado em contextos diferentes dos próprios foi estudada anteriormente por diversos acadêmicos em diferentes áreas, como história da arte, filosofia, literatura comparada, história. Muitos desses pesquisadores intitulavam-se como pertencentes a uma corrente chamada “a tradição clássica.”¹⁰

Essa noção foi vinculada a um classicista britânico chamado Gilbert Highet. Este, em 1949, escreveu um livro chamado *The Classical Tradition: Greek and Roman influences on Western literature*.¹¹ Nesta publicação, como afirma o próprio autor, o

¹⁰ No original: “the classical tradition”. POURCQ, Maarten de Pourcq. Classical Reception Studies: Reconceptualizing the Study of the Classical Tradition. *The international journal of the humanities*. Volume 9, issue 4, 2012, p. 219.

¹¹ HIGHET, Gilbert. *The Classical Tradition: Greek and Roman influences on Western literature*. Oxford: Oxford University Press, 1949.

objetivo era traçar “as maneiras pelas quais a influência grega e latina moldou as literaturas da Europa e América ocidentais.”¹² Afirma Highet, além disso, que os gregos foram os responsáveis por quase todos os padrões de literatura do mundo, e que quando o império romano caiu quase toda a civilização fora destruída. Ressalta que a civilização começou a ressurgir em grande parte devido à redescoberta da cultura greco-romana. Comenta, dessa forma, que os civilizados são os netos dos romanos, ou bisnetos dos gregos e que, ainda que outras influências impactaram para que nos tornássemos o que somos, “A linhagem greco-romana foi uma das mais fortes e ricas.”¹³ Highet define que o passado greco-romano se estende até o presente a partir da metáfora de um rio. Metáfora esta que é utilizada para sugerir a unidade e a continuidade da tradição, indicando que as fontes da Antiguidade permaneceram regando nosso conhecimento, principalmente a partir da literatura. Além disso, o próprio termo “tradição”, vem do latim *tradere*, que literalmente significa “entregar para a posteridade”.

A concepção da “tradição clássica” foi baseada, principalmente, nessa noção de que o passado entrega aspectos e que o presente, bebendo desta fonte, absorve essa tradição. Isso sem mediações, sem interpelações, de maneira neutra. A ideia de uma herança, nesta vertente de estudo dos gregos e romanos, é essencial. Os civilizados da atualidade seriam, assim, os herdeiros dessa tradição da Antiguidade.

Porém, ainda que esta corrente teórica tenha sido influente, outros acadêmicos propuseram diferentes maneiras de entender a influência greco-romana na posteridade. Charles Martindale¹⁴ e Lorna Hardwick,¹⁵ por exemplo, incentivaram a mudança de perspectiva da ideia de “tradição” para a de “recepção”. Isto começou com a retomada de um conceito da história da recepção. Um teórico que contribuiu para isso foi Hans-Georg Gadamer. O filósofo alemão publica, em 1960, o livro *Verdade e Método*.¹⁶ Nesta obra, o seu maior impacto, ainda que indireto, para os estudos de recepção, é a questão de que ele afirma que os significados que são atribuídos para os textos não são essenciais ou naturais, mas construídos como uma parte da natureza histórica de entendimento. Isso é fundamental para a área de estudos de recepção porque

¹² No original: “the chief ways in which Greek and Latin influence has moulded the literatures of western Europe and America”. Ibidem, p. VII.

¹³ “the Greco-Roman strain was one of the strongest and richest”. Ibidem, p. 01.

¹⁴ MARTINDALE, Charles. *Redeeming the text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

¹⁵ HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

¹⁶ GADAMER, Hans-Georg. *Truth and Method*. London: Continuum, 1975.

sugere que os significados atribuídos para os textos são formados pelas recepções e pelos impactos históricos.¹⁷

Outro importante teórico para a ideia de recepção é Wolfgang Iser. Em 1978 publica *The act of reading: a theory of aesthetic response*¹⁸ e apresenta a questão do leitor e da resposta como uma forma de construção de textos literários, afirmando que a análise feita pelas pessoas que leem o texto impactam na própria construção dele. Assim, a ideia da “resposta estética” seria uma forma de analisar a relação dialética entre o texto, o leitor e a sua interação.¹⁹

Apesar de ambos autores contribuírem para o desenvolvimento da teoria de recepção, um dos principais teóricos para a criação dessa ideia foi o medievalista alemão Hans Robert Jauss, no final da década de 1960.²⁰ Em 1982, explora com maior profundidade essa questão no livro *Toward an Aesthetic of Reception*.²¹ Nele, Jauss ressalta que uma renovação na história literária demanda a retirada de ideais de objetividade. Seria importante, propõe, que o foco se desse na análise feita pelos leitores.²² Assim, a proposta da recepção seria a de que os leitores que recebem a obra são essenciais para o entendimento dela. Dessa maneira, Jauss questiona as afirmações de que o texto literário está eternamente presente, e que o significado objetivo dele está determinado de uma vez por todas, sendo em todas as vezes imediatamente acessível para aquele que interpreta.²³ Ressalta que “isolar o objeto” não é a solução para os problemas, e sim uma recaída para o objetivismo. Ademais, aponta para a questão de que nos casos de textos do mundo greco-romano, é necessário observar as relações de tensão entre o texto e o presente. Dessa forma, entender o texto da Antiguidade não é apenas uma reprodução, uma herança, afirma Jauss, “mas sempre também uma atitude produtiva”.²⁴ O passado, dessa maneira, só consegue responder a questões, só consegue dizer algo para nós quando o observador do presente questiona-o.

¹⁷ HARDWICK, op. cit, p. 08.

¹⁸ ISER, Wolfgang. *The act of reading: a theory of aesthetic response*. Maryland: Johns Hopkins University Press, 1978.

¹⁹ No original: “aesthetic response” Ibidem, p. X.

²⁰ Com a publicação do artigo “The change in the paradigm of literary scholarship”, de 1969.

²¹ JAUSS, Hans Robert. *Toward an Aesthetic of Reception*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

²² Ibidem, p. 20

²³ Ibidem, p. 28.

²⁴ No original: “but always a productive attitude as well.” Ibidem, p. 31.

Deste modo, Jauss contrapõe-se a ideia de neutralidade que afirmava Highet. O autor alemão afirma, assim, que não devemos observar os textos somente como algo que passivamente recebemos, como um rio do passado que traz os conhecimentos para nós a partir de heranças culturais ou a partir de ideias de tradição. Para Jauss a leitura importa, o leitor produz diferenças na maneira que entendemos a obra e, por isso, os textos, a literatura em si é algo também produtivo, ativo.

Esses três teóricos contribuíram para a criação desse campo dos estudos de recepção. Essas três obras englobavam, principalmente, aspectos relacionados à literatura. Nos anos de 1980, como aponta Margerite Johnson,²⁵ a análise pelo enfoque da recepção começou a impactar as questões textuais e considerar também aspectos culturais, educacionais, artísticos. Nesse sentido, em 1980 o autor Richard Jenkyns, no livro *The Victorians and the Ancient Greece*,²⁶ demonstra a relação da Antiguidade com seus legados a partir das relações entre as instituições educacionais, arquitetura, arte e, também, literatura.

Em 1984, inserido neste debate, Robert Holub publica *Reception Theory: a critical introduction*.²⁷ Na mesma linha de Jauss, Holub aprecia as mudanças causadas pela teoria da recepção. Nesse sentido, como comentamos com o livro de Jenkyns, a recepção começou a influenciar outros aspectos. É isso que analisa Holub, visando entender como os traços dessa metodologia afetaram outras disciplinas adjacentes, como a sociologia, a história. Ele define a ideia da teoria da recepção como “Uma mudança geral de preocupação do autor e da obra para o texto e o leitor.”²⁸ Aponta que esse deslocamento do foco tornou-se extremamente popular a partir da década de 1970.²⁹ Os impactos desses estudos de Jauss, afirma Holub, ajudaram a mediar e, até mesmo, a reformular o cânone da teoria literária. Ademais, autores que eram considerados como pertencentes ao cânone antigo foram reexaminados. Outra questão é que a teoria de Jauss faz referência a aspectos da mídia de massa, assim como da literatura popular. Devido a isso, essa teoria ofereceu uma base para analisar esses

²⁵ JOHNSON, Marguerite. “Classical Reception Studies: some pedagogical approaches”. *Classicum*, vol. XXXIX, 3, 2013.

²⁶ JENKYNs, Richard. *The Victorians and the Ancient Greece*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

²⁷ HOLUB, Robert. *Reception Theory: a critical introduction*. London: Methuen, 1984.

²⁸No original: “a general shift in concern from the author and the work to the text and the reader.” Ibidem, p. XII.

²⁹ Ibidem, p. 06.

trabalhos que, tradicionalmente, eram excluídos.³⁰ Holub ressalta, além disso, que a teoria da recepção surgiu em uma situação de conflitos literários na Alemanha, mas que ela foi retomada em complexos diálogos e debates com outros métodos e também outras tradições.³¹

A teorização da ideia de recepção, feita por Jauss, impacta fortemente em outras áreas, em outros debates, como afirma Holub. Nesse sentido, uma das influências da teoria da recepção ocorre na criação de um campo de estudos intitulado *Classical reception studies*.³² Importantes nomes na consolidação dessa área são os já mencionados Charles Martindale e Lorna Hardwick.

Charles Martindale, em 1993, no livro *Redeeming the text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*,³³ afirma que deseja apresentar abordagem diferente dos modelos positivistas de interpretação que ainda eram presentes nos estudos dos gregos e romanos. Comenta, ademais, que a interpretação dos textos é inseparável da história de suas recepções.³⁴ Dessa forma, o mundo greco-romano não pode ser estudado, pensa Martindale, em isolamento. Apresenta a possibilidade de análise que intitula como “transhistórica”, em que considera como essencial para o entendimento a ideia de diferentes camadas temporais. Por exemplo, a noção da leitura contemporânea de um texto da Antiguidade, a tradução desse texto feita em algum momento da modernidade e a própria documentação original. Dessa forma, nessa metodologia, o pesquisador e a pesquisadora precisaria lidar com a ideia de múltiplas temporalidades.³⁵

Assim, esse trabalho, que enfatizou aspectos teóricos, foi essencial para estabelecer a base metodológica da disciplina dos estudos de recepção. Ele diferencia-se dos trabalhos de Jauss devido ao foco na Antiguidade, no mundo greco-romano, e não apenas em uma aplicação do conceito de recepção para os estudos literários. Distancia-se, ademais, das teorias de tradição clássica de Highet, não considerando o passado como algo possível de ser alcançado de forma neutra, e entende como relevante perceber a maneira como as pessoas do presente interagem com um passado longínquo.

³⁰ Ibidem, p. 11.

³¹ Ibidem, p. 12.

³² Traduzirei o termo como “estudos de recepção dos clássicos.”

³³ MARTINDALE, op. cit.

³⁴ Ibidem, p. XIII.

³⁵ Ibidem, p. 172.

Já Lorna Hardwick contribui para a consolidação dos estudos de recepção com a publicação do livro *Receptions Studies*, em 2003.³⁶ Ressalta, inicialmente, que esse campo é de rápida transformação. Além disso, comenta que essa área de estudo não é desconexa de outras disciplinas e que, tal como no passado, os textos não eram isolados em diversas torres de marfim.³⁷ Hardwick alega que há afirmações de que os estudos de recepção focam apenas na sociedade que os recebe. Ainda que os que recebem sejam importantes, a autora evidencia que esse domínio foca na Antiguidade e, por vezes, possibilita o surgimento de novos questionamentos e aspectos da documentação que poderiam ter sido esquecidos ou marginalizados.³⁸ Além disso, a autora – avançando no pensamento desenvolvido por Martindale – apresenta que essa área deve focar nas diferentes temporalidades, mas, também, no diálogo ‘lateral’ entre as línguas, localidades, gêneros.³⁹ Ademais, extrapolando o aspecto literário, a autora afirma que a recepção da Antiguidade é multifacetada. Isso apresenta a recepção como um espaço aberto à diversidade. Assim, defende a noção de que aqueles que olham para Antiguidade como uma forma de legado, herança são necessariamente conservadores.⁴⁰ Dessa forma, um dos aspectos que Hardwick mais valoriza nos estudos de recepção dos gregos e romanos é o fato de que essa área teve o efeito de liberar as imagens e textos para uma ampla diversidade de reconfigurações.⁴¹ Essa metodologia de análise dos greco-romanos possibilitou a resistência a identidades impostas e, também, para a construção de novas: "O fator comum é o potencial dos textos clássicos para descolonizar a mente".⁴² A autora ressalta, por fim, que os estudos de recepção da Antiguidade demonstraram que as ideias, imagens e textos dos gregos e romanos estão presentes culturalmente e que, ao questionarmos as noções de legado e tradição, outros valores e práticas foram incluídas.

O campo de estudos se ampliou desde então: em 2006, uma coletânea de artigos organizada por Charles Martindale e Richard F. Thomas visou trazer aspectos de interesse para esse campo de estudos. O livro, *Classics and the Uses of*

³⁶ HARDWICK, op. cit.

³⁷ Ibidem, p. IV.

³⁸ Ibidem, p. 04.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Ibidem, p. 32.

⁴¹ Ibidem, p. 109.

⁴²No original: "the common fator is the potential of classical texts for decolonizing the mind."Ibidem, p. 110.

Reception,⁴³ aborda temáticas sobre as quais a teoria dos estudos de recepção podem versar. Martindale, na introdução, comenta que a ideia de recepção ajudou a transformar a noção do que são os greco-romanos. Com esse conceito há a possibilidade de contestarmos a ideia de que a Antiguidade é algo fixo, estático.⁴⁴ Assim, a consequência disso é que esses textos são alvos que se transformam e que, dessa maneira, não somos os herdeiros diretos da Antiguidade. Pelo contrário, a ideia de modernidade e de Antiguidade, aponta Martindale, estão sempre em diálogo, conectadas umas com as outras e, para entendermos uma delas, precisamos pensar, também, nos termos da outra.⁴⁵ Ademais, discute o conceito de recepção. Afirma que há autores – como Simon Goldhill – que pensam que a palavra recepção é muito passiva. Martindale, por sua vez, alega que a palavra foi escolhida no lugar de “tradição” ou “herança” justamente pelo seu papel ativo em relação aos leitores, àqueles que recebem. Além disso, apresenta que mesmo com as ideias de interconexão do passado com o presente, há pesquisadores que acreditam que – com a recepção – conseguirão observar a Antiguidade com maior clareza. O autor se opõe a isso e afirma que o passado tal qual é inalcançável. Para Martindale, os gregos e romanos permitem a construção de aspectos do futuro, a partir de uma relação entre o passado e o presente. Além desse seu texto introdutório – que realiza um certo balanço sobre esse campo de estudo até então – a obra organizada por Martindale e Thomas apresenta aspectos como a leitura de recepção de Virgílio; a relação entre gênero e recepção; as recepções e suas relações com Derrida, Bakhtin, Foucault; seu impacto nas classes populares, etc. Outro aspecto essencial desse livro é o seu último capítulo, intitulado “Afterword: the uses of ‘reception’”. Nele, afirma que um movimento constitutivo da teoria de recepção é a de que há um espaço entre o texto e a sua recepção. Isso é essencial na implementação da teoria, pois entende que com esse espaço, em toda releitura o texto vai ser reconfigurado, reinterpretado.⁴⁶

Assim, como o próprio Martindale afirma, ainda que os estudos de recepção estejam florescendo e crescendo, há pouca discussão sobre os pontos fortes e fracos, assim como há poucos trabalhos apresentando metodologias particulares sobre isso.⁴⁷

⁴³ MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard. *Classics and the Uses of Reception*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2006.

⁴⁴ Ibidem, p. 02.

⁴⁵ Ibidem, p. 06.

⁴⁶ Ibidem, p. 288.

⁴⁷ Ibidem, p. 02.

Nesse sentido, esse trabalho é importante para apresentar aprofundamentos da teoria e, além disso, demonstrar como o campo de estudos da recepção é amplo e diverso.

Em 2012, Marteen de Pourcq, no artigo intitulado “Classical Reception Studies: reconceptualizing the Study of the Classical Tradition”,⁴⁸ apresenta um balanço sobre o surgimento dos estudos de recepção dos clássicos. Além disso, contribui para o debate ao afirmar que antes mesmo de Jauss transformar num conceito, a ideia de recepção já era utilizada como um sinônimo para aspectos como as influências dos gregos e romanos. Ele se questiona: se o termo já estava disponível, por que os estudos de recepção dos clássicos apresenta, com tanta ênfase, a importância da teoria literária para o estabelecimento desse novo nome? Argumenta que isso pode ter ocorrido devido ao fato de que a ideia de tradição clássica foi consolidado e permaneceu como a corrente predominante por muito tempo. Dessa forma, para legitimar esse novo campo considerou-se importante apoiar-se em paradigmas exteriores aos estudos clássicos. Sua ênfase seria, assim, renovar e reorganizar o estudo da tradição clássica adotando diferentes e novas práticas intelectuais dos estudos contemporâneos da humanidade.

A ideia de “estudos”, nos estudos de recepção dos clássicos, aponta Pourcq, é importante devido a sua influência advinda dos estudos culturais. Assim, apresenta que para a configuração dessa área, além da questão da recepção que apresentamos – vinda predominantemente pelo impacto de Jauss – os estudos culturais também exerceram mudanças de paradigma principalmente em relação ao “outro”, ou seja, o que não era cânone, o que não era ‘clássico’, o que era, enfim, pertencente à cultura do mundo popular.⁴⁹ Ressalta que os Estudos culturais se definiram como um projeto que visava alargar o nosso entendimento do que seria a cultura ao trabalhar com uma variedade de negociações e práticas. Dessa forma, o estudo dos clássicos, em contextos posteriores, não é restrito somente ao cânone ocidental de artes, mas engloba aspectos do cotidiano, da cultura popular, de locais do oriente. Assim, o conceito viajante de recepção, como formula Pourcq, faz com que reconsideremos a posição dos clássicos como algo dentro de um contexto maior dos estudos das humanidades.⁵⁰

Nesse sentido, o artigo de Pourcq é essencial em nossa visão, pois apresenta como o campo de estudo de recepção dos clássicos não opera sozinho, mas faz parte de

⁴⁸Pourcq, op. cit. p. 222.

⁴⁹ Ibidem, p. 223.

⁵⁰ Ibidem, p. 224.

um contexto das humanidades. Ademais, apresenta a importância dos estudos culturais para a formação dessa área de análise, sendo que estes estudos contribuíram para a criação de uma visão sobre o passado que era mais plural e diversificada.

A autora Marguerite Johnson, no artigo “Classical reception studies: some pedagogical approaches”, de 2013, comenta sobre como, além dos estudos culturais, a teoria pós-colonial, nos anos 1990, também influenciou algumas das facetas dos estudos de recepção dos clássicos. Isso ao desafiar e problematizar o que já estava estabelecido em relação aos legados e heranças da Antiguidade, principalmente nos âmbitos relacionados ao imperialismo ou ao colonialismo. Ressalta que essas novas escolas teóricas, estando em diálogo com outras vozes de ressonância acadêmica, como os próprios estudos culturais citados por Pourcq e também os estudos de Teoria Feminista, revigoraram a ideia dos estudos da relação entre o passado clássico e a atualidade.

Em relação ao estudo da Antiguidade no cenário brasileiro, como apontam Glaydson José da Silva, Pedro Paulo Funari e Renata Senna Garraffoni no artigo “Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira”,⁵¹ a História Antiga é institucionalizada nos anos de 1930 – apesar de já existir um interesse sobre esse tema anteriormente. Afirma José Antonio Dabdab Trabulsi, no texto “L’histoire ancienne au Brésil”⁵² que após o golpe de 1964 os estudos sobre a Antiguidade eram mais reacionários. Porém, alegam Silva, Funari e Garraffoni que alguns eventos contribuíram para uma renovação dos estudos sobre os gregos e romanos, como a anistia, em 1979, as eleições diretas para governador em 1982, a constituição e a chegada dos civis ao poder em 1985.⁵³ O ambiente, comentam, estimulou a reflexão sobre as relações entre o passado e o presente, os estudos de recepção.

Nesse sentido, ressaltamos a importância de estudos como os realizados por Trabulsi, que refletiu sobre aspectos como a democracia ateniense e a

⁵¹SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata Senna. “Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira”. *Revista Brasileira de História*. vol.40 no.84 São Paulo May/Aug. 2020.

⁵²DABDAB TRABULSI, José Antonio. *L’histoire ancienne au Brésil*. Dialogues d’Histoire Ancienne, Besançon/Paris, v. 11, p. 763-764, 1985.

⁵³ SILVA et all. Op. cit., p. 51.

contemporânea,⁵⁴ assim como estudos sobre a leitura positivista da cidade grega⁵⁵, os de Glaydson José da Silva, que tratou de aspectos sobre o surgimento da história Antiga de forma institucionalizada no Brasil,⁵⁶ e Pedro Paulo Funari, por estudos sobre os gregos e romanos e o seu lugar no currículo do ensino básico.⁵⁷

Ainda que esses historiadores tenham colaborado no desenvolvimento dos estudos de recepção dos clássicos no Brasil, apontamos que, desde a inserção e florescimento desse campo de estudos no território brasileiro, há uma crescente gama de temáticas e interesses sobre a Antiguidade, refletindo na criação de monografias, dissertações, teses sobre a recepção do passado.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que o campo de estudos do mundo greco-romano é amplo e possibilita diferentes abordagens de análise. A proposta mais canônica sofreu diversas críticas devido a sua ideia de ignorar o leitor, considerando o passado como algo imóvel e do qual seríamos herdeiros, ou que nos passaria um legado. Assim, a partir de impactos da teoria da literatura, dos estudos culturais e também dos estudos pós-coloniais, o âmbito de como entender os gregos e romanos e suas relações com o presente passaram a ser repensados. Ainda que a área viesse se desenvolvendo a partir desses debates, é importante frisarmos que o termo *Classical Receptions* - ou seja, recepção dos clássicos (no sentido de análise dos personagens da Antiguidade Clássica) - foi cunhado no fim de 1990, justamente para substituir o conceito mais antigo de legado.⁵⁸ Esse termo e essa proposta, por sua vez, visavam criticar os aspectos de herança, de tradição. Não via, assim, o passado como estático, mas como algo que era construído conjuntamente ao presente, em uma relação de dependência, de troca. Além disso, possibilita uma abrangência maior de temas, de possibilidades sobre o que é o passado, sobre o que constitui o presente. Critica o foco somente no cânone, na elite, e aborda o que é popular, o que não é necessariamente ocidental, o que é midiático. Critica, ademais, a ideia de uma Antiguidade greco-romana que é conservadora e, por isso, visa tratar de temáticas e populações que não seriam abordadas na teoria de legado.

⁵⁴ DABDAB TRABULSI, J. A. A democracia Ateniense e nós. E-Hum Revista Científica do Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes do UNI-BH, v. 9, p. 8-31, 2016.

⁵⁵ DABDAB TRABULSI, J. A. Positivismo e cidade grega antiga: acerca de dois problemas de método histórico. Tempo (London), Niterói/RJ, v. 15, p. 179-200, 2004.

⁵⁶ SILVA, Glaydson José da Silva. "Os avanços da história antiga no Brasil." História Antiga I: Fontes e Métodos. VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Org. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010, pp. 95-126.

⁵⁷ FUNARI, Pedro Paulo A. Antiguidade, proposta curricular e formação de uma cidadania democrática. Revista Brasileira de História, São Paulo: Anpuh, v. 7, n. 14, p. 261-262, 1987.

⁵⁸ Pourcq, op. cit., p. 220.

É com essa vertente teórica – a dos estudos de recepção dos clássicos – que nos alinhamos. Todo esse aporte teórico abordado nessa parte do capítulo é fundamental para que apresentemos em qual corrente estamos inseridos. Ainda que os trabalhos realizados dentro dessa área tenham contribuído enormemente para a consolidação do campo, acreditamos que possamos também auxiliar nesse sentido. Seguindo o caminho dos estudiosos que realizaram as análises de recepção no Brasil, visamos contribuir ao explorar as relações que existem entre as diferentes temporalidades com o foco nas masculinidades no Brasil, a partir do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), algo ainda não realizado, e por isso o ineditismo da presente dissertação.

Nela trabalhamos com o passado greco-romano, com a temporalidade do século XIX e XX – a época vivenciada pelos membros do IHGB que analisamos – e a nossa temporalidade, 2020 e 2021, período a partir do qual lemos e analisamos essa documentação produzida na Primeira República e que trata de personagens da Antiguidade. Há, assim, essa ideia de transhistórico, que permeia diferentes épocas. Entendemos que o passado, além disso, não é algo neutro sobre o qual nós somente observamos e conseguimos entender sua essência. De modo oposto, acreditamos que este é construído a partir e em conjunto com nossas leituras, nossas interpretações.

Isto posto, na segunda parte deste capítulo discutiremos como operaram as relações entre a teoria de recepção dos clássicos e os estudos de gênero.

1.2 GÊNERO, ANTIGUIDADE, RECEPÇÃO

De acordo com Laura K. McClure, no livro *Sexuality and Gender in the Classical World*,⁵⁹ o interesse de estudos de gênero no mundo antigo foi algo que se desenvolveu com o passar dos anos. Inicialmente, os estudos relacionados a essa temática versavam mais sobre as mulheres. A maior abrangência de estudos sobre as mulheres na Antiguidade data desde o século XIX, quando a noção de “mulher” torna-se foco do positivismo e cientificismo.⁶⁰ Um importante trabalho, nesse sentido, é o *Mother Right*, do alemão Johan Bachofen, ressalta McClure.⁶¹ Nesta obra o autor

⁵⁹ MCCLURE, LAURA. *Sexuality and Gender in the Classical World*. Malden: Blackwell Publishers, 2002.

⁶⁰ Ibidem, p. 02.

⁶¹ BACHOFEN, Johan. *Mother Right*. Princeton: Princeton University Press, 1967.

aborda como operava o desenvolvimento das mulheres em sociedades antigas no qual a ideia de família nuclear ainda não existia. Ainda assim, é importante frisar que o desenvolvimento de uma área de pesquisa do mundo clássico e das mulheres só surge com ênfase a partir do impacto do feminismo dos anos de 1960. Sob esse impacto, em 1973 uma revista de estudos clássicos, *Arethusa*, publica uma edição especial para o foco de mulheres na Antiguidade.⁶²

Seguido a isso, em 1975 a autora Sarah Pomeroy contribui para o debate ao publicar o livro *Goddesses, Whores, Wives and Slaves*.⁶³ Neste livro, argumenta que os trabalhos referentes à história grega e romana excluía as mulheres como uma categoria social. Dessa forma, Pomeroy visa recuperar a vida de mulheres da Antiguidade e, ademais, contribui para o debate sobre a documentação, afirmando que textos que não são canônicos apresentam importantes informações sobre as mulheres do contexto greco-latino.⁶⁴

Diversas novas coleções de trabalhos sobre as mulheres na Antiguidade começam a surgir. A revista *Women's Studies*, em 1981, apresenta uma coletânea sobre as mulheres do mundo clássico: a primeira coletânea dessa temática publicada em uma grande revista sobre estudos feministas. Outro marco foi a publicação de *Images of Women in Antiquity*, de Averil Cameron e Amelie Kuhrt, em 1983.⁶⁵ As autoras, de forma comparativa, trazem materiais sobre as mulheres na sociedade grega, romana, variando em diferentes períodos, do mundo clássico até a medievalidade.

Esses livros e essas revistas contribuíram para a consolidação dos estudos das mulheres na Antiguidade. Pomeroy, em 1991, organiza o livro *Women's History and Ancient History*.⁶⁶ Nesta obra, que é uma coletânea de artigos, a autora disserta sobre as relações entre a vida privada e pública das mulheres da Antiguidade. Ademais, neste livro há artigos que abordam mulheres de diversas etnias e, também, espalhadas em diferentes áreas geográficas. Afirma Pomeroy que estes textos são de tradição feminista, possuindo como centro de cada capítulo as mulheres. Além disso, a autora alega que, no momento da publicação do trabalho, acadêmicas estão se esforçando para recuperar a vida das mulheres do mundo antigo, porém ressalta que a história das mulheres não

⁶² *Arethusa*. Vol. 06, n. 01, 1973.

⁶³ POMEROY, Sarah. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves*. Praga: Schocken Books Inc, 1975.

⁶⁴ Ibidem, p. 14.

⁶⁵ CAMERON, Averil; KUHRT, Amelie. *Images of Women in Antiquity*. Abington: Routledge, 1983.

⁶⁶ POMEROY, Sarah. *Women's History and Ancient History*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

deve focar somente em aspectos da história social. Dessa forma, para um maior entendimento da Antiguidade e das mulheres é necessário abordar também a história econômica e política. Por fim, apresenta que é nesse sentido que seu livro contribuirá para a área.⁶⁷

Outra coletânea importante para a consolidação desse campo é o *Women in the Classical World: image and text*, organizado por Elena Fantham, Helene Peet Foley, Natalie Boymel Kampen, Sarah B. Pomeroy e H. A. Shapiro, de 1994.⁶⁸ Este livro, diferentemente dos anteriores, é essencial, pois apresenta exemplos de documentação primária, seja ela escrita ou visual, que tratam das vidas das mulheres da Antiguidade. É o primeiro livro que organiza, de forma cronológica, fontes que permitem a análise da mudança dos papéis sociais das mulheres no contexto greco-romano. Além disso, é o primeiro a focar tanto em textos quanto em representações artísticas.⁶⁹

Todos esses livros, coletâneas, revistas permitiram a consolidação dos estudos sobre mulheres no mundo clássico, principalmente no âmbito inglês, conforme ressalta McClure. Ainda assim, ressaltamos que nesses casos o foco não se dava necessariamente na *recepção* do mundo clássico a partir de lentes contemporâneas. Esse campo, por ser, também, mais recente, passa a ser explorado a partir dos anos 2000. Em 2005, Richard Hingley e Christina Unwin, no livro *Boudica: Iron Age Warrior Queen*,⁷⁰ tratam sobre como a Boudica foi representada e analisada de diferentes formas pelos contextos posteriores a ela. O consenso, afirmam, é que ela foi uma rainha bretã que resistiu ao império romano e que, assim, levou seu povo para a batalha. Porém, o fato de uma mulher ter sido associada com a guerra foi visto como algo negativo por diversos autores e artistas masculinos.

Assim, Hingley e Unwin chamam a atenção para a noção de que as questões de gênero são essenciais para a leitura das representações da Boudica desde o período romano até hoje.⁷¹ Afirmam que com Tácito e Dio ela foi representada como uma figura bárbara, sendo sua liderança um aspecto problemático, uma anomalia, pois ultrapassara os limites do papel feminino. Na Inglaterra, durante a Era Moderna, a figura de Boudica

⁶⁷ Ibidem, p. XV.

⁶⁸ FANTHAM, Elena; FOLEY, Helene Peet; KAMPEN, Natalie Boymel; POMEROY, Sarah; SHAPIRO, H. Alan. *Women in the Classical World: image and text*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

⁶⁹ Ibidem, p. VIII.

⁷⁰ HINGLEY, Richard; UNWIN, Christina. *Boudica: Iron Age Warrior Queen*. New York: Hambledon Continuum, 2005.

⁷¹ Ibidem, p. 205.

é vista como uma influência regressiva para o progresso da sociedade inglesa. Na escrita de Glover, apontam, por exemplo, ela é apresentada como ansiosa, como paranoica, uma força negativa e retrógrada frente aos avanços dos romanos. Sua imagem começa a ser positivada somente a partir da Rainha Elizabeth I. A rainha foi construída, conjuntamente com Boudica, como uma mulher forte e como um bom exemplo para as pessoas inglesas da contemporaneidade.⁷² Boudica é vista como uma heroína nacional, como uma mulher – e mãe – que lutou pela liberdade de seu povo. Independentemente de ser vista de forma positiva ou negativa, a imagem de Boudica, apontam Hingley e Unwin, é reconstruída a partir do leitor.

Esse trabalho é, em nossa opinião, importante por ser um dos primeiros a abordar os estudos de gênero, relacionando as mulheres e a recepção, inspirando trabalhos no Brasil. Tais Pagoto Belo, por exemplo, aborda, em sua tese intitulada *Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder*,⁷³ como a figura feminina de Boudica foi utilizada na Inglaterra como representação feminina para as mulheres de poder. Afirma que Boudica foi uma influência para as feministas e para líderes da Inglaterra como a Rainha Vitória e Margareth Thatcher. Comenta que esta figura foi importante, na contemporaneidade, para a legitimação das mulheres enquanto líderes. A partir disso, argumenta que a figura de Boudica é vista como um símbolo de luta e força, que não sucumbiu frente às dificuldades. É claro, aponta Belo, que essa visão sobre a guerreira do passado não é neutra e não retoma o passado em si, mas sim uma representação dele. Assim, Belo conclui que Boudica – ao ser utilizada em discursos do presente – é um tema pertinente na atualidade, sobretudo para as feministas.⁷⁴

É interessante que tanto Hingley e Unwin quanto Belo tratam da figura de Boudica, mas enquanto os primeiros focam nas diferentes formas que essa personagem histórica possuiu, Belo foca mais na questão do feminismo e na imagem positiva de Boudica como representação de poder.

Ainda que esses trabalhos tenham sido importantes para a consolidação de pesquisas sobre as mulheres e sobre as recepções das mulheres da Antiguidade em

⁷² Ibidem, p. 209.

⁷³ BÉLO, Tais Pagoto. *Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder*. 261f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

⁷⁴ Ibidem, p. 118.

contextos mais contemporâneos, outros aspectos são importantes para a questão dos estudos de gênero.

Um campo de estudo relacionado, mas distinto, é em relação à sexualidade na Antiguidade clássica. No século XIX, o acadêmico Friedrich-Karl Forberg compilou informações sobre o comportamento sexual no mundo clássico. Ele chegou a editar uma coleção de epigramas obscenos, consistindo na documentação original de práticas de gregos e romanos da Antiguidade.⁷⁵ Foi somente em 1932 que a temática da relação entre homens e de pederastia começou a ser tratada por escolares da Antiguidade. Isso foi feito na obra *Sexual Life in Ancient Greece*,⁷⁶ publicado por Paul Brandt, que utilizou o pseudônimo Hans Licht para isso. Outros trabalhos foram essenciais para esse campo de estudo: em 1975, o autor Jeffrey Henderson, no livro *The Maculate Muse: Obscene Language in Attic Comedy*,⁷⁷ apresenta um glossário com palavras obscenas. Ademais, trabalha com a sua significância, trazendo, assim, a atenção para esses aspectos para o campo acadêmico. Em 1978, há a publicação do livro *Greek Homosexuality*, de Kenneth Dover.⁷⁸ Neste, Dover trata das práticas eróticas entre homens no mundo grego que estavam presentes na literatura e na arte, providenciando, assim, importantes aspectos sobre a vida masculina na Antiguidade.

Os três volumes da *História da Sexualidade*, de Michel Foucault, contribuíram para os estudos sobre a sexualidade. O filósofo francês utiliza como documentos textos não canônicos para entender as práticas sexuais da Antiguidade e, ademais, como essas práticas englobavam a construção de relações de poder.⁷⁹ Em *O uso dos prazeres*,⁸⁰ Foucault apresenta como a atividade sexual foi problematizadas pelos médicos e filósofos na cultura grega. *O cuidado de si*,⁸¹ por sua vez, retrata a problematização das práticas sexuais nos dois primeiros séculos de nossa era, a partir dos textos gregos e latinos. Além dessas questões, um impacto importante dos escritos de Foucault foram no sentido de desconstruir a sexualidade como algo natural e, ao abordar isso na Antiguidade, demonstrar como essas questões transformaram-se com o passar das mudanças históricas.

⁷⁵ FORBERG, Friedrich-Karl. *Manuel d'érotologie classique*. Paris: Gallimard, 1994.

⁷⁶ BRANDT, Paul. *Sexual Life in Ancient Greece*. St. Gallen: Abbey Library, 1932.

⁷⁷ HENDERSON, Jeffrey. *The Maculate Muse: Obscene Language in Attic Comedy*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

⁷⁸ DOVER, Kenneth. *Greek Homosexuality*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

⁷⁹ Entendemos que o primeiro volume debruça-se mais sobre questões do século XIX.

⁸⁰ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

⁸¹ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: O cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

A tradução desses livros para o inglês, em meados da década de 1980, impulsionou outros escritos sobre a sexualidade antiga, como o livro de David Halperin *One Hundred Years of Masculinity: and other essays on Greek love*,⁸² publicado em 1990. Neste o autor, a partir do presente, comenta que antes de 1892 não havia a ideia de homossexualidade, e que a ideia dessa criação reflete uma ressignificação da sexualidade humana, sua relação com o gênero e seu papel na divisão social.⁸³ Além disso, ele comenta que a própria ideia de sexualidade é algo construído no século XIX. Nesse sentido, o Halperin deseja e retorna, neste livro, à Antiguidade – em particular para os gregos – para entender como operavam as relações sexuais, mas isso sem tentar colocar conceitos do seu presente nesse passado.

Enquanto esses livros foram essenciais para a consolidação das questões de sexualidade e sua relação com o mundo antigo, as pesquisas que englobam a sexualidade, a Antiguidade e a recepção são mais recentes. Em 2019, Shane Butler, no artigo “The youth of antiquity: reception, homosexuality, alterity”,⁸⁴ comenta sobre o encontro dos estudos de recepção dos clássicos e os estudos das relações entre homens na Antiguidade. Ela realiza, nesse sentido, um balanço historiográfico sobre o surgimento dos estudos de recepção dos clássicos. Em seguida, apresenta um balanço sobre os estudos de sexualidade sobre os gregos e romanos. Ressalta que ambos possuem uma visão similar sobre o “outro” que é o passado. Porém, afirma que uma maneira mais produtiva de observar o passado seria o de vê-lo de uma maneira mais *queer*, sem se preocupar com a ideia de aspectos fixos e incontestáveis.

Essas possibilidades *queer* também foram abordadas no capítulo “Reader, I married him/her: Ali Smith, Ovid and queer translation”,⁸⁵ de Holly Ranger, publicado no *Classical Receptions Journal*, em 2019. Neste texto a autor visa tratar o romance *Girl meets boy* (2007), de Ali Smith como uma ‘tradução queer’ das *Metamorfoses* de Ovídio. Ranger afirma que Smith traduz, retraduz e reescreve o texto de Ovídio, para assim construir identidades *queer*. Ela ressalta que, em sua concepção, a prática da tradução *queer* é uma forma ativa de combater os discursos homofóbicos e que, assim,

⁸² HALPERIN, David. *One Hundred Years of Masculinity: and other essays on Greek love*. Abingdon: Routledge, 1989.

⁸³ Ibidem, p. 15.

⁸⁴ BUTLER, Shane. The youth of antiquity: reception, homosexuality, alterity. *Classical Receptions Journal*. Vol. 02, n. 04, 2019.

⁸⁵ RANGER, Holly. Reader, I married him/her: Ali Smith, Ovid and queer translation. *Classical Receptions Journal*. Vol. 02, n. 03, 2019

possibilitam com que antigos corpos e identidades *queer* sejam contemplados em sua multiplicidade na tradução.

Dessa forma, em ambos os artigos que trouxemos datados de 2019, novas possibilidades de entender as relações entre o passado, o presente e a sexualidade são construídos com o desenvolvimento do campo dos estudos de recepção dos clássicos. Ainda que tenhamos, porém, apresentado a relação entre os estudos das mulheres na Antiguidade e da recepção das mulheres, assim como também a questão dos estudos de sexualidade e suas conexões com a Antiguidade e a recepção, o foco de nossa dissertação é mais específico para a questão da masculinidade – também inserida nesse debate sobre os estudos de gênero.

Em relação à masculinidade, de acordo com o autor Scott Rubarth, no artigo “Competing Constructions of Masculinity in Ancient Greece”, no *Athens Journal of Humanities and Arts*,⁸⁶ no decorrer da segunda metade do século XX – conforme apresentamos – os estudos sobre as mulheres e a Antiguidade contribuíram para a compreensão da sociedade e cultura grega. Contudo, ressalta que há uma publicação muito menor de estudos sobre a masculinidade e a Antiguidade. Afirma que isso ocorre devido ao fato de que os acadêmicos pensavam que não havia muito a tratar sobre a temática, pois a masculinidade não era vista como problemática. Porém, devido à leitura feminista sobre a literatura do mundo antigo, e também por causa do desenvolvimento dos estudos de gênero, os acadêmicos demandaram outras perguntas para reavaliar um tópico que, para eles, era visto como natural.

Dessa forma, o autor explicita que há diferenças entre ser homem e masculinidade. Para ele, o primeiro indica o sexo biológico, enquanto que o segundo trata de papéis de gênero performáticos. Neste artigo, visa entender como os gregos englobavam a masculinidade, considerando a variedade ideológica e cultural das identidades. Aponta, ademais, que para ele a masculinidade não é algo fixo, monolítico, uniforme, homogêneo. Assim, apresenta que é mais adequado falarmos sobre “masculinidades” do que “masculinidade”.⁸⁷

Ainda que Rubarth tenha sido importante para apresentar a diversidade de construções da masculinidade no mundo antigo, seu foco não era o de relacionar a

⁸⁶ RUBARTH, Scott. Competing Constructions of Masculinity in Ancient Greece. *Athens Journal of Humanities and Arts*. Vol. 01, n. 01, 2014.

⁸⁷ Ibidem, p. 22.

masculinidade com a teoria dos estudos de recepção. Uma análise nesse sentido é a feita pela autora Elizabeth Hancock, em seu escrito intitulado *Masculinity and the male body from the world of the ancients to the world wide web*.⁸⁸ Este trabalho, publicado em 2008, trata do exame dos ideais de masculinidade e do corpo masculino na literatura e na arte grega, assim como nas propagandas contemporâneas a partir de publicações em massa na Internet. Afirma Hancock que alguns temas são persistentes relacionados aos ideais de masculinidade e à maneira pela qual os homens observam seus corpos. Ela defende que alguns ideais da Antiguidade são visíveis na maneira pelas quais os homens apresentam seus corpos e atributos em plataformas online. No caso, a plataforma por ela analisada é a do MySpace.com.⁸⁹ Ela conclui que os ideais de corpo da Grécia antiga são espelhados nas postagens de homens da contemporaneidade, existindo, assim, uma relação entre o passado e o presente. Porém, ainda que essa correlação possa existir, defende Hancock que ela possui diferenças entre as maneiras de expor o corpo que operavam no passado e as que são presentes na atualidade. Ela apresenta que na Antiguidade grega os ideais de prudência e de moderação eram valorizados e, por isso, a maneira em que as genitais eram expostas eram diferentes. Na contemporaneidade, devido a uma cultura heteronormativa existente no ocidente, Hancock afirma que a maneira que as genitálias são expostas é feita de forma mais proeminente, e não preocupando-se com a ideia de autocontrole tão essencial no mundo grego antigo. Dessa forma, Hancock apresenta que ainda que o corpo do mundo grego seja valorizado ainda hoje, a maneira com a qual lidamos com o corpo masculino, e principalmente com os órgãos genitais masculinos, transformou-se profundamente, devido a mudanças referentes a maneira que entendemos as práticas sexuais no passado e no presente.

De maneira semelhante, há a tese de doutorado de Renato Pinto, intitulada *Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*, publicada em 2015.⁹⁰ Nesta tese, Pinto trata da questão de que as fontes do mundo antigo são reinterpretadas – na contemporaneidade – para diversos fins. Ademais, apresenta o autor que, os homens e mulheres da modernidade não conseguem ir ao passado para trazê-lo tal como foi ao

⁸⁸ HANCOCK, Elizabeth. *Masculinity and the male body from the world of the ancients to the world wide web*. Dissertação (Mestrado em Programa Interdisciplinar). Eugen, Oregon: University of Oregon, 2008.

⁸⁹ Rede social que oferece possibilidade de interação entre amigos, perfis, fotos, blogs, vídeos enviados por usuários.

⁹⁰ PINTO, Renato. *Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. Tese (Doutorado em História) Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

mundo atual. Ressalta, dessa forma, que as ideologias, as visões, as perspectivas, os questionamentos, os e as personagens do mundo clássico são interpretados pelas pessoas a partir do olhar do presente. Assim, pela leitura que realizamos que observamos o passado. A partir desse enfoque teórico, o historiador brasileiro analisa a figura de Boudica, do príncipe Carataco – que foi um líder que se opôs aos romanos, e de Cartimandua, que se alia aos conquistadores, prende Carataco e entrega-o aos romanos. Ele analisa a leitura dessas figuras no século XIX na Inglaterra. Pinto apresenta que tanto Boudica e Cartimandua foram vistas pela época da modernidade como megeras, malignas, que não souberam ocupar o papel que a elas seria reservado, enquanto que Carataco – apesar de ter se oposto aos romanos, assim como Boudica – foi visto como uma figura virtuosa que não se curvou frente aos conquistadores. Dessa maneira, o autor apresenta como figuras do passado são utilizadas como exemplos para a criação de formas de identidades nacionais britânicas.⁹¹ Ressalta, além disso, que, ao retomarem personagens do passado clássico, o Império Britânico, neste período, visava comparar-se e igualar-se à grandiosidade do Império Romano. Nesse sentido, personagens do mundo greco-romano foram retomados, por sua vez, para reforçarem papéis sexuais e definições normativas sobre os lugares dos homens e das mulheres. A tese de Renato Pinto é importante, entendemos, pelo fato de que ela apresenta a conexão entre masculinidade e recepção, e também pelo fato de que foi produzida no Brasil, abrindo oportunidades e espaço para que essas áreas de pesquisa relacionadas tanto aos aspectos do mundo clássico, quanto aos estudos de gênero, possuam cada vez mais destaque e aceitação no mundo acadêmico.

Nessa parte do primeiro capítulo, tínhamos como objetivo destacar os principais debates sobre a relação entre os estudos de recepção e os estudos de gênero. Iniciamos com a questão dos estudos das mulheres e sua conexão com o mundo clássico devido ao fato de que foi a partir dele que esse campo de estudos de gênero e recepção começou a se entrecruzar e se consolidar. Ainda que as temáticas dos estudos sobre as mulheres, sexualidade, teoria *queer* fossem de extrema importância e relevância, como nossa dissertação visa debruçar-se nas questões da masculinidade, é importante que entendamos mais sobre como são construídas. Dessa maneira, na terceira parte de nosso primeiro capítulo abordaremos como o campo de estudos da masculinidade se formou. Ademais, apresentaremos as particularidades dos estudos de masculinidade no Brasil, e

⁹¹ Ibidem, p. 216.

também sobre as relações entre a masculinidade e o período específico da Primeira República, assim como a genealogia do IHGB.

1.3 A MASCULINIDADE E O IHGB EM CONSTRUÇÃO

Os estudos de masculinidade surgiram, inicialmente, a partir do impacto da segunda onda feminista, nos Estados Unidos.⁹² Essa onda feminista acabou questionando aspectos sobre o que seria o feminino. Ademais, com o impacto do movimento gay, houve uma desestabilização sobre o que, afinal, definiria o masculino. Elizabeth Badinter, nesse sentido, afirma que: “o feminismo ocidental é menos culpado de ter misturado os pontos de referência do que de ter mostrado a nudez do rei”⁹³ A partir disso, homens começaram a afirmar, em resposta a esses movimentos, que também eram vítimas de opressões. Para contornarem essa crise de identidade causada pelos movimentos, ideais de virilidade foram reforçados e outros modos masculinos de existência foram considerados por esse setor da população como inadequados ou inferiores.⁹⁴ Dessa forma, esses primeiros estudos debruçando-se para a masculinidade eram feitos por e para homens. Natanael Silva,⁹⁵ assim, ressalta que esses primeiros estudos sobre os homens consideravam o masculino e, também, o feminino como essências, e que as diferenças entre os sexos seriam inatas.

Porém, com o desenvolvimento dessa área de estudos, surgiram outras propostas de entender a masculinidade. Raewyn Connel, no livro *Masculinities*,⁹⁶ de 1995, comenta que as masculinidades são construídas em lugares e tempos particulares, sendo sempre sujeitas a mudanças e transformações. Assim, Connel ressalta que as masculinidades são históricas, datadas. Ao realizar uma retomada histórica sobre as criações dos ideais de masculinidade no Ocidente, afirma que a história da masculinidade não segue uma linearidade e que, nos encontros e desencontros causados pelas relações de gênero, pelas relações de poder entre o hegemônico e o subalterno, as ideias de masculinidade vão se modificando. Ademais, essa autora aponta que a

⁹² PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, jan-jun, p. 270-283, 2011.

⁹³ BADINTER, E. *XY sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 6.

⁹⁴ SILVA, N. F. Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior. *História, histórias*. Brasília, vol. 1 n. 5, 2015, p. 07.

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. Los Angeles: University of California Press, 1995.

masculinidade subalterna, subordinada, é vista como próxima ao simbólico da feminilidade.⁹⁷ Dessa forma, ao apresentar essas nuances da masculinidade, Connel aponta a própria falta de clareza na definição do que é, enfim, a masculinidade. Por isso, ressalta a importância de entendermos a masculinidade como algo plural, mutável, que se transforma cotidianamente. Nesse sentido, a socióloga comenta sobre a importância de não essencializarmos e considerarmos como estanques as ideias de masculinidade e de feminilidade.

Esse estudo criticou a ideia de que a masculinidade, assim, é algo natural, ahistórico, eterno, imutável. Pelo contrário, afirmou-se que os ideais de masculinidade são construídos historicamente, que variam a partir dos diferentes contextos, locais, sociedades. Isso é fundamental para nossa dissertação, pois visamos, nesse sentido, entender como a masculinidade é construída em um contexto e local específicos: no Brasil da Primeira República, nas operações discursivas dos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Assim, não visamos entender a masculinidade como um conceito dado, mas optaremos por trabalhar para entender como essa categoria é constituída dentro do IHGB, quais suas nuances, suas particularidades, suas similitudes com modelos viris, com modelos de masculinidade hegemônica.

Essa crítica e contestação da masculinidade como algo natural impactou nos estudos feitos no Brasil. Durval Muniz Albuquerque Junior, no livro *A invenção do nordeste e outras artes*,⁹⁸ foca no surgimento do nordestino como uma identidade cultural e também política entre os anos de 1920 e 1930. Identidade que ressaltava a virilidade, bravura, força como atributos essenciais dos homens. Nesse sentido, esse trabalho é importante, pois apresenta as relações entre a construção de uma identidade com a noção de masculinidade.

Outro trabalho brasileiro que consideramos como importante para nossa pesquisa é o *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*,⁹⁹ de Richard Miskolci, publicado em 2013. Neste livro, com o recorte espacial do Rio de Janeiro, o autor afirma que existia um projeto político que estava sendo imposto. Este projeto, conduzido por homens da elite e possuindo um teor autoritário, desejava

⁹⁷ Ibidem, p. 79.

⁹⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

⁹⁹ MISKOLCI, R. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

construir como identidade brasileira ideais de civilidade. Outro aspecto desse projeto seria o de uma população branca. Os pressupostos que deveriam ser considerados como os dominantes seriam os ideais de heterossexualidade, masculinidade e da raça branca. Para isso, havia um projeto de branqueamento da raça que tinha como um de seus pilares o controle da reprodução masculina. Assim, a ideia seria a de que o futuro da nação dependeria de casais reprodutivos que fossem constituídos por homens brancos.

Miskolci é um sociólogo. Albuquerque Junior, por sua vez, é um historiador. Apesar dessas diferenças metodológicas, os dois autores apresentam a ideia da identidade e da masculinidade como construídas historicamente. Ademais, em ambos há uma relação entre a ideia de identidade e masculinidade. Ambas as obras são analisadas pelo autor Natanael de Freitas Silva, no artigo “Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Junior”.¹⁰⁰ Neste artigo, Silva comenta que ambos os trabalhos vão de acordo no sentido de que a exclusão de sujeitos vistos como desviantes, inferiores, indesejados, é recorrente nos projetos de poder – tanto no caso do nordeste quanto no caso do Rio de Janeiro. Nesse sentido, na Primeira República, ressalta Silva, o medo era o da degenerescência social possibilitada entre a interação entre diferentes raças e categorias sociais.

Ademais, Silva chama a atenção para a questão de que esses trabalhos são importantes, pois apontam como padrões de masculinidade foram construídos para a criação de um certo tipo ideal de sociedade. Além disso, esses trabalhos de Miskolci e Albuquerque Junior contribuem ao apresentarem a historicidade das masculinidades. Assim, ambos os autores trazem como a ideia de um homem viril, forte, controlado emocionalmente é datada e não natural. Dessa forma, podemos observar como a masculinidade é uma construção volátil, passível de reinvenção. Nesse sentido, Albuquerque Junior e Miskolci aproximam-se do aporte teórico que entente as questões de gênero como construídas.

Esses escritos apresentados problematizaram a ideia de que o masculino tem que ser o universal, criticaram a noção de que os homens e as mulheres são categorias estanques, imóveis, essenciais. Trouxeram esses termos para a história, e apresentaram que em diferentes contextos, momentos, há a possibilidade de criação de diversas masculinidades, no plural.

¹⁰⁰ SILVA, Natanael de Freitas. Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Junior. *História, histórias*. Brasília, vol. 1, n. 5, 2015.

Além disso, considerando que o nosso foco se dá no período da Primeira República brasileira, acreditamos ser importante apresentarmos trabalhos que se debruçavam sobre o fim do século XIX e início do XX. Os escritos de Albuquerque Junior e Richard Miskolci foram fundamentais ao trabalharem as questões de como – em contextos espaciais diferentes – as masculinidades foram construídas para atingir um tipo ideal de homem: viril, forte. Nesse sentido, entender que a masculinidade é uma construção é essencial, pois acreditamos que a noção de masculinidade do IHGB não é necessariamente imutável, estanque.

O nascimento do IHGB é paralelo com essa noção de construção de nacionalidade e, ademais, de masculinidade. A data de fundação do IHGB é de 1838, no período de Dom Pedro II. Dois intelectuais – Marechal Raimundo José da Cunha Matos e o Cônego Januário da Cunha Barbosa – propuseram a criação de um Instituto Histórico e Geográfico ao conselho da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. A proposta foi aceita unanimemente.¹⁰¹ Com sua criação, os objetivos eram: “coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a História e a Geografia do Brasil” e teria como fim “preservar a cultura nacional, estimular estudos históricos, geográficos e de outras ciências sociais sobre o Brasil e reunir e divulgar documentos relativos à sua formação e identidade, com vistas à preservação da memória nacional”¹⁰²

O contexto de criação do Instituto foi permeado de surgimentos de outros institutos históricos no mundo ocidental. O foco dessas diversas instituições era o de criar identidades nacionais a partir da sistematização do passado e da construção das memórias das nações. Isso porque a legitimação do poder central e dos Estados-nação eram fortalecidos com identidades mais coesas. Nesse sentido, nesse período do século XIX a história e a nação eram vistas como fortemente associadas.¹⁰³

Além do fato de que havia a criação de diversos institutos no exterior, é importante frisar que havia uma circularidade entre esses intelectuais e essas instituições. Esses pensadores, nesse âmbito, visavam encontrar um reconhecimento da capacidade científica de seus intelectuais diante do mundo, e desejavam, além disso,

¹⁰¹ TREVISAN, Ivan Rodrigo. *Os Gerais ditadores (1964-1985) como presidentes de honra do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 152f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2017, p. 17.

¹⁰² Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1838.

¹⁰³ CALLARI, Cláudia Regina. Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 59-82, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882001000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 de abril de 2020, p. 7.

estabelecer imagens sobre o que era o homem brasileiro.¹⁰⁴ A base identitária que eles visavam construir era conciliadora e desejava unir o tradicional com o novo: com a ideia da monarquia existia a ideia tradicional de uma permanência de ideais europeus. Ainda assim, além de ressaltarem valores positivos da Europa, optaram também por instituir elementos liberais para diferenciar-se do velho continente.¹⁰⁵

Além dessa ligação da monarquia e a Europa, havia também noções práticas que aproximavam o Instituto com o Império: Dom Pedro II era um grande contribuinte para o funcionamento do IHGB. O monarca promovia concursos, apoiava o Instituto financeiramente, oferecia prêmios, patrocinava viagens. O Império era responsável, inclusive, por aproximadamente três quartos do financiamento do IHGB.¹⁰⁶ Dom Pedro, ademais, participava das reuniões do Instituto não apenas como ouvinte, mas também como orador.

Além do financiamento e da presença do imperador nas reuniões, os laços que ligavam o Instituto ao Estado eram mais profundos. Os membros do IHGB, em sua maioria, eram parte da elite intelectual do período. Porém, nesse contexto, a elite letrada era, também, a elite política e econômica. Assim, os sócios do Instituto eram majoritariamente ou de cargos políticos importantes do período, ou da burocracia estatal.¹⁰⁷ Considerando a relação do intelectual com o político, no IHGB havia diversos artigos e discussões em que os membros se posicionavam politicamente.

De acordo com Maria Ligia Coelho Prado, a posição política que deveria ser assumida pelos membros do Instituto era de apoio à monarquia. Essa relação entre os membros e D. Pedro II funcionaria, então, da seguinte forma: o Império financiava o IHGB e os sócios desse instituto, por sua vez, permaneciam fiéis ao imperador e, dessa maneira, escreveriam artigos que exaltassem a figura do monarca e que elogiassem o império.¹⁰⁸ Ademais, afirma Coelho Prado que, considerando que esses membros que eram a elite intelectual, política e econômica do período, esses fatores faziam com que o

¹⁰⁴ TREVISAN, op. cit. p. 18.

¹⁰⁵ ARMOND, Victor Ribeiro Leivas Dias Ferreira. *Um Estado sem nação: o IHGB e a construção da identidade nacional brasileira no século XIX*, 54f. Monografia (Graduação em Ciência Política) - Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, 2016, pp. 23- 24

¹⁰⁶ GUIMARÃES, Luís Salgado. "Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma nação nacional". In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol.1, 1988, p. 9.

¹⁰⁷ FERREIRA, Aline Pessato. *A soma de luzes na construção da felicidade pública e a reflexão sobre o passado português: política e história na Revista do IHGB (1838-1889)*. Campinas, SP: [s. n.], 2009.

¹⁰⁸ PRADO, Maria Ligia Coelho. *Emblemas de Brasil Em La Historiografía Del Siglo XIX: Monarquía, Unidad Territorial y Evolución Natural*. El Colegio de México, 2009.

IHGB conseguisse conquistar mais crédito e valor internacionalmente, o que fortalecia os seus discursos sobre qual seria o melhor regime político, sobre o que deveria ser a nação brasileira.¹⁰⁹ Ao considerar os agentes responsáveis pela identidade nacional, a elite intelectual afirmava ideais de universalidade. Porém, essa noção era focada apenas no masculino. Assim, para a construção, da identidade e da masculinidade brasileira, certos elementos como a história e a geografia eram essenciais, pois delimitariam, a partir de seus discursos, quais personagens seriam vistos como a humanidade, quais seriam valorizados, seriam excluídos, quais regiões seriam consideradas como civilizadas, etc. Dessa maneira, a criação de memórias comuns seria importante, pois permitiam a construção de memórias nacionais e ideais identitários específicos.¹¹⁰ Nesse momento, em especial a função do historiador seria importante: ele seria o responsável por encontrar fatos e desenterrar monumentos que fossem vistos como positivos para a construção da identidade e do ideal masculino.

Aspectos que eram recorrentes no período imperial eram o de apresentar o Brasil como um país que caminhava rumo à civilização e ao progresso, que trilhava a partir dos ideais de inteligência e de conciliação. A questão conciliatória aparecia, ademais, na questão racial: entendia-se que a identidade a ser construída precisaria acomodar as diferenças raciais e focar em aspectos progressistas para serem exibidos para o resto das nações vistas como civilizadas no globo.¹¹¹

Esse foco em ideais de progresso e de civilidade visavam a construção de uma identidade nacional, que não incluiria toda a população brasileira. Os historiadores, nesse sentido, ao afirmarem serem aqueles que possuem a verdade, ao decretarem serem observadores imparciais, realizaram funções e construções que possibilitaram a exclusão de certos grupos da ideia de Brasil. Richard Miskolci, de forma semelhante, ressalta que nem todos seriam englobados nessa noção e, dessa forma, existiria a criação de fantasmas: os negros, as mulheres, os pobres. Para que esses fantasmas não se tornassem a identidade brasileira, os membros da elite, dessa forma, controlavam e impediam que essas populações transitassem por espaços hegemônicos. Dessa maneira,

¹⁰⁹ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 274.

¹¹⁰ POLLACK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vol.2, n.3, p. 3.

¹¹¹ FERREIRA, Lúcio Menezes. *Vestígios de Civilização: A Arqueologia no Brasil Imperial (1838-1877)*, 200F. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002, p. 20-21.

o livro de Miskolci, ao apresentar o conflito entre o projeto de nação e as diferentes formas de vida, se opõe a ideia de um Brasil que seria unitário e sem conflitos.

Nesse sentido, ressaltamos que a formação do Instituto foi ligada com a ideia de nação e que, ao realizarem isso construíam também a noção do que era o cidadão ideal brasileiro. Ainda que os estudos que apresentamos sobre a masculinidade sejam muito posteriores ao momento de fundação do IHGB, eles foram essenciais para que entendêssemos como operavam as construções dos discursos nessa instituição. Assim, afirmamos que ao lermos e entendermos a documentação da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, acreditamos que ela implica na construção de um ideal de nacionalidade brasileira e, também, na criação de um *ethos* sobre o que deveria ser o homem brasileiro. Nesse sentido, enfatizamos que não vemos a ideia de cidadania, identidade, masculinidade, como conceitos fixos e estanques, mas como dados historicamente, feitos a partir dos discursos.

Ademais, apontamos para a importância dos estudos sobre a teoria de recepção dos clássicos, pois não entendemos a Antiguidade como algo estático, imutável, e sim como algo que é transformado e interpretado a partir da leitura dos textos. Por fim, colocamos que é a partir desses escopos teóricos dos estudos de gênero e da teoria de recepção que desejamos analisar a documentação da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foco de nosso capítulo seguinte.

2. O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Esse segundo capítulo tratará dos aspectos referentes à publicação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: a Revista do IHGB. Ele se estrutura da seguinte forma: demonstraremos inicialmente qual sua estrutura e periodicidade, relação com a República, assim como aspectos de masculinidade, foco da dissertação. Ademais, trataremos a análise de parte da documentação, com ênfase nas Sessões Magnas de Aniversário, para entendermos e englobarmos com maior complexidade os aspectos do IHGB e sua ligação com a construção de uma identidade nacional. Por fim, a terceira parte focará nos dados da documentação, que retiramos a partir da leitura delas, tais como o número de citações de gregos e romanos que apareciam, quais as figuras do passado que mais eram recorrentes nos discursos. Com esse capítulo objetivamos apresentar como o IHGB e sua Revista operavam, assim como ressaltar as relações dos discursos dessa instituição com a construção da identidade e masculinidade brasileira. Ademais, ao retomarmos a documentação, visamos relacionar esses aspectos de construções de discursos com a questão do passado greco-romano, a partir da ideia de recepção e de masculinidade, aspectos retratados em nosso primeiro capítulo.

2.1 O INSTITUTO E A RIHGB

Os sócios do Instituto, conforme apresentamos no capítulo anterior, possuíam ideais sobre identidade, masculinidade. Porém, nem sempre as noções dos membros eram transmitidas para o Brasil pela forma escrita. Para divulgar, então, documentos e projetos de coalizão nacional, em 1839 – período imperial - a Revista do IHGB é criada (RIHGB). Ressalta Hugo Hruby que, no contexto em que foi fundada, as revistas históricas possuíam um importante papel na transformação ou manutenção de modelos identitários e de masculinidades que iriam existir nas nações. Isso em um âmbito não somente do Brasil, mas em um espectro ocidental.¹¹² Em nosso caso particular, afirma Rollie Poppino que o padrão intelectual – masculino, racional, de elite - que ficou fixado foi moldado pelo Instituto, sendo a revista dele a principal publicação científica

¹¹² HRUBY, op. cit., p. 19.

nacional.¹¹³ Alice Canabrava, ademais, considera-a essencial para o entendimento da história brasileira e da própria concepção do que seria a disciplina da História para o Brasil.¹¹⁴

Além dessas questões, acreditamos que é imprescindível analisarmos como a Revista funciona e como se estrutura: Hugo Hruby aponta que essa revista era inicialmente publicada com uma periodicidade trimestral, mas que a partir do ano de 1864 ela se torna semestral.¹¹⁵ Em 1889, com a mudança de regime do Império para a República, o Instituto sofre cortes, conforme comentamos no item anterior. Apesar disso, como ressalta Claudia Regina Callari,¹¹⁶ a Revista nunca deixa de ser publicada. Isso faz, afirmam Lucia Guimarães e Birgitte Holten, com que essa publicação seja considerada como uma das mais constantes e antigas da História do Ocidente.¹¹⁷

Considerando esses aspectos, entendemos a RIHGB como um importante e interessante instrumento de investigação, sendo ela altamente valorizada pelos intelectuais e pela elite do período, impactando diretamente na construção do que seria um cidadão, um intelectual, um homem no Brasil e por isso acreditamos que ela seja uma importante documentação para o maior entendimento do período da Primeira República.

Ademais, é preciso explicar que a Revista – no período em que estudamos - é dividida em dois volumes anuais¹¹⁸ (um sendo publicado em um semestre, e o segundo em outro). O primeiro engloba a publicação de artigos científicos realizados por membros do Instituto e, também, a divulgação de documentos históricos ou geográficos que o IHGB havia recolhido. Esses artigos possuíam diversas temáticas, tais como relatos de viagem para as regiões brasileiras feitas pelos sócios, artigos sobre a história regional, ou sobre temas globais como a participação de mulheres na guerra, etc.

¹¹³ POPPINO, Rollie. Um século da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *RIHGB*, v. 314, p. 303, 1977.

¹¹⁴ CANABRAVA, Alice. Piffer. Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano de Abreu. *Revista de História*, São Paulo, v. 43, n. 88, p. 417-424, out./dez. 1971.

¹¹⁵ HRUBY, Hugo. Obreiros diligentes e zelosos auxiliando no preparo da grande obra: a História do Brasil no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1912). Porto Alegre, 2007, p. 20.

¹¹⁶ CALLARI, Cláudia Regina. Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 59-82, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882001000100004&lng=en&nrm=is-o. Acesso em 03 de Fevereiro de 2020, p. 60.

¹¹⁷ HOLTEN, Birgitte.; GUIMARÃES, Lucia, Maria, Paschoal. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Real Sociedade dos Antiquários do Norte e o Dr. Peter Wilhelm Lund: a suposta Presença escandinava na Terra de Santa Cruz e a ciência. In: *Encontro de 1997 da Latin American Studies Association*, Continental Plaza Hotel, Guadalajara, México, 17-19 de abril de 1997, p. 03.

¹¹⁸ A partir de 1864, conforme explicitado no primeiro capítulo.

O segundo volume apresentava ora documentos ou artigos, mas também possuía as transcrições de atas das sessões periódicas que ocorriam no IHGB, ao decorrer do ano. Havia, então, nessas atas, a transcrição literal de discursos proferidos nas reuniões e, também, as propostas da diretoria e de membros, assim como pareceres das comissões de trabalho, documentos e obras enviados e recebidos. É essencial ressaltarmos que o recorte de 1889 até 1930 é longo e que as Revistas do Instituto são extensas (podendo variar de 200 páginas até aproximadamente 1600). Nessas volumosas páginas aspectos eram recorrentes, como a noção de apresentar o IHGB como uma importante instituição brasileira.

Ainda que a Revista tenha sido criada no período imperial, é importante afirmar que com a mudança de regime político, mudanças ocorrem no Instituto e na publicação da RIHGB. É importante afirmarmos que os ideais republicanos estavam presentes no Brasil antes mesmo da sua proclamação, porém foi apenas a partir da década de 1870 que esse modelo político se torna uma alternativa considerável. O movimento abolicionista, as migrações internas, a Guerra do Paraguai, a imigração europeia, os conflitos entre a Igreja Católica, o Estado e os militares contribuíram para que a República fosse possível.¹¹⁹

Com a República inicia-se, para os membros do IHGB, um período de instabilidades e incertezas. Isso devido, principalmente, ao fato de que – como comentamos – o antigo imperador era o responsável pelo financiamento de grande parte das viagens e das pesquisas feitas pelos sócios dessa instituição.¹²⁰ Essa insegurança mostrou-se justificada: em 1892 e 1893 os subsídios que anteriormente o Instituto recebia foram cortados pela metade. Ademais, a questão financeira pesou de maneira tão profunda que eles chegaram a cogitar o fechamento do IHGB. Os membros citam, em uma Revista de 1915, que um ministro do governo (seu nome não é citado) defende a dissolução da instituição e afirma que seu acervo deveria ser doado para a Biblioteca Nacional.¹²¹

Considerando essas dificuldades econômicas, os membros do Instituto mudam suas posturas em relação a quem poderia fazer parte do IHGB: anteriormente, para se tornar membro era necessário apenas um interesse pessoal e, além disso, que essa

¹¹⁹ TREVISAN, op. cit., p. 32.

¹²⁰ Ibidem, p. 33.

¹²¹ Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1944, p. 430 - 431.

pessoa demonstrasse um conhecimento literário considerado como suficiente pelos intelectuais do Instituto. Porém, após a proclamação da República, foi determinado pela instituição que, para a admissão de um novo membro, ele deveria demonstrar sua suposta suficiência literária e, ademais, pagar uma jóia no valor de 20.000 réis para a entrada e, também, uma taxa de 6.000 réis que deveria ser paga semestralmente.¹²²

Outra medida tomada pelo Instituto para a arrecadação de dinheiro foi a criação da categoria de Sócios Beneméritos. Esse título seria conferido para membros que “por sua avançada idade, consumado saber e distinta representação, estejam no caso de dar crédito ao Instituto em circunstâncias de justificar a escolha”¹²³ Dessa maneira, esses sócios eram incentivados veementemente para que colaborassem com o financiamento do IHGB.

Observamos, assim, que o Instituto teve de enfrentar diversas dificuldades para permanecer com suas publicações e com suas pesquisas com a mudança de regime, correndo o risco, inclusive, de ter suas portas fechadas. Ainda assim, a partir da implementação dessas políticas financeiras, a instituição consegue ter uma renda suficiente para continuar com suas atividades.

Além das dificuldades econômicas, os membros possuíam um apreço pelo regime monárquico e, também, pela própria figura do Imperador. Assim, os sócios do IHGB não assumem uma postura de aceitação e de apoio ao novo regime. Apresentam-se como neutros em relação ao âmbito político, aspecto muito diferente em relação ao período imperial. Enquanto na monarquia os membros apresentavam claramente um apoio à Dom Pedro II, na República o Instituto afirmou-se como afastado da política, detentores da ciência e, assim, neutros.¹²⁴ Eles não sabiam, ademais, se esse novo regime seria permanente. Acreditavam que pudesse ser temporário, e que logo a Monarquia seria restaurada.

Esses fatores de cortes ao Instituto e da ideia de que logo Dom Pedro seria o líder novamente fizeram com que uma proposta do membro Barão Homem de Mello – de saudação do Instituto frente ao novo líder, Marechal Deodoro – fosse negada pelos outros sócios do IHGB. Contudo, ao passar o tempo, os intelectuais da instituição

¹²² Ibidem, 1890, p. 632.

¹²³ Idem.

¹²⁴ CALLARI, C. R. Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº 40, 2001, p. 65.

aceitaram que esse regime seria permanente e, assim, concordaram com a necessidade de adaptarem-se aos novos tempos.

O então líder do IHGB – Olegário Herculano de Aquino e Castro – que foi o presidente do Instituto durante os anos de 1891 e 1906, articulou a reaproximação do Instituto com o governo. Após a presidência dos militares, essa instituição começa a se aproximar novamente da esfera política: uma comissão do Instituto dirige-se ao presidente Prudente de Moraes para cumprimentá-lo. Esse ato de aproximação faz com que este presidente compareça a uma Sessão Magna de Aniversário do IHGB, no ano de 1894.¹²⁵

Apesar do fato do Instituto ter conseguido manter-se aberto frente às dificuldades do novo regime, é importante ressaltar que essa reaproximação da instituição com o poder político fez com que os investimentos voltassem para o IHGB com uma maior ênfase, e assim o alto padrão de viagens e pesquisas pôde ser mantido.¹²⁶ O aumento de investimentos foi de 100%. Em troca desse investimento, a instituição deveria disponibilizar para o governo o seu acervo.¹²⁷ Essas relações de conciliação ou essas mudanças que eram sentidas no Instituto apareciam nas publicações da Revista. Revista que, apesar das dificuldades passadas pela instituição, nunca deixou de ser publicada no período republicano.

Entendemos, assim, que as revistas do Instituto eram um importante modo de propagação das ideias intelectuais do período, tornando assim possível que seus membros passassem a compartilhar ideias em comum sobre o que era ser brasileiro e ser homem. Essa documentação foi analisada por outros autores,¹²⁸ mas nunca com o enfoque dos estudos de recepção do passado e sua relação com a construção de masculinidades. Reforçamos a importância desse estudo para que entendamos as particularidades das criações identitárias masculinas no Brasil republicano, algo que é pertinente em nossa contemporaneidade, pois possibilita reflexões referentes a como os discursos constroem identidades e como elas podem impactar em relações de poder tais como a afirmação do masculino sobre o feminino.

¹²⁵ GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

¹²⁶ TREVISAN, op. cit., p. 35.

¹²⁷ Ibidem, p. 25.

¹²⁸ Como Coelho (1981), Guimarães (1988), Holten e Lúcia Guimarães (1997).

Essa ideia de sobreposição do masculino sobre o feminismo é englobada nas problematizações dos estudos de gênero que, como afirma Joan Scott,¹²⁹ é uma categoria que aborda as relações *entre* mulheres e homens. Assim, ressaltamos que o IHGB é uma instituição masculina no período republicano, mas que esse foco na masculinidade não é algo natural, mas construído discursivamente por seus membros e que realiza, também, contraposições com o ideal do que deveria ser o feminino, para assim novamente afirmar o masculino, como ressalta Scott.

Essa constituição é permeada pelas noções de gênero, mas também, especificamente, pelas questões de masculinidade e virilidade. Elizabeth Badinter ressalta que a masculinidade é frágil e que a virilidade é construída. Essa construção seria feita a partir de uma demanda constante que a pessoa provasse que era homem, a partir de discursos que ressaltavam que homens deveriam ser desligados dos sentimentos, não poderiam chorar, deveriam ser fortes, guerrear, e não poderiam demonstrar fraqueza ou passividade.¹³⁰ Ademais, muito da construção da virilidade seria feita pela negação, por aquilo que o homem não poderia ser.¹³¹ Por isso, afirma que por isso há a constante necessidade masculina de ficar reforçando e provando sua masculinidade e sua identidade sexual. Ademais, afirma que essa própria criação da identidade sexual masculina é algo recente, que data do fim do século XIX, período que englobamos em nossa análise.

Assim, ressaltamos que no momento da criação da RIHGB, no período imperial, as questões de masculinidade e nacionalidade existiam. As maneiras com as quais os intelectuais se relacionavam com o poder público se transformaram com a República. Ainda assim, algo que permaneceu sendo foco de interesse dessa instituição foi a questão da cidadania, da identidade brasileira, do reforço do papel masculino como o principal. Dessa forma, a masculinidade era algo que permaneceu como um foco entre os membros. Masculinidade que, como ressalta Badinter e Scott, sempre são construídas e que, a todo instante, necessita ser reafirmada, por não ser natural ou inata. Ademais, no caso do Instituto, masculinidade que era construída conjuntamente com as noções de cidadania e nacionalidade.

¹²⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução Guacira Lopes Louro. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, Jul./dez. 1995, p. 06.

¹³⁰ BADINTER, op. cit.

¹³¹ Ibidem, p. 34.

Esses aspectos mencionados acima percorrem diferentes partes da documentação do IHGB, mas apareciam com ênfase nas Sessões Magnas de Aniversário, nosso foco a seguir.

2.2 A REVISTA DO IHGB E A NAÇÃO

Em nossa monografia optamos por trabalhar com as Sessões Magnas de Aniversário do IHGB. Essas Sessões ocorriam de forma anual, no próprio Instituto, para que fosse comemorado o aniversário da instituição: se reuniam, jantavam e ouviam os discursos do Presidente do IHGB, do Primeiro Secretário e do Orador Oficial do Instituto. Essas falas eram transcritas integralmente e eram publicadas na RIHGB. Considerando que a data de fundação do Instituto foi dia 21 de outubro de 1838, a Sessão Magna ocorria nesse dia. Ainda assim, quando o então Imperador D. Pedro II presidiu uma sessão de aniversário do IHGB em 15 de dezembro de 1849, a data da comemoração da Sessão Magna de Aniversário passou para esse dia. Com a mudança de regime e a instalação da República, em 1889, os intelectuais optam por não comemorar o aniversário do Instituto. Em 1890 ela volta a ocorrer, mas ainda na data de 15 de dezembro. Porém, a partir de 1906 a data de comemoração passa para o dia 21 de outubro, a data oficial de fundação da instituição. As atas de todas as reuniões eram publicadas no segundo volume anual da RIHGB.

Nas Sessões Magnas de Aniversário do IHGB, a partir da análise realizada em nossa monografia, alguns ideais mostraram-se presentes. O presidente do Instituto, nelas, realizava um discurso em que comemorava os grandes feitos da instituição no ano que havia passado. A partir disso, em diversos momentos os personagens gregos e romanos apareciam. Essa retomada histórica do ano que havia se passado era feita com uma ênfase em questões patrióticas, em que o IHGB teria colaborado com a construção da nacionalidade por mais um ano. Em 1902, em um desses discursos, o então presidente do Instituto, Sr. Olegário Herculano de Aquino e Castro, afirmou que:

a história, esta grande mestra da vida, na expressão de Cícero, testemunho irrecusável do tempo [...]. A história tem por escopo a verdade, e como meio de atingi-la, o supremo encargo de acompanhar a marcha progressiva da humanidade.¹³²

¹³² Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, número 65, publicada em 1902, p. 427.

Esse trecho de Aquino e Castro tem um contexto específico, momento em que elogia as ações do Instituto em ajudar a construir a história da nação brasileira. Assim, demonstra qual noção de história que estava presente no ideal do IHGB: uma história, inspirada na máxima de Cícero e, portanto, a mestra da vida, um exemplo a ser seguido, em que aprendemos com os erros e acertos do passado. Ademais, essa noção história viria em conjunto com uma ideia progressista do mundo, em que a nação brasileira caminharia – a partir do IHGB – para um futuro, com toda a humanidade. Essas duas concepções históricas deveriam ser utilizadas como método pelo Instituto para que fosse alcançada a verdade: a verdade sobre o passado, sobre o Brasil. Dessa forma, entendemos que a própria construção sobre o que é a história, no Instituto, era permeada por personagens do passado romano como Cícero, retomado em um contexto também republicano, mas no século XX.

A ideia de verdade também aparece em vários trechos do Instituto, o que faz com que acreditemos que isso não era algo pensado apenas por um membro dessa instituição, e sim recorrente na visão de mundo dos sócios do IHGB. Em 1915, mencionando a questão da Verdade, o secretário Conde de Affonso Celso, relata que:

Ilustrados consócios – Aedem veritatis studiose costruimus – com essa belíssima legenda, criada pelo talento de nosso insigne orador, início o meu oitavo relatório. Com aplicação construimos um templo à Verdade.¹³³

Esse trecho, dito por Affonso Celso, está dentro de seu discurso que, em consonância com os discursos do Presidente, elogiam os feitos do Instituto no ano que passou. Enquanto os discursos presidenciais possuem um teor mais teórico, as falas dos secretários focam em questões mais práticas, literalmente citando as publicações e realizações feitas pela instituição. Esse trecho transcrito que selecionamos é introdutório. Nele, chamamos a atenção para que a ideia de Verdade é colocada com um V maiúsculo, o que faz com que interpretemos que na visão do IHGB existiria apenas uma única verdade. A frase em latim está traduzida no final do trecho: “com aplicação construimos um templo à Verdade”. A ideia de perseverança e dedicação são presentes nos ideais que eles valorizam e o templo, entendemos, pode ser interpretado como o próprio IHGB. Esse templo estaria baseado e sustentado pela sua ligação com o passado greco-romano, símbolo, para os membros do Instituto, dos ideais por eles valorizados: progresso, civilização, razão.

¹³³ Ibidem, número 78, publicada em 1915, p. 629.

A ideia de progresso era vista como uma tocha civilizacional que passaria de grande nação para grande nação. Em outro discurso, o secretário ressalta essa ideia ao afirmar que: “a semelhança do que ocorria nos famosos jogos de Olympia, o facho aceso passa de mão em mão sem extinguir-se: lampada tradunt”.¹³⁴ O trecho em latim pode ser traduzido como: “luz/tocha transmitida”. Entendemos, assim, que a luz seria um símbolo de conhecimento, inteligência, e que acabaria com a escuridão da barbárie. Novamente, esse trecho está inserido em um discurso em que o secretário ressalta o papel do IHGB como o símbolo que levaria essa luz, que, conjuntamente com as outras nações vistas como civilizadas, extinguiria a escuridão da ignorância.

Nesse sentido, visávamos entender, ademais, se essa ideia de conhecimento se oporia a outros ideais, como a questão da força, por exemplo. O presidente Olegário Herculano de Aquino e Castro, nesse sentido, em 1899, comenta que:

Houve tempo e nações diversas em que soberbo procurar firmar-se o predomínio da força entre a superioridade da intelligencia illuminando o mundo com o fulgor dos seus raios. Registra a história em páginas brilhantes os memoráveis séculos de Péricles e Augusto, de Leão X e Francisco I, de Luís XIV e Napoleão o Grande, cujos nomes simbolizam ainda hoje a preeminencia do gênio, do fascínio da sciência e o florescimento das artes, ou a majestade do poder, peso das armas e o esplendor das vitórias com esforço ganhas em sangrentas lutas.¹³⁵

Nesse trecho o presidente comenta sobre a grandeza de figuras do passado. Isso em um discurso que ressaltava a grandiosidade do Instituto. Nesse sentido, esses personagens do passado são colocados como iguais aos membros da instituição. A ideia da inteligência é vista como a superior em contraposição a outras qualidades humanas. Nesse sentido, entendemos que a característica de uma identidade nacional que os membros do IHGB desejavam ressaltar era a ideia de intelectualidade, pois é ela a considerada como superior, a responsável por iluminar o mundo.

Esse enfoque na questão de personagens grandiosos e na ideia de inteligência era recorrente e em um discurso, o secretário Affonso Celso ressalta, em 1929 que:

Essa magna cultura que nos deu ao mundo os Aristóteles, os Newton, os Laplace, os Lavoisier; e ainda nos nossos dias os Pasteur, os Roentgen, os Marconi; e porque não acrescentar também a essa gloriosa plêiade os Rios Branco, os Oswaldo Cruz, os Ruy Barbosa, cada qual na sua esfera de atividades, nossos, muito nossos, luzeiros do Brasil e da América.¹³⁶

¹³⁴ Ibidem, número 82, publicada em 1917, p. 840.

¹³⁵ Ibidem, número 62, publicada em 1899, pp. 408-409.

¹³⁶ Ibidem, número 106, publicada em 1929, p. 800.

A cultura a qual o sócio comenta é a cultura de intelectualidade que ele afirma que o Instituto estava cultivando. É interessante observarmos que ele coloca os intelectuais no plural: “os Aristóteles”. Isso, entendemos, indica que no mundo há diversos sujeitos proeminentes como esses pensadores citados. A menção desses filósofos é feita de forma cronológica, começando a partir de Aristóteles, a partir do mundo grego. Esse início, na Antiguidade grega, indica que os membros do IHGB consideravam a Grécia como o berço da civilização, da racionalidade. Após o pensador grego há a menção de intelectuais europeus e, por fim, brasileiros. Essa inclusão de pessoas do Brasil, faz com que acreditemos que os membros do IHGB desejavam inserir a nação brasileira como pertencente a esse mundo de intelectualidade e razão ocidental.

A mesma ideia de inserir o Brasil nesse âmbito ocidental aparece em 1890, quando o presidente do Instituto Joaquim Norberto de Souza Silva afirma que:

Luiz Correa Teixeira de Bragança, desembargador Antonio José Duarte [...] Marques de Nazareth, brigadeiro Estevão José Carneiro da Cunha [...] constituíram uma vasta galeria de retratos dignos sem a menor dúvida de figurar no panteão das mais adiantadas nações do globo.¹³⁷

O presidente, nesse discurso, homenageia alguns membros que haviam falecido no ano de 1890, sendo eles escritores, advogados, intelectuais. Retoma o passado ao relacioná-lo com o presente a partir do panteão. Este seria o conjunto de deuses ou o templo devotado aos deuses. Ao relacionar isso com os membros que faleceram, entendemos que o presidente considera os sócios do Instituto como tão dignos, podendo inclusive ser considerados como deuses. Ademais, há a ideia de “mais adiantadas nações do globo.” Dessa maneira, o panteão seria composto de pessoas de diferentes nações. O Brasil, nesse sentido, seria uma das nações mais avançadas de todo o mundo, pertencendo a esse rol de civilização. Além disso, ao considerar que há nações mais adiantadas, há uma ideia de progresso, em que outras civilizações seriam, dessa forma, menos evoluídas.

Quais seriam os parâmetros para dizer quais nações seriam mais ou menos avançadas? De acordo com o próprio secretário do IHGB, Affonso Celso: “são as instituições científicas e literárias verdadeiro termômetro da civilização de um povo.”¹³⁸ Nesse trecho, Celso ressalta a importância do papel do Instituto, sendo ele o

¹³⁷ Ibidem, número 53, publicada em 1890, p. 574.

¹³⁸ Ibidem, número 66, publicada em 1903, p. 306.

parâmetro para indicar se o Brasil seria ou não digno de pertencer ao âmbito ocidental e intelectual. Assim, seria o IHGB o responsável por pensar qual seria a identidade nacional, qual seria a nacionalidade ideal a ser construída. O presidente dessa instituição, Olegário Herculano de Aquino e Castro, nesse sentido, comenta que:

Dizia o poeta Lucrécio, em conceituosos versos comparando a força da vontade à ação lenta e poderosa da branda gota de água incessante cavando a dura rocha: vincit omnia constantia... Nonne vides etiam guttas in saxa cadentis Umoris longo in spatio pertundere saxa? Os estudos históricos que constituem, como sabeis, o posto essencial do elenco do Instituto, tem sido em toda a parte e em todos os tempos objeto da particular atenção dos homens ilustrados, verdadeiros fanões da opinião, preceptores da sociedade, a quem toca a elevada incumbência de educar os povos nas lições proveitosas do passado e guiá-los com a segurança que só dão o estudo, a observação e a prática da vida, na longa e escabrosa senda do porvir.¹³⁹

O trecho afirma, nesse sentido, a função que teriam os membros do Instituto: ensinar e guiar o povo para um futuro seguro. O ensino do IHGB reforçaria a identidade brasileira constituída pelos membros, ou seja, possuindo ideais de civilização, progresso, intelectualidade, evolução. Isso, ressaltamos, possuindo como base aspectos do passado greco-romano. O Instituto tinha noção da importância do papel da história para a construção desses ideais almejados. A frase em latim pode ser traduzida como: “a constância vence tudo. Não vê que as gotas do líquido, ao caírem nas rochas, furam-nas após um longo período de tempo?”.¹⁴⁰ Traz, em seu discurso, o poeta romano Lucrécio, e a partir da frase afirma que com persistência os objetivos são alcançados. Acreditamos que essa ideia foi proferida para reafirmar a necessidade de, a partir da persistência, difundir a cultura e identidade brasileira que os membros desejavam.

Porém, ainda que os intelectuais do Instituto visassem fazer com que esse ideal de nacionalidade fosse difundido para toda a população brasileira, é importante ressaltarmos que o IHGB era uma instituição de elite, masculina, e que a RIHGB circulava principalmente entre os setores mais enriquecidos do Brasil. Considerando que quem escrevia a história, a identidade, a nacionalidade nessa instituição (homens, brancos, de elite), os ideais de qual seria a nação brasileira ideal, para eles, não englobava diversos setores da população nacional, como as mulheres, os indígenas, os negros, os menos favorecidos economicamente.

¹³⁹ Ibidem, número 61, publicada em 1898, p. 729-730.

¹⁴⁰ Tradução nossa.

Michael Kimmel, no livro *Manhood in America*¹⁴¹ ressalta que essas ideias de raça, classe e de gênero não tratam apenas dos marginalizados, dos “outros”, mas que essas categorias também valem para analisar os homens, brancos, de elite.¹⁴² Afirma que a masculinidade hegemônica, por sua vez, é definida também pela interação entre homens, pela ideia de camaradagem, de companheirismo, de homofobia, de machismo. Assim, ao não comentarem sobre as mulheres, os negros, a população desfavorecida, os membros do Instituto ressaltavam a ideia de uma identidade nacional que deveria ser branca, rica, masculina.

Essas questões de nacionalidade foram essenciais para que relacionássemos essa construção identitária com a idealização do que deveria ser o masculino para o Instituto. No próximo tópico comentaremos sobre a aparição dos clássicos na Revista do IHGB. Dessa forma, apresentaremos em quantos trechos os gregos e romanos estão presentes, quais eram as personagens mais citadas, quem eram os maiores discursadores que apropriavam-se do passado clássico.

2.3 OS GREGOS E ROMANOS NAS REVISTAS DO INSTITUTO

Conforme comentamos anteriormente, em 1839 a Revista do IHGB é criada para que os membros pudessem divulgar documentações e projetos do Instituto.¹⁴³ Dentro do recorte de 1889-1930, 84 volumes da RIHGB foram publicados. Porém, como abordaremos somente as segundas revistas de cada ano, analisamos um total de 42 volumes.¹⁴⁴

Em nossa leitura de 42 revistas encontramos um total de 118 trechos que mencionam o passado greco-romano.¹⁴⁵ Dessas menções, 32 foram feitas em artigos

¹⁴¹ KIMMEL, Michael. *Manhood in America*. Oxonia: Oxford University Press, 1996.

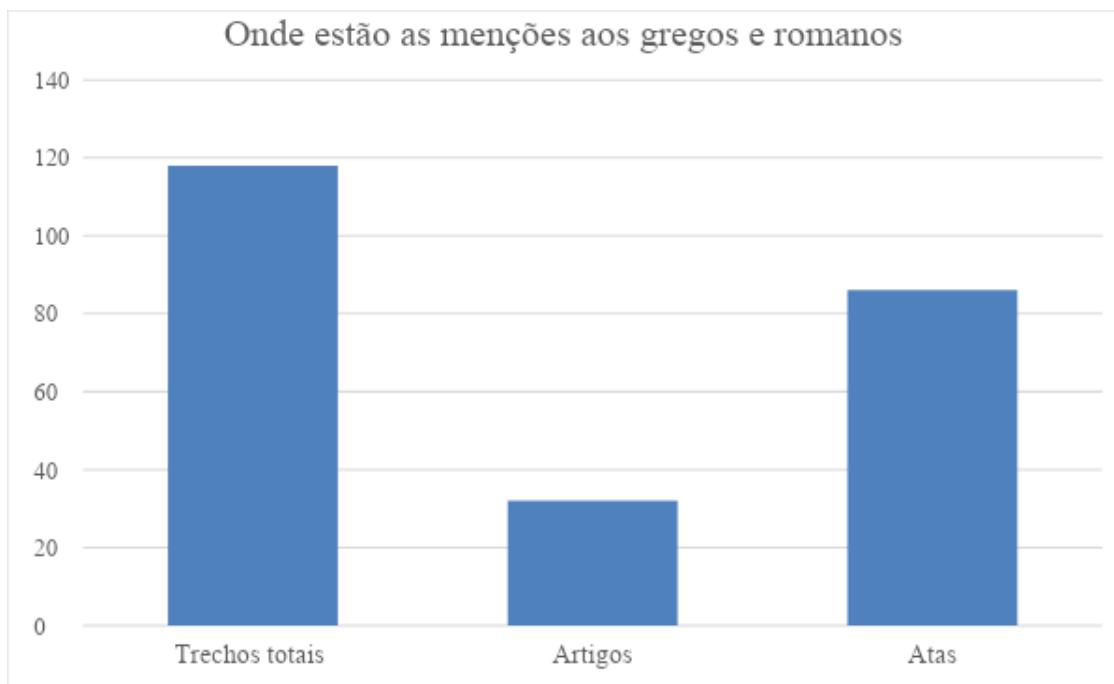
¹⁴² Ibidem, p. 04.

¹⁴³ Doravante RIHGB.

¹⁴⁴ Essas revistas estão disponíveis para serem acessadas no site do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (<https://ihgb.org.br/>), seja para acesso *online*, ou para *download*. Elas também se encontram disponíveis para serem lidas na sede do IHGB, na cidade do Rio de Janeiro.

¹⁴⁵ É importante apontarmos que havia menções também a outras referências, como a Bíblia. Porém, as menções aos aspectos bíblicos eram mais recorrentes no período imperial. Ademais, há, nos discursos do Instituto, trechos em francês, espanhol e inglês, principalmente pelo fato de que havia membros desses países que faziam parte do Instituto. Outro universo de referência importante era a Europa, em que pensadores, líderes políticos, filósofos eram mencionados pelos membros para construírem aspectos de identidade e masculinidade. Ainda que essas outras referências existissem, frisamos que era o passado

científicos, enquanto que 86 apareceram nas atas das sessões do IHGB. Colocamos esses dados na seguinte tabela para maior clareza.



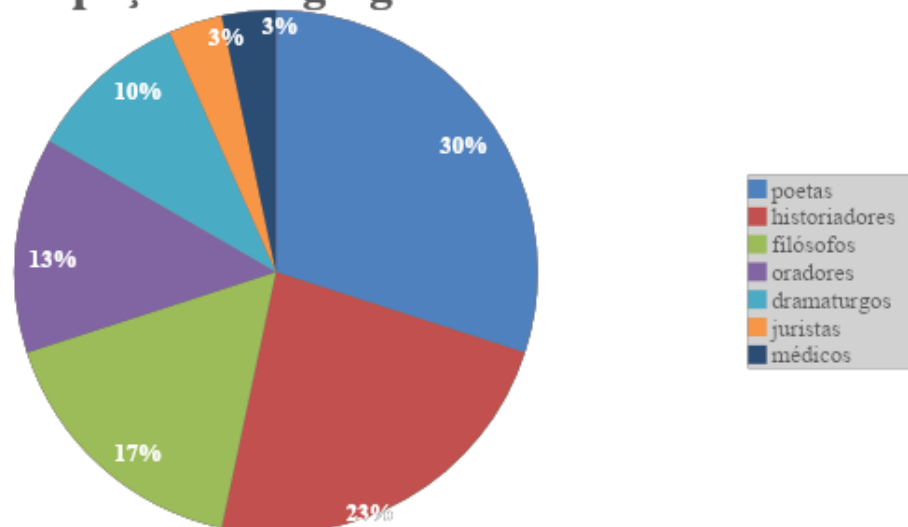
Fonte: Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Elaboração própria.

A parte referente aos trechos totais indicam todas as aparições de gregos e romanos, seja a partir da menção de nomes de figuras da Antiguidade, seja a partir de frases em latim. Com esse gráfico, podemos observar que ainda que a maioria dos trechos que encontramos estejam nas Atas da Revista, ainda há um número expressivo dessas aparições nos Artigos das Revistas do IHGB, o que faz com que consideremos como importante essa parte para a nossa pesquisa, em que os trechos tanto dos artigos, quanto das atas, serão analisados no terceiro capítulo.

As menções presentes nesses trechos referenciam-se a elementos do mundo grego e romano, sendo que houve 21 menções aos gregos e 20 aos romanos. Os autores que foram citados eram principalmente poetas (nove menções), historiadores (sete menções) e filósofos (cinco menções). Há também menções a oradores (quatro menções), dramaturgos (três menções), juristas e médicos (uma menção cada). Ademais, parte dos personagens do passado clássico que eram citados eram pertencentes ao mundo da mitologia. No gráfico seguinte apresentaremos as ocupações dos personagens não fictícios citados pelos membros do Instituto:

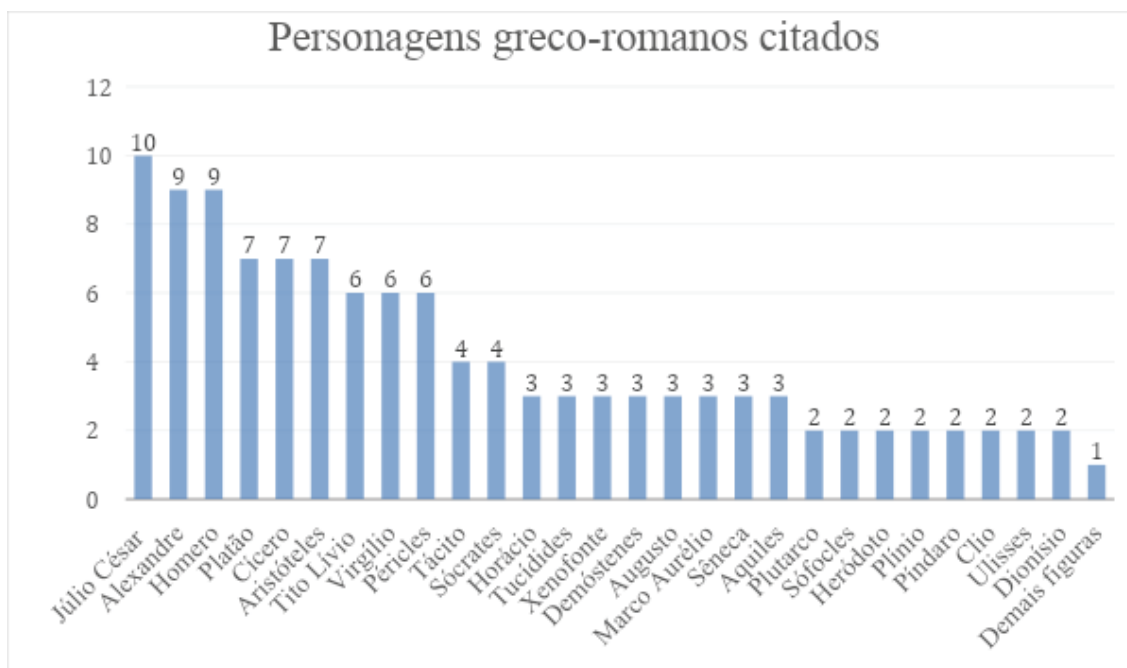
greco-romano, conjuntamente com as referências à Europa, os aspectos mais recorrentes dos discursos do IHGB.

Ocupações dos gregos e romanos citados



Fonte: Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Elaboração própria.

Conforme observamos, a grande maioria das figuras greco-romanas citadas possuíam ocupações atreladas com o pensar, com a escrita e a intelectualidade. Ademais, os personagens mais citados foram Júlio César (dez menções), Alexandre (nove), Homero (nove), Platão (sete), Cícero (sete), Aristóteles (sete), Tito Lívio (seis), Virgílio (seis) e Péricles (seis). Tácito e Sócrates foram mencionados quatro vezes cada. Horácio, Aquiles, Tucídides, Xenofonte, Demostenes, Augusto, Marco Aurélio e Sêneca foram mencionados três vezes cada. Plutarco, Sófocles, Heródoto, Clio, Ulisses, Plínio, Dionísio, Píndaro foram citados duas vezes cada e Baco, Júpiter, Aristófanes, Políbio, Lucano, Aristides, Alcebiades, Isócrates, Zeus, Minotauro, Anacreonte, Píndaro, Apolo, Thetis, Efesto, Heitor, Minerva, Ulpiano, Hipócrates, Claudio, Nero, Lucrécio, Teseu, Terêncio, Salústio, Quintiliano, Aureliano, Esquilo foram citados uma vez cada. Além dessas menções, destacamos a presença de frases em latim, 31 aparições no total.



Fonte: Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Elaboração própria.

Como podemos observar, grande parte dos personagens mencionados atuavam politicamente. Ademais, outras figuras recorrentes eram ligadas à filosofia, à oratória. A partir disso, entendemos que era a partir desses personagens intelectuais da Antiguidade que os membros do IHGB visavam construir os ideais de identidade e masculinidade brasileira.

Aponta Anita Correia Lima de Almeida que a população brasileira possuía alguma noção sobre a Antiguidade Clássica. Ressalta que a imprensa, em relação ao vulcão Vesúvio, apresentava-o como uma força da natureza e, ademais, tratava sobre o passado do vulcão, trazendo a sua história para provar o poder de destruição que possuía. Afirma que na formação escolar do Rio de Janeiro os estudos da antiguidade ocupavam um importante local e que os jornais ajudavam a popularizar essas temáticas.¹⁴⁶

Ademais - num escopo diferente - segundo José Antonio Dabdab Trabulsi, a Antiguidade não era conhecida de forma superficial. Esse autor apresenta questão da presença da Antiguidade na Revolução Francesa, apontando que ela pode indicar aspectos como a impregnação de um décor antigo. Dessa forma, segundo Trabulsi, os franceses conheciam-na de forma familiar, e era utilizada para exprimir situações, fatos

¹⁴⁶ ALMEIDA, Anita Correia Lima de. Pavoroso espetáculo: o culto ao Vesúvio no Rio de Janeiro oitocentista. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. 500, set./dez. 2017.

e projetos da contemporaneidade.¹⁴⁷ Aponta Trabulsi que a Antiguidade foi retomada quando a ameaça de um poder popular apareceu no horizonte da França de 1789. Para combater essa frente revolucionária, procurou-se em Atenas exemplos que provassem a “ingratidão” do povo em relação aos que seriam vistos como os “benfeitores” da pátria, como Sócrates, Demóstenes e Aristides.¹⁴⁸

Ainda que o foco desse texto de Trabulsi seja na França, considerando a partir da presença de membros do IHGB que haviam estudado na Europa, assim como pela presença de frases em francês nas Revistas do Instituto, entendemos que havia uma circularidade de ideias entre o Brasil e a França. José Murilo de Carvalho, no livro *A formação das almas:- O imaginário da República no Brasil*, comenta que, no período da proclamação da república brasileira, havia uma circularidade de ideais vindos de outros países, tais como a noção de democracia dos Estados Unidos, a questão dos ideais da Revolução Francesa. Nesse sentido, o autor apresenta que havia diversos discursos, impactados por uma circularidade de ideias, que disputavam entre si sobre como deveria ser a República Brasileira, a identidade nacional.¹⁴⁹ Acreditamos, ademais, que assim como intelectuais de outros países, como os franceses, possuíam um rol de conhecimentos sobre a Antiguidade, isso ocorria também no Brasil, pois os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fazendo parte da população letrada, possuíam um vasto conhecimento sobre a Antiguidade Clássica, entendiam a língua latina, e possuíam um repertório de leituras de escritos feitos por personagens da Antiguidade. Além, disso, de forma semelhante ao caso francês estudado por Trabulsi, acreditamos também que a Antiguidade foi retomada pelos membros do IHGB para fins específicos como a formação de uma nacionalidade e masculinidade.

Nesse sentido, todas as referências ao passado greco-romano foram feitas por diferentes membros do Instituto: para sermos exatos, essas aparições ocorreram no discurso ou em artigos de 30 sócios, sendo todos eles homens. Alguns desses membros mencionam o passado clássico de forma mais recorrente. Affonso Celso (1860-1938) opera discursos em que gregos e romanos aparecem doze vezes, Olegário Herculano de Aquino e Castro (1828-1906) oito, Visconde de Taunay (1843-1899) três, Joaquim

¹⁴⁷TRABULSI, José Antonio Dabdab. *Liberdade, Igualdade, Antiguidade: a Revolução Francesa e o Mundo Clássico*. *Phôenix*, Rio de Janeiro, 4: 209, 1998.

¹⁴⁸ TRABULSI, José Antonio Dabdab. *Liberdade, Igualdade, Antiguidade: a Revolução Francesa e o Mundo Clássico*. *Phôenix*, Rio de Janeiro, 4: 224, 1998.

¹⁴⁹CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas- O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Norberto de Souza e Silva (1820-1891), Tristão Alencar Araripe (1821-1908), Manuel Francisco Correia (1831-1905), Henrique Raffard (1851-1906), Antonio Ferreira da Souza Pitanga (1850-1918), Barão de Paranapiacaba (1827-1915) e Max Fleiuss (1868-1943) duas vezes e membros como Remédios Monteiro (1827-1901), Joaquim José Gomes da Silva Neto (1818-1903), Argemino da Silveira (1842-1898), José Luiz Alves (1870-1926), Evaristo Nune Pires (1836-1910), Alfredo Nascimento (1866-1951), José Américo dos Santos (1823-1904), Augusto Carneiro Lessa (1859-1921), Marquez de Paranaguá (1821-1912), Barão do Rio Branco (1845-1912), Barão Homem de Mello (1837-1918), Joaquim Nabuco (1849), Theodophilo Benedicto Ottani (1807-1869),¹⁵⁰ Erico Coelho (1849-1922), Arthur de Jaceguay (1843-1914), Manuel Cícero Peregrino da Silva (1866-1956), Visconde de Ouro Preto (1836-1912), Júlio Trajano de Moura (1867-1915) e Octaviano Pereira de Souza (1845-1916) uma vez.¹⁵¹

Durante os anos de nossa pesquisa alguns desses membros foram os presidentes: Joaquim Norberto de Souza Silva foi o presidente durante os anos de 1886 até 1891. Olegário Herculano d'Aquino e Castro no período de 1891 e 1908. Barão do Rio Branco nos anos entre 1908-1912 e Affonso Celso foi o presidente da instituição entre os anos de 1912 e 1938. Além da função de presidente, Aquino e Castro fora o vice-presidente do IHGB, antes de assumir a presidência, e também tesoureiro. Affonso Celso, de forma semelhante, também fora vice-presidente antes de assumir o cargo presidencial. Além do fato de que esses membros possuíam cargos extremamente elevados dentro do Instituto, outros dos membros que mais citaram os gregos e romanos também desempenhavam funções nessa instituição: Visconde de Taunay foi orador do Instituto, Tristão Alencar Araripe fora o tesoureiro, Manuel Francisco Correa foi o vice-presidente,¹⁵² Antonio Ferreira da Souza Pitanga foi orador e vice-presidente, Max Fleiuss o secretário, Alfredo Nascimento e Augusto Carneiro Lessa vice-presidentes, Barão Homem de Mello vice-presidente, assim como secretário, Manuel Cícero Peregrino da Silva vice-presidente e, posteriormente (1938-1939) presidente e Visconde de Ouro Preto foi também vice-presidente.

¹⁵⁰ Retomam, nesse caso, um discurso dito antes de falecer.

¹⁵¹ Esse foi o número de vezes em que trechos possuíam menções aos clássicos. Porém, por vezes mais de uma figura ou mais de uma frase latina são ditas, o que faz com que o número seja maior do que o número de discursos e artigos em que os gregos e romanos aparecem.

¹⁵² É importante ressaltarmos que no IHGB havia 3 vice-presidentes.

Com esses dados, extraídos do próprio site do Instituto, podemos observar que os membros que mais discursavam e utilizavam os gregos e romanos eram parte da diretoria da instituição, possuindo altos cargos. Ainda assim, ressaltamos que dos intelectuais que mencionaram os gregos e romanos, havia também sócios que não possuíram funções da diretoria, como Henrique Raffard, Barão de Paranapiacaba, Remédios Monteiro, Joaquim José Gomes da Silva Neto, Argemino da Silveira, José Luiz Alves, Evaristo Nune Pires, José Américo dos Santos, Marquez de Paranaguá, Joaquim Nabuco, Theodophilo Benedicto Ottani, Erico Coelho, Arthur de Jaceguay, Júlio Trajano de Moura e Octaviano Pereira de Souza.

Dessa forma, podemos ressaltar que o conhecimento sobre a Antiguidade Clássica estava difundido tanto entre os membros com cargos elevados, quanto os membros que participavam de forma mais ocasional no Instituto. Assim, acreditamos que os ideais sobre os gregos e romanos, sobre a nacionalidade e sobre a masculinidade, no IHGB, existiam de forma unificada, visto que grande parte dos membros de diversas categorias citam-nos. Ademais, acreditamos que os conhecimentos sobre os clássicos vinham desde a formação escolar. Conforme ressalta André Luiz Cruz Tavares,¹⁵³ o passado greco-romano era muito enaltecido no ensino secundário. Considerava-se que a cultura grega era importante pela questão da arte e da filosofia, e a romana seria essencial devido aos aspectos jurídicos e políticos de suas instituições. Ademais, a análise de Tavares englobou o livro *Elementos da História Universal*, dos Irmãos Maristas, e *Noções de História Universal – resumos das lições professadas na Escola Normal*, de Osório Duque-Estrada e Leôncio Correia. Esses livros eram os mais utilizados durante os anos de 1889 e 1930 e, além disso, Duque-Estrada e Correia eram docentes e administrativos do Colégio Pedro II, visto como o modelo de ensino secundário na Primeira República.

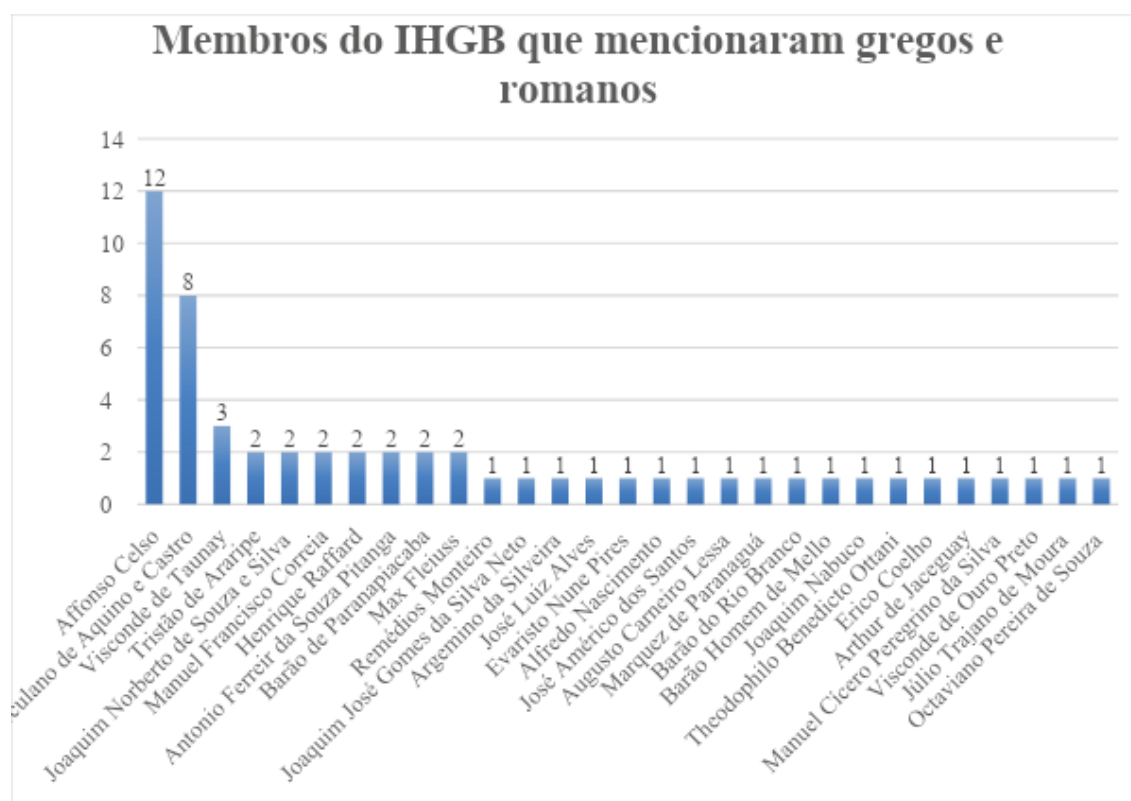
Entendemos que os membros do Instituto, a elite letrada da população brasileira do período, estudaram nessas instituições e, assim, possuíam em sua educação a questão greco-latina como um pilar fundamental do seu conhecimento. Dessa forma, acreditamos que ao utilizarem os gregos e romanos em seus discursos no Instituto, eles não o faziam de forma rasa e sem o conhecimento da língua ou da cultura antiga, pelo

¹⁵³ TAVARES, André Luiz Cruz. A presença da História Antiga nos compêndios didáticos de história da primeira república e a construção identitária nacional. 154f., 2012. Tese de doutorado – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2012, pp. 87-88.

contrário, conheciam esses nomes da antiguidade, esses livros, e a partir disso construíam os discursos para seus fins específicos de construção de masculinidade e cidadania.

Outro aspecto é que o IHGB possuía e possui um dos maiores acervos de biblioteca do Brasil. Ao realizarmos uma pesquisa em seus títulos, acabamos não encontrando obras, nas línguas originais, de autores da Antiguidade Clássica. Ainda assim, observamos a presença de diversas traduções de documentos, de obras gregas e romanas, traduções feitas pelos próprios membros do Instituto, em alguns casos. Assim, considerando que os membros traduziam essas obras, reforçamos nossa consideração de que havia um conhecimento, por parte dos intelectuais do IHGB, do passado e da cultura Antiga.

No gráfico seguinte há a disposição dos membros elencados com as citações dos greco-romanos:



Fonte: Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Elaboração própria.

Esses sócios do IHGB eram de uma elite intelectual, conforme afirmamos anteriormente nesse capítulo. Muitos deles eram professores, historiadores, poetas e membros de uma elite política, atuando seja cenário imperial ou republicano.

Acreditamos que essa influência intelectual e política consolidava e divulgava, a partir de seus discursos, ideais como a cidadania, a identidade e a masculinidade. Ressaltamos que os oradores que mais utilizavam os gregos e romanos em seus discursos eram membros que tornaram-se presidentes, o que faz com que possamos inferir que seus ideais sobre masculinidade, nacionalidade, identidade fossem partilhados por parte dos membros, visto que chegaram ao mais alto cargo do Instituto. Além disso, imaginamos também que o maior número de menções aos gregos e romanos feitos por essas pessoas pode-se dar pelo fato de que elas possuíam mais espaço de fala, sendo eles os principais oradores.

Ressaltamos que apesar de haver um maior número de trechos que mencionam os gregos e romanos do que os que trabalhamos nessa dissertação, realizamos esse recorte em certos trechos para abordarmos os aspectos que consideramos como mais relevantes para a construção da masculinidade. Acreditamos que em alguns momentos a ideia do que deveria ser homem era mais reforçada: nos discursos fúnebres (em que algum membro era homenageado após falecer); nas contraposições do masculino com o feminino e com a oposição da força com a inteligência; e nos discursos que reforçam a ideia de cidadania. É a partir desses três pontos que elaboramos o terceiro e último capítulo. Ressaltamos que esses três eixos implicam também na questão de temporalidade que era reforçada no Instituto. O primeiro, que versa sobre os discursos fúnebres, traz o foco para a questão da memória, do passado, do que foi. Interligado com ele está a questão do segundo ponto: a ideia de força e inteligência e do papel das mulheres está ligada com o presente, sobre como eles, na atualidade, veem o papel que a mulher deve desempenhar, como o homem deve atuar. O terceiro, também conectado com os outros dois pontos, ao tratar da questão da cidadania, retoma aspectos do futuro, sobre aquilo que o IHGB coloca como almejo, idealização, sobre aquilo que eles gostariam que fosse o homem do futuro, o Brasil do futuro.

Ademais, optamos por estruturar nossa análise da documentação de forma cronológica, para que possamos apresentar como esses trechos foram constituídos a partir das diferentes temporalidades e, além disso, reforçarmos nosso recorte final, pois na edição de 1930 não há menção aos gregos ou romanos.

3. A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES BRASILEIRAS NAS REVISTAS DO IHGB A PARTIR DOS GREGOS E ROMANOS

Objetivamos, nesse terceiro capítulo, analisar como a relação do passado clássico e da formação de identidade nacional impacta na construção de uma forma de masculinidade brasileira. Para isso, optamos por dividir este capítulo em três partes: como as menções ao passado clássico são recorrentes quando algum sócio falece, iremos abordar, na primeira parte, as relações entre o passado e o presente e a morte. Analisaremos quais aspectos dos membros são ressaltados no falecimento, quais figuras da Antiguidade são retomadas e o que esses aspectos podem significar. Na segunda divisão feita neste capítulo, traremos as articulações entre a virilidade, a feminilidade e a inteligência. Pretendemos observar como os membros do Instituto se posicionam frente a essas características e entender como isso, também, é relacionado com os gregos e romanos. Além disso, nesta subdivisão apresentaremos os trechos em que as mulheres são citadas. Isso porque, acreditamos, a construção de uma masculinidade cria, por sua vez, aspectos do que deveria ser o feminino. Por fim, na terceira parte deste capítulo, abordaremos como aparecem as questões de intelectualidade, das letras, da história, e como se interligam com as questões de cidadania no Brasil.

3.1 A MORTE, O CULTO À FIGURA, AO MASCULINO

A partir da documentação observamos que, em diversos momentos nos quais os antigos gregos e romanos eram citados, suas menções estavam vinculadas ao falecimento de algum sócio. Isso ocorria quase sempre na parte das atas da revista, devido ao fato de que, em algumas sessões, havia homenagem aos membros falecidos naquele ano. Ainda assim, em alguns artigos essas homenagens também mostravam-se presentes a partir do relato da trajetória de vida de um membro. Nesse sentido, ao encontrarmos essa frequente relação do passado clássico com o presente, no caso, com o membro recém falecido, buscamos analisar como isso operava e impactava a construção de uma masculinidade específica.

Afirma Fabíola de Jesus Soares Santana que, a partir do século XIX, com a ascensão do individualismo, do capitalismo, há um surgimento de uma atitude nova

diante da morte e há um maior culto sobre a vida do morto.¹⁵⁴ O obituário - gênero que mostra-se presente no IHGB – reforçava a importância das pessoas que eram representadas nesse texto.¹⁵⁵ Esses textos possuíam um caráter elegíaco e eram destinados às pessoas consideradas como as mais importantes da sociedade.¹⁵⁶ Ressaltamos que, no caso do IHGB, todos os membros que falecem são homenageados. Ademais, há uma fórmula nos discursos: inicia-se o discurso comentando sobre a grandeza do IHGB e de seus membros, de forma generalizada, para, em seguida, destrinchar a homenagem para cada membro individualmente.

Esse gênero fúnebre, aponta Santana, está relacionado com a necessidade humana de fixar na memória papéis que não remetem somente ao caráter da morte, mas também “a intensificação de ações ligadas às classes sociais de prestígio”.¹⁵⁷ Ou seja, além de fixar um ideal sobre a morte, eles também ressaltam ideais de vida da elite. Ademais, afirma a autora que os atores prestigiados nos obituários eram mencionados não apenas para informar a morte, mas para realizar uma narrativa dos atributos e feitos do morto.¹⁵⁸ Isso é forjado a partir de uma representação laudatória construída exaustivamente, com o relato individual, mas que possuía como propósito erigir um exemplo universal. Dessa forma o produtor dos textos constrói um *ethos* forjado a partir de um modelo ideologicamente feito.¹⁵⁹ Algumas ferramentas são utilizadas para essa construção: hiberboles, enunciados positivos, comparações.¹⁶⁰

Nas falas e escritas de obituários feitas pelos membros do Instituto, a Antiguidade Clássica possui papel importante, ao retomar ideais que os membros desejavam ressaltar não apenas no mundo greco-romano, mas em sua contemporaneidade. Em sua maioria, os discursos fúnebres foram feitos pelo orador do Instituto, Affonso Celso, que possuía como função realizar discursos mencionando os feitos do IHGB e apresentar também os sócios dessa instituição que haviam falecido. Ainda que seja o principal orador que realiza essa relação entre a morte, o passado

¹⁵⁴SANTANA, Fabíola de Jesus Soares. A Retórica Fúnebre: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais. 229f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011, p. 31.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 79.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 83.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 132.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 165.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 177.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 194.

greco-romano e os membros, outros sócios do IHGB também prestaram suas homenagens ao associar o membro falecido aos gregos e romanos.

Em 1890, na Revista de número 53, no segundo volume, o historiador e escritor Joaquim Norberto de Souza e Silva comenta sobre o membro Fernando Sebastião Dias da Mota, que falecera:

igual a Demostenes no aeropago ou a Berryer na tribuna franceza, era o gênio com o verbo divino sobre os lábios, era o rei da palavra! E o triumpho lhe pertencia sempre pela victoria na arena dos debates.¹⁶¹
[.sic]

Souza e Silva assume o papel de orador nessa reunião e, dessa forma, está realizando um discurso que homenageia os membros que faleceram. Fernando Sebastião Dias da Mota era um orador do IHGB, tendo inclusive discursado para o antigo imperador D. Pedro II. Para demonstrar a grandiosidade de sua habilidade, Souza e Silva compara-o com Demóstenes – orador grego – e Berryer – advogado e também orador francês. O antigo supremo tribunal de justiça de Atenas e a tribuna francesa são comparadas com os salões do Instituto, local onde discursava. Isso faz com que acreditemos que o IHGB segue a ideia de que há uma tocha civilizatória, que passa da antiguidade clássica, para a França e também – a partir da construção do IHGB – para o Brasil.

A arena dos debates citada no excerto apresenta uma política de não conciliação, em que há um derrotado e um vencedor, e assim, poderia remontar a aspectos de violência, de guerra, a características consideradas como virtudes masculinas pelos membros do Instituto. Poderia deduzir-se, então, que o IHGB estaria atrelando o masculino à atributos viris. Porém, a vitória se dá de fato no âmbito intelectual, onde ocorrem essas batalhas. É na fala, e não na força física. Assim, percebemos que a ideia de oratória é considerada como uma virtude para os membros do Instituto. Ademais, observamos, a partir do trecho do escritor Visconde de Taunay, ao homenagear o falecido Antonio Florencio Pereira do Lago, em 1893, na revista número 56, no segundo volume, que a persistência é outro atributo positivo:

A sua força capital, no penozo afan de abrir um lugar para si na sociedade, a sua alavanca foi a pertinência. Era da raça desses valentes caracteres, de que tao belamente disse o poeta Lucano: nil actum reputans, si quid superesset agendum.¹⁶² [.sic]

¹⁶¹ Revista do IHGB, número 78, publicado em 1890, p. 396.

¹⁶² Ibidem, número 56, publicado em 1893, p. 90.

Esse trecho está inserido em um artigo feito por Taunay em que ele comenta sobre a vida, atuação e obra de Antonio Florencio Pereira do Lago. Por ser militar, ao enfatizar sua força, podemos inferir que Taunay valorizava esse aspecto em Lago. Porém, Taunay afirma anteriormente que Lago nunca atuou em guerras, e na verdade, era engenheiro. Dessa forma, entendemos que a força e a pertinência mencionadas pelo escritor referiam-se a luta não física, mas intelectual para se estabelecer na sociedade, no IHGB. Taunay menciona, também, a ideia de valentia, de coragem. Isso, porém, conforme entendemos no contexto do artigo, não no sentido da luta armada, mas da persistência.

Outro aspecto é que a frase do poeta Lucano pode ser traduzida como “se algo permanecesse a ser feito, pode-se pensar que nada fora feito”. Lago foi, então, um personagem valente que persistia e desejava completar suas tarefas intelectuais. Além disso, o escritor comenta que Lago fazia “parte da raça”. Ao considerar isso, entendemos que nem toda a população brasileira seria pertencente a esse ideal e que somente alguns personagens seriam valorizados e comparados com a idealizada antiguidade clássica. A questão do passado greco-romano relacionado à morte novamente aparece no trecho do presidente do IHGB Olegário Herculano de Aquino e Castro, em 1901, na revista número 64, que comenta que:

Senhores, quando no recesso do meu gabinete de trabalho eu tive de pensar em Eduardo Prado [...] saltou-me instintivamente aos lábios esse epitheto: era um atheniense. A eloquência de Pericles, traduzindo o civismo de Aristides e realçada pela elegância aprimorada de Alcebiades, reuniram-se nessa individualidade superior predestinada talvez a dar a sua pátria dias de felicidade e de gloria, como o grande orador ateniense, cujo nome encheu um século, e que a brutal fatalidade da morte nos rouba em pleno solstício, no zenith da vida.¹⁶³
[.sic]

Castro está mencionando membros que, em sua visão, haviam contribuído para o crescimento do Instituto. Nesse sentido, é interessante observarmos que Aquino e Castro afirma que Prado possuiria uma individualidade superior. Isso marca aspectos de hierarquização – assim como fez Taunay –, em que haveria uma seleção de pessoas superiores, frente a uma maioria inferior. Ademais, esse trecho aponta para os membros do IHGB não é apenas a ideia de coletividade que constituiria a identidade. Ainda que os membros possam agir juntos para construir uma nação, isso não apagará seus aspectos individuais e particulares, assemelhando-se mais a uma concepção de união de

¹⁶³ Ibidem, número 64, publicada em 1901, p. 386.

indivíduos em uma sociedade do que uma coletividade. Três indivíduos da Grécia Antiga foram citados: Péricles, Aristides e Alcebiades. Os três atuavam na política de Atenas, eram oradores e militares. E, conforme percebemos, a retomada deles, assim como a retomada de Lucano, no trecho anterior – ainda que o poeta tenha vivido em um contexto diferente, romano – ressalta a questão da virtude da oratória, da eloquência, enfim, da inteligência, que seria ressaltada de forma individual, mas que construiria também algo coletivo.

O presidente do Instituto comenta também, de forma semelhante, em 1902, na revista número 65, que:

Não nos poupou a cruel sorte arrebatando-nos em breve espaço estimáveis consócios, que adornavam as nossas columnas e com as suas luzes e prestígio de seus nomes engrandeciam a nossa associação. Pela voz eloquente do ilustrado orador do Instituto será feito o elogio desses saudosos companheiros que para sempre deixaram-nos, e nesse bello quadro então vereis quebrando o sceptro e revogado o poder da morte, na expressão do biographo, ante o fulgor do Anjo da immortalidade, perpetuando em gloria da pátria e da sciencia a memoria de seus servidores beneméritos. Não morrem os que sobrevivem pelos seus feitos na eterna lembrança das gerações que passam. São palavras de Tacito: *quiquid mirati summus, manet mansuramque est in animis hominum, in aeternitate temporum, fama rerum*: o que de admirável encontramos na vida do homem ficará com a fama do seu nome eternamente gravado na memoria dos pósteros.¹⁶⁴ [sic]

Nesse caso o trecho proferido em uma reunião refere-se não especificamente a um membro, mas a todos os sócios que faleceram nesse ano de 1902. Ainda que aceite que a morte é poderosa, o presidente do IHGB afirma que esses intelectuais viverão eternamente, já que seus feitos perdurarão. A frase de Tácito em latim está traduzida logo em seguida e afirma que o que há de admirável permanecerá eterno. Nessa frase não há uma especificação do que seria o admirável, mas no discurso de Aquino e Castro encontramos uma definição: a questão da glória da pátria e da ciência.

Afirma Affonso Celso, em 1909, na revista número 72, que “o visconde de S. Leopoldo tinha um coração bondoso, amava seus semelhantes. Poder-se-ia aplicar-lhe o verso de Terencio: *homo sum; humani nihil a me alienum fero*”.¹⁶⁵ A citação pode ser traduzida como: “Sou humano e nada do que é humano me é estranho.” Ou seja, os sentimentos, na visão dos membros do Instituto, não deviam ser apagados ao construir a memória de alguém. Pelo contrário, eles são considerados como parte da natureza

¹⁶⁴ Ibidem, número 65, publicada em 1902, p. 545.

¹⁶⁵ Ibidem, número 72, publicada em 1909, p. 215.

humana. Assim, ideais de frieza, ou até mesmo de raiva, não aparecem e dão lugar para um homem generoso. Essa generosidade construída para o homem brasileiro, porém, não deve ser relacionada com uma ideia de afetividade. Acreditamos, pelo contrário, que ela se espelhava no atributo militar romano, que seria equivalente a ideia de justa medida, de controle das emoções e de saber o que é certo e errado para assim ser um bom guerreiro.

De forma semelhante, Affonso Celso, ao comentar sobre o falecimento de Luiz Rodolfo, em 1915, na revista número 78, afirma que:

a sua vida, nesse periodo, resumem-se a essas palavras: exerceu com consciência todos os seus encargos. Analogamente a augusta matrona romana, cujo supremo elogio consistia no domum servavait, lançam fecit - nao praticou feitos extraordinários. Mas hoje na guerra, como na vida civil, rareiam façanhas excepcionaes: traduz também heroismo a continua firmeza no estricto cumprimento de pequenos deveres quotidianos.¹⁶⁶

Esse membro que faleceu era um bacharel em Direito, político. Affonso Celso comenta que ele viveu uma vida comum, sem feitos excepcionais. Por isso, foi comparado com uma matrona romana que, em suas concepções, permaneciam no campo do serviço da casa e na feitura da lã. Ainda assim, essa comparação com o feminino da antiguidade não é pejorativo e o fato de que Rodolfo permanecia cumprindo seus deveres cotidianos já é considerado um ato heroico na visão do Instituto. Isso, acreditamos, contrapõe-se a uma imagem de masculino que não poderia ser associado ao feminino e de que deve ser grandioso na guerra e acaba, por sua vez, construindo uma valorização do masculino que pode optar por trabalhar com o comum, com o cotidiano, com os pequenos feitos. Assim, da mesma forma que os grandes feitos e grandes ações são considerados como importantes na visão dos membros do IHGB, os atos cotidianos também são afirmados como pertencentes ao masculino. Interessante apontarmos, ademais, que mesmo ao trazerem o feminino do passado greco-romano, seria o homem na atualidade do Instituto o responsável por ser grandioso nos pequenos feitos, e não as mulheres.

A questão de uma luta física ser atrelada a um combate, em realidade, intelectual - conforme Joaquim Norberto de Souza e Silva em 1890 - também pode ser percebido no discurso do orador Max Fleiuss, na Revista número 80, publicada em 1916:

¹⁶⁶ Ibidem, número 78, publicada em 1915, p. 798.

era uma temeridade, pensariam muitos, quiçá; mas, como Achilles, envergando a armadura invulnerável encomendada por Thetis, sua divina mae, ao industrioso Ephesto, e assim maravilhosamente aparelhado nao duvidará enfrentar Heitor – temeroso e rijo baluarte dos Troianos – assim, cōncio do próprio talento e preparado pelo cultivo da sciencia, jogastes a luva ao exímio adversário, e em leal combate colhestes um thriumpho, que os nossos mestres applaudiram e que o governo do imperador Pedro II sancionou com a vossa nomeação para o alto magistério público.¹⁶⁷ [.sic]

O autor está comentando sobre o falecimento de Erico Coelho, e ainda que esse trecho tenha sido escrito em um período em que a República já estava consolidada, o fato de que o antigo imperador tenha nomeado Erico Coelho é um motivo de honra. Isso, entendemos, demonstra um apreço pelo antigo líder e que, ainda que os republicanos tenham permanecido no poder, e que os membros se afirmasse como neutros politicamente, o cultivo que possuíam por D. Pedro II continuaria sendo demonstrado em seus discursos.

Além disso, outro aspecto desse texto deve ser enfatizado: o combate de Aquiles e Heitor, trazido como referência de uma luta grandiosa. Ainda que essa batalha travada nos escritos de Homero seja um combate corpo a corpo, ela é exposta pelo IHGB como exemplo para um combate intelectual, em que o êxito na batalha do membro resultou em uma nomeação para o magistério público. Essa adaptação nos discursos afirma a importância da ideia de guerra para o Instituto, porém a grande batalha não seria travada por meio de armas ou espadas, e sim feita no campo intelectual.

O aspecto científico presente no texto também apresenta que o tipo de intelectualidade do IHGB seria baseado em fatores científicos considerados neutros e verdadeiros, apresentados em uma batalha, por fim, entre a verdade e a falsidade, entre a ciência e a ignorância. E, a partir do trecho de Taunay - citado inicialmente - inferimos que somente parte da população seria a mais apta para batalhar no lado da ciência.

Apesar de que os membros que discursaram anteriormente fossem diferentes pessoas, percebemos aspectos em comum em suas ideias: os sócios que faleciam tinham suas memórias exaltadas e, ademais, ao atrelarem-nos com o valorizado passado clássico, ressaltavam também uma grandiosidade de seus conterrâneos no presente. É importante ressaltarmos, além disso, que a morte e a ideia de memória era algo com o que os antigos se preocupavam e é interessante analisarmos que essa valorização é feita de forma semelhante na atualidade da Primeira República no IHGB. Assim, além de

¹⁶⁷ Ibidem, número 80, publicada em 1916, p. 697.

trazerem os gregos e romanos para associarem-nos com os seus membros, o Instituto assemelha-se a esse passado clássico ao retomar temáticas caras às figuras da Antiguidade Clássica.

Esses feitos deveriam ser guardados na memória nacional. Isso ocorreria a partir do trabalho do historiador. Joaquim Norberto, nesse sentido, assumindo o papel de orador em uma reunião que Affonso Celso não pode participar, em 1919, comenta sobre o historiador e professor Jonathas Serrano:

o vosso titulo de professor e a confissão de que cortejaes há 17 annos a formosa Clio são para todos nós credenciais que vos honram. [...] a Musa formosíssima corresponde por igual no carinhoso olhar de todos os seus adoradores que se abracam e cada vez mais prezam a diva encantadora.¹⁶⁸

Em um trecho que diversos membros que faleceram eram citados, Norberto, ao homenagear e ressaltar a memória de Jonathas Cerrando, retoma o passado clássico. Assim, é importante analisarmos que Clio é uma das nove musas, filha de Zeus e Mnemosine. Ela é a deusa da História e é interessante observarmos como ela é retratada por Joaquim Norberto: Clio é trazida como uma mulher que seria cortejada pelo membro. Com isso o autor desejava afirmar que o professor trabalhava com a história há 17 anos, mas essa metáfora, acreditamos, traz aspectos discursivos que impactam na construção de masculinidades e feminilidades. Pode-se considerar que essa deusa inspira a escrita da história, ou seja, ela, em uma posição ativa, é quem exerce a influência. Porém, no discurso de Norberto, ela é a passiva, a que é cortejada. Além disso, uma divindade da antiguidade responderia a esse mortal de forma igualmente carinhosa. Não com imponência, conhecimento, mas com afeto.

Nesse mesmo sentido, Affonso Celso afirma em 1921 que:

Homero, o divino cantor da Iliada, mil anos antes de Christo, já ensinava que nada devíamos poupar para honrar os nosso grandes mortos. Da practica continuo e pura desse culto, já tive ocasião de dizer, nasce o amor da pátria, sagrado, consciente. E o amor, segundo Platão: “é o socorro mais seguro, o mais efficaz que os deuses deram aos homens para que estes pudessem attingir a verdadeira felicidade, porque nao há guia mais seguro para a boa vida do que o amor, visto que nem o nascimento, nem honras, nem riquezas, conduzem ao bem como o amor, e nao há homem tao vil que o amor nao faça inspirado pela mais energética das virtudes, tornando-o em nada inferior ao que é naturalmente bravo”.¹⁶⁹ [sic]

¹⁶⁸ Ibidem, número 84, publicada em 1919, p. 542.

¹⁶⁹ Ibidem, número 90, publicada em 1921, p. 826.

Esse trecho não se refere a apenas um membro, mas aos sócios que haviam falecido no ano de 1921. Ao desejar honrá-los, cita Homero, um poeta grego que consideram como o autor de *Iliada* e *Odisseia*. Menciona, também, Platão. No caso, gregos de períodos distintos são reunidos e retomados para prestar homenagem aos membros. Interessante observarmos, também, a menção de Cristo e dos deuses gregos. Ambos aparecem nesse trecho sem uma contradição explícita, o que, inferimos, demonstra posturas conciliatórias do Instituto, de exclusão do conflito. A questão que mais nos chama a atenção, porém, é o sentimento do amor. Ele é considerado como algo maravilhoso, o caminho para a felicidade, e é colocado no mesmo patamar do que a bravura. Porém, é preciso ressaltarmos que o amor por ele valorizado era um amor platônico, entre os homens, e não um amor relacionado ao amor romântico. Assim, esse ideal valorizava o amor puro entre os iguais, entre os cidadãos, intelectuais, sendo somente parte da população.

Affonso Celso, na sessão de 1928 aponta que:

trouxe elle, por sua vez, a nossa Casa o brilho do seu nome, que constitue um dos legítimos orgulhos de nossa pátria, reflectindo uma personalidade notável pelo saber, pelo inextinguível valor moral, pela generosidade do coração, pelos sentimentos cívicos – synthetizando, em verdade, as expressões de Catão, o antigo: *vir bonus, dicendi peritus*.¹⁷⁰ [.sic]

O trecho está falando sobre Varnhagen, que havia falecido em 1878, mas ao ser retomado entendemos que seus ideais permanecem no período republicano.¹⁷¹ Varnhagen é visto como um legítimo orgulho, o que indicaria que – em contraposição – havia personagens que seriam motivo de vergonha para a pátria. Isso, acreditamos, vai no encontro da concepção cunhada pelo próprio Varnhagen, que afirmava a população branca seria a que estaria ligada ao progresso da civilização, enquanto que a negra e a indígena como pertencente ao natural, à barbárie, como um empecilho ao progresso.

Outro aspecto que chamou nossa atenção foi a questão de que o coração aparece, porém, esse ideal seria ligado a ideia de sentimentos cívicos, de cidadania. Ainda, a frase de Catão significa “homem de bem, perito em falar”, ou seja, ao retomarem esse clássico romano, Varnhagen é considerado como um homem grandioso, e que possui oratória e conhecimentos notáveis. O saber valorizado seria o detido pelos homens, como é demonstrado pela expressão retomada de Catão: *vir*, ou seja, homem. E

¹⁷⁰ Ibidem, número 104, publicada em 1928, p. 1125.

¹⁷¹ Optamos por trazer esse trecho nesta parte da análise, pois apesar de que ele não faleceu em 1928, a relação que estamos analisando – de falecimento e homenagem aos falecidos – ocorre neste caso.

podemos inferir – a partir do fato de que citam Varnhagen - ademais, que seriam homens brancos.

Apesar de que Varnhagen falecera anteriormente, ele é trazido em conjunto com os outros membros que faleceram naquele ano para, assim como eles, construir uma ideia de memória dos membros que ressaltassem valores que eram caros ao IHGB.

A ideia de quais valores deviam ser lembrados é abordada por Affonso Celso em 1929, que comenta que:

eram elles os fructos de ouro desse patrimônio intellectual que tem provocado a admiração ate mesmo de celebridades da sciencia universal, tesouro da erudição brasiliense, accumulando porfiada e pacientemente, ao preço do labor e da perseveranca de cada dia, por longos e longos annos de fecunda existência, toda dedicada ao lemma da pacifica scientiae occupatio no convívio dos nossos fastos e tradições seculares, completamente absorta no estudo dos homens e das cousas patrias.¹⁷² [.sic]

Ou seja, afirma que os membros já falecidos eram tão gloriosos que a ciência do mundo todo iriam reconhecê-los. Outros aspectos que se mostram presentes são o labor e a perseverança. Além disso, o lema do Instituto era em latim, o que demonstra um conhecimento da língua e da cultura clássica, e que isso era visto de forma altamente estimada, por estar no próprio lema. A tradução deste poderia ser feita como “ocupação pacífica da ciência”. Assim, a luta física e o atrito não existiriam na busca pela expansão do conhecimento científico. Pelo contrário, esse fim de transformar o Brasil e os homens em intelectuais seria feito não a partir da brutalidade, mas da paz. Paz essa que seria assegurada a partir do apagamento das resistências, dos conflitos e atritos.

A partir disso, consideramos que a homenagem aos mortos e sua aproximação do contexto greco-romano reforçava aspectos que impactavam na construção tanto do feminino quanto do masculino. Relacionar o passado clássico com questões da modernidade do não é algo feito de maneira apolítica, neutra, conforme afirmamos no primeiro capítulo. Pelo contrário, ao retomarem certas noções do mundo grego e romano, eles visavam reforçar aspectos em sua contemporaneidade. Os membros do Instituto, acreditamos, ao retomarem principalmente pensadores, oradores, escritores do passado, visavam ressaltar características vinculadas ao mundo letrado. Esse enfoque dos sócios do IHGB criavam concepções do que, em suas visões, deveria ser um homem. Não um homem grego, ou romano, pertencente ao passado, pois ao retomarem a

¹⁷² Ibidem, número 106, publicada em 1929, p. 444.

antiguidade eles moldavam particularidades que eles consideravam como essenciais em seu presente.

Esses obituários valorizavam a ideia de indivíduos, de biografias. Essa exaltação era considerada como essencial pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não apenas devido a questão de ser um exemplo para o presente ou o futuro, mas também por moldar o que seria visto como relevante no passado do Brasil, conforme ressalta Alexandre de Sá Avelar.¹⁷³ Essas biografias, além disso, só seriam compreensíveis se fossem conciliadas com os aspectos coletivos de nação. Seu foco seria, principalmente, o de fixar a memória dos membros e transformá-los em personalidades dignas de serem lembradas pela posteridade.¹⁷⁴ É importante frisar que esse gênero visava homogeneizar um tipo ideal de pessoa. Porém, ainda que houvesse esse aspecto normativo da construção da biografia, ainda assim havia a valorização de aspectos individuais.¹⁷⁵

Observamos, a partir da análise desses trechos, que os membros da atualidade devem ser valorizados. Ainda assim, os sujeitos que devem ser glorificados são os pensadores, os escritores e oradores, e por isso diversas das figuras greco-romanas abordadas são atreladas ao intelecto. A ideia de conflito aparece. Porém, com mais ênfase, a ideia de conciliação é a predominante. Ademais, as questões dos sentimentos são valorizadas, mas isso não é feito de forma a ressaltar um ideal de homem carinhoso e amoroso. Pelo contrário, os aspectos sublinhados são aqueles que apresentam a ideia de auto-controle das emoções e impulsos, a ideia de justa medida, de saber o certo e o errado. Além disso, enquanto o amor masculino seria aquele que valorizava a ideia de cidadania, de amor platônico; o feminino, por sua vez, seria atrelado ao ideal de sentimentalismo, de amor romântico, passividade, domesticidade, aspectos que desenvolveremos.

Após essas considerações, apresentaremos - nessa segunda subdivisão do terceiro capítulo - aspectos relacionados a oposição entre a inteligência e a violência, assim como outras delimitações sobre qual seria o papel das mulheres na sociedade brasileira da Primeira República, na visão dos membros.

¹⁷³ AVELAR, Alexandre de Sá. Entre a tradição e a inovação: o IHGB e a escrita biográfica nas primeiras décadas republicanas. *Hist. Historiogr.* v. 13, n. 33, maio-ago., ano 2020, p. 397.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 408.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 418.

3.2 O MASCULINO, O FEMININO, A INTELIGÊNCIA E A FORÇA

Nessa parte do capítulo, traremos a partir de quais oposições os membros do Instituto criavam a ideia de masculinidade. Construção que é feita também de forma negativa, ou seja, conforme aquilo que o homem *não* deveria ser. Considerando essas reflexões sobre a masculinidade apresentadas nos capítulos anteriores, realizaremos o levantamento de forma cronológica dos discursos dos membros que versam sobre essa temática. Assim, Tristão de Alencar Araripe afirmou, em 1892, que:

bem conhecido é o quanto ensinam os romanistas acerca do pátrio poder nos priscos tempos de Roma, sendo ele tão extenso que o pae tinha direito de vida e morte sobre o filho e o escravo. Era o jus vitae et necis de que falam os pandectas e de que nos dao noticia os antigos escritores, como Dionizio de Alicarnasso, Tito Livio e outros. Este direito, que regulou nos primeiros dias do povo romano, nao existio somente nessa sociedade que Romulo fundou e que, começando por um acanhado município, dominou quazi todo o mundo conhecido da antiguidade. A regra era que o chefe da família, pater famílias, tinha sobre os seos escravos, sua mulher e seos filhos, nao um poder ordinário, mas um direito de propriedade plena e inteira, direito de condenação sobre sua mulher e seos filhos; direito de vender estes últimos, de expo-los, sobretudo quando eram disformes. [...]cabe aqui ponderar que os povos civilizados restringem o pátrio poder; os povos porem que apenas surgem da barbaria o conservam pleno e inteiro. Assim emquanto Roma barbara autorizava o pae a matar o filho, o Egipto já civilizado punia o facto como crime atroz, obrigando o pae matador a passar trez dias unido ao cadáver do filho morto. Os legisladores primevos consideravam como necessidade dar valor politico á família em bem da ordem social. Si oje buscamos fazer do município baze da organização dos estados como melhor método de desenvolver e sustentar a liberdade social, os estadistas desses tempos idos axaram na família o fundamento das suas instituições conservadores da liberdade umana. [...]nos nossos sertões deram-se acontecimentos notórios de paes que, por motivos de onra feminil, assassinavam filhas, ficando o delito sem punição por parte da autoridade social, nem grande reparo do vulgo. Si a moça infeliz deixava-se seduzir por pessoa considerada de ínfima condição tinha morte infalível para vindicar a onra da família, e si a execução se nao fazia em praça publica, efetuava-se de modo que todos o sabiam. Suprimia-se o objeto da desonra para restabelecer a fama da família. Isto constituía direito consuetudinário, porque a opinião comum o nao reprovava [...]tal o império dos costumes! Tal a fraqueza das leis dissonantes da opinião dominante!¹⁷⁶

Nesse trecho retirado de um artigo sobre o pátrio poder no Brasil, o autor inicia comentado sobre o passado romano e alega que essa maneira de exercer o poder fora

¹⁷⁶ Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, número 55, publicada em 1892, pp. 15-23.

além da Antiguidade. Porém, o membro ressalta que em sociedades civilizadas restringiam o pátrio poder e, por isso, considera Roma bárbara e Egito civilizado. Ao lermos isso nos surpreendemos, pois Roma normalmente é no mundo ocidental caracterizada como a metrópole central e civilizada e os povos ao redor dela e que tentam invadi-la que são denominados como bárbaros. Tristão de Araripe, porém, afirma que a barbaridade é romana justamente por exercer esse poder violento, enquanto que o Egito – ao restringir o poder pátrio – era civilizado.

O membro aponta que essa forma de poder “barbara” está presente nos sertões brasileiros, em que os pais podiam matar as filhas. Ele, então, critica a forma de lei nesse local e afirma que a legislação que lá existia era falha. No poder pátrio, como o próprio membro explica, o chefe da família podia exercer um poder de vida ou morte sobre as mulheres, os filhos e os escravos. Os membros do Instituto, porém, afirmam ser necessário restringir essa forma de poder. Criticam-na tanto no passado romano como no território brasileiro mais próximo da contemporaneidade. Ao afirmar que a mulher seduzida era morta nos sertões, ele comenta que isso era uma questão de fraqueza das leis. Isso, acreditamos, implica em uma visão de que as mulheres brasileiras, para o IHGB, não eram vistas como objetos insignificantes que poderiam ser assassinadas em nome da honra. Acreditamos, ainda assim, que com a crítica ao poder pátrio os membros do Instituto não visavam necessariamente libertar o sexo feminino e apresentá-lo como igual ao masculino. Nesse sentido, entendemos que a maior crítica dos sócios seria em relação à violência dessa legislação, à falta de controle dos sentimentos.

A questão da masculinidade é presente no trecho de Tristão de Alencar Araripe, que em 1894, nas atas, comenta que:

a historia antiga resumia-se, como já dicemos, na exaltação do individuo, e na exposição de uma certa ordem de fatos; era, para bem dizer, belicosa e individual: a istoria moderna é ampla, abrange todos os assuntos, e compreende todo o desenvolvimento da vida dos povos. [...] para bem conhecermos um povo, cumpre saber quaes as suas instituições politicas, quaes suas leis civis e quaes suas regras municipaes. [...] será um dos sagrados deveres do istoriador brasileiro apresentar á veneração dos pósteros a memoria dos varões beneméritos, que engrandeceram esta pátria com proezas generosas, invenções uteis, e obras excelentes. [...] Si Alexandre Magno, si Julio Cezar, e si o proprio Napoleão Bonaparte apenas deixaram após si, pelas eroicas façanhas da guerra, o estrondo das batalhas, que a distancia dos tempos diminue, Jorge Washington deixou após suas ações um povo generoso, que diariamente crece para exaltar o seo nome (...) Jorge Washington é o tipo verdadeiro do herói. Assim foi na América, que formou-se o modelo perfeito do patriota e da grandeza

política [...] a gloria da guerra desvanece-se, porque a guerra apenas deixa de si a memoria da aniquilação; a gloria da paz perdura e se engrandece, porque a paz cria e as criações frutificam. [...] si os istoriadores da antiguidade deixaram-se ofuscar pela gloria das armas e das conquistas, o istoriador dos nossos dias evita esse erro, e expõe á admiração e ao culto das nações o verdadeiro patriotismo, cujo intuito é o bem do gênero humano.¹⁷⁷

Tristão de Alencar Araripe preside essa sessão. Ela começa com o discurso, em que comenta sobre a importância do historiador para constituir a história nacional. Inicia criticando a história antiga frente a moderna, o que implica que o passado clássico não era totalmente idealizado e que, por isso, poderia ser criticado. A ideia de indivíduo é vista como negativa em relação a uma história das nações. A exaltação de membros particulares, por sua vez, não era feita para simplesmente homenageá-lo, mas para inseri-lo em um contexto de criação de aspectos da nacionalidade e masculinidade brasileira. Afirma que um dever do historiador é manter na memória os varões. Ou seja, os indivíduos do sexo masculino deveriam ser lembrados pela História. O feminino, porém, não é citado como algo a ser lembrado pelos historiadores.

Araripe cita homens do passado como Alexandre e Júlio César. Porém ambos são lembrados pela guerra. George Washington, por sua vez, por ser lembrado por tempos de paz, é o que seria o verdadeiro herói. O atrelamento da masculinidade com a guerra, então, não é visto de forma positiva, e os historiadores não deveriam focar nisso para construir uma pátria. O homem que consegue ser lembrado como patriota, político, pacífico, porém, deve ser lembrado pela História. É interessante observarmos, além disso, que o autor cita gênero humano, sem uma delimitação de sexo, mas, como apontamos, anteriormente ele afirma que os varões ficam na história, e aponta, em seus exemplos, apenas figuras do sexo masculino. Ainda que uma visão conciliadora esteja presente, com a ideia de uma humanidade universal, acreditamos que a humanidade seria restrita, para os membros do IHGB, ao masculino. Assim, um gênero que seria neutro: a humanidade, em realidade seria sinônimo de um tipo ideal de homem.

No mesmo sentido de uma valorização de outros aspectos que não a guerra, Aquino e Castro, nas atas de 1895, afirma que:

hoje, corridos vao os tempos do predomínio da força sobre o direito, da violencia sobre a justiça, da guerra, que só destrói e mortifica, sobre a paz que organiza. [...] que valem as glorias ephemerass e ruidosas, tao cruamente disputadas pela audácia ou pela ambição, pelo ódio ou pelo crime, pelas impetuosas paixões de um alexandre, assassino de Clito, de Cesar, degolador dos Nervios ou de Napoleao,

¹⁷⁷ Ibidem, número 57, publicada em 1894, pp. 268-279.

carrasco de Enghien, ante as conquistas pacíficas e perduráveis da ciência de um Galilei, de Newton, de Herschel, Laplace, Jenner, Fulton, Humboldt, e tantos outros a quem deve o mundo as maravilhas da civilização nas mais altas manifestações da atividade humana? Qual desses truculentos heróis de gládio e sangue mereceu jamais o esplendido elogio que o insigne Benjamin Franklin, oráculo da ciência e campeão da liberdade, dedicou a justiça do tempo na concisa e entusiástica epigrapha de Turgot: *Eripuit caelo fulmen, sceptrumque tyrannis*. [...] Hoje é chegado o tempo da glória da ciência. E as glórias que refulgem na história, que caracterizam uma época, que imortalizam um nome, como o de Pericles, em Atenas, de Augusto, em Roma, de Luís XIV, na França, ou de Leão X na Itália, são somente as que cabem aos sábios, estadistas, literatos, poetas, artistas, homens de ciência e de estudo, que se distinguem pela inteligência e pela ilustração, honrando a pátria com que tais filhos se engrandece.¹⁷⁸

O presidente do IHGB inicia essa Sessão Magna de Aniversário, em que Aquino e Castro ressaltam o papel desempenhado pelos membros e pelo próprio Instituto. Ressalta que os atos que são influenciados pelas emoções, pelo ódio, ambição ou audácia, pensam os membros do Instituto, são ruidosos, mas não perduram. Aqui a guerra é mencionada novamente, mas nesse caso é a guerra expansiva, violenta, do ataque. Ela é vista como um mal que a nada serve para a civilização. É interessante observar como a relação entre o passado e o presente é feita: César e Alexandre são criticados, e então a Antiguidade clássica - ainda que utilizada para reforçar valores cívicos, morais, intelectuais - é passível de crítica. Ela não está presa em um local inalcançável e, por isso, está passível à crítica.

No sentido de valorizar ainda mais os aspectos da inteligência, o Doutor José Francisco Leal, no artigo científico intitulado “memória histórico-biographica”, publicado na Revista do Instituto em 1897, afirma que:

nos tempos em que florescem as nações, assim nas ciências e letras como nas artes e nos primores da indústria, não é assumpto para admiração, nem estranheza para mencionar-se o aparecimento de varões ilustres nas conquistas da inteligência alcançando esplendidas victorias nas variadas e multiplices províncias do saber. [...] esses astros radiosos, que foram surgindo das trevas iluminando a terra, desfazendo nevoeiros, despertando e mostrando o bom caminho aos retardios e formando constelações esplendentes, que em sua revolução perpetua, reluziram em cyclos majestosos desde o céu da Grécia de Pericles, passando pelo céu de Roma de Augusto e o da Itália de Lourenço de Medicis até o da França de Luís XIV. Tempos são esses de salvo conducto litterario, de bons exemplos para seguir, de correr o pareo, justar competências e de se sobrelevar-se.¹⁷⁹

¹⁷⁸ Ibidem, número 58, publicada em 1895, pp. 400-402.

¹⁷⁹ Revista do IHGB, número 60, publicada em 1897, p. 367.

Esse artigo possui como temática central a ideia de memória e qual seria o papel do historiador e da história para versar sobre a memória brasileira que deveria ser construída. Ademais, conjuntamente com a idealização de qual memória deveria perdurar, a masculinidade é colocada em questão quando o autor, José Francisco Leal, apresenta a ideia de varão. O homem varão é normalmente associado aquele viril, másculo, violento, musculoso, bruto, conforme afirmamos no primeiro capítulo. Porém, logo em seguida a ideia de varão o autor coloca “ilustre”. Um varão ilustre, então. Ilustre, iluminado pela inteligência. A retomada do passado neste caso se faz de maneira linear, progressista. Nessa linha há espaço para o Brasil, para o cidadão sábio brasileiro consiga entrar nesse hall de pensadores.

No sentido de quais seriam os papéis femininos? Em 1898, o Secretario Henrique Raffard afirma que:

abdicando, pois, a Coroa Portuguesa em sua Augusta filha, provou ao Brazil a sua adhesão e preferencia por elle (que tão mal lhe retribuirão) e não desconsiderou aquella Coroa, colocando-a na cabeça de sua filha, essa verdadeira filha dos Cesares! Com uma carta constitucional tao liberal como a que havia outorgado ao Brazil. O facto foi tão importante que o applaudirão Gregos e Troyanos.¹⁸⁰ [.sic]

O membro, em um artigo em que disserta sobre a questão da vida de D. Pedro II, comenta sobre a abdicação de D. Pedro II da Coroa Portuguesa, deixando-a para sua filha. Ele afirma que ela é Augusta e a filha de Cesares. Isso, entendemos, significa uma valorização de aspectos imperiais brasileiros, assim como romanos. Em Roma não era considerado que às mulheres pertencia o mundo público. Ainda assim, ao comparar a filha de D. Pedro com figuras romanas masculinas do mundo público significava que, na visão de membros do Instituto, mulheres poderiam ocupar cargos políticos e, assim, participar do mundo público na contemporaneidade.

Além disso, essa sucessão da coroa seria aplaudida por gregos e troianos, afirma Raffard. Isso implica que eles poderiam considerá-la tão apta para o cargo que conseguiria fazer com que inimigos consentissem em aplaudi-la. Porém, ressaltamos que nesse caso ela era a filha de D. Pedro II, personagem que – como apresentamos – era altamente estimado pelos membros. Assim, podemos inferir que essa proeminência de uma mulher fosse resultado de sua herança e não necessariamente de seu mérito como líder. Isso porque, como apontamos nos trechos no subcapítulo anterior, os membros acabaram mais confinando as mulheres ao âmbito privado do que

¹⁸⁰ Ibidem, número 61, publicada em 1898, p. 171.

desconstruindo essas hierarquias entre o masculino e o feminino. Podemos entender, dessa forma, que o caso de Maria da Glória – filha de D. Pedro II – é mais uma exceção, atribuído também por sua descendência, do que a regra de qual seria o papel feminino.

Além disso, nas atas da Sessão Magna de Aniversário de 1899, Aquino e Castro comenta que:

vive o instituto e viverá sem duvida, com lustre e proveito para as letras pátrias, incessante envidando todos os esforços para bem corresponder á magnitude da empresa e relevância de sua delicada e trabalhosa missão, que é aparelhar os custosos materiais com que tem de ser elevado o grandioso monumento da historia do Brazil. [...] houve tempo e nações diversas em que soberbo procurou firmar-se o predomínio da força ante a superioridade da inteligência, iluminando o mundo com o fulgor dos seus raios. Registra a historia em paginas brilhantes os memoráveis séculos de Pericles e Augusto, de Leao X e Francisco I, de Luiz XIV e Napoleão o Grande, cujos nomes symbolisam ainda hoje a preeminência do gênio, o fastígio da sciencia e o florescimento das artes, ou a majestade do poder, o peso das armas, e o esplendor das victorias com denodado esforço ganhas em sangrentas lutas.¹⁸¹

De forma semelhante, o contexto do qual esse trecho foi retirado foi do discurso inicial do presidente em que valoriza o Instituto. Augusto e Napoleão, figuras criticadas anteriormente no discurso do próprio Aquino e Castro, são retomados nesse discurso como dignos de serem citados devido ao esplendor de suas vitórias. Ele comenta que houve tempos em que as questões da guerra eram mais valorizadas dos que a do conhecimento.

Sobre a importância do conhecimento, o Desembargador A. F. de Souza Pitanga sobre Eduardo Prado, nesse sentido, na revista de 1901, afirma que:

olympico – foi o titulo que os Athenienses deram a Pericles, porque, senhores, há realmente compleições tao privilegiadas, há seres humanos tao bem acabados que num meio profundamente pantheistico e essencialmente esthetico como era Athenas nesse século, nao admira que nelle se divisasse alguma cousa de divino. E esses peregrinos exemplares da superioridade humana nao podem ser definidos em phrases completas: é preciso dar-lhes um epitheto que em só vocábulo resuma a sua grandeza.¹⁸²

Esse trecho do discurso de Souza Pitanga foi proferido em uma Sessão Ordinária em que ele introduz o novo membro do Instituto: Eduardo Prado. Afirma, assim, que esse sócio poderia ter algo de divino, sendo chamado de Olímpico, o que seria a maior das honras para o Instituto. Prado era um advogado e escritor brasileiro, sendo um dos

¹⁸¹ Ibidem, número 62, publicada em 1899, pp. 408-409.

¹⁸² Ibidem, número 64, publicada em 1901, p. 386.

fundadores da Academia Brasileira de Letras. Dessa forma, conforme segue desenvolvendo Souza Pitanga, essa ode ao membro se dava, principalmente, por suas funções intelectuais desempenhadas. Péricles foi um líder militar de Atenas. Prado, por sua vez, não possui feitos relacionados às armas em sua vida. Porém, ainda assim, pode ser comparado a essa figura da Antiguidade devido a sua grandeza e proeminência e ambos, assim, mereceriam o título de olímpico: de pertencente ao mundo dos deuses, da grandiosidade. Influência intelectual, no caso de Prado, tão exímia que impactaria toda a nação.

Aquino e Castro, sobre a questão da conquista, devassidão e inteligência, em 1904 aponta que:

a sciencia que é a luz do entendimento, e a sabedoria que é o conhecimento da verdade pela rasao, constituem, na frase do mestre da philosophia stoica, o summo bem, além do qual nenhum outro há mais a desejar. O afamado philosopho, que como lembra um profundo observador, por lamentável desvio poderia ter-se abysmado no imundo pelago das devassidões dos Claudios e dos Neros; que poderia ter curvado o espirito sob o pezo acabrunhador de uma athmosphera viciada pelo pestilento habito das Messalinas do baixo império, quando o materialismo parecia desprender o sinistro manto que em suas dobras envolvia Roma e o mundo inteiro, Seneca tristemente meditando sobre as ruinas da humanidade e por natural, mas sublime antithese concultando as leias da matéria, combate as ilusões do tempo, proclama a supremacia do espirito e ensina a desprezar a morte. Foi porfiada a luta da verdade contra o erro. [...] a sabedoria e a sciencia são o summo bem, sobre o qual nenhum mais há a desejar.¹⁸³

Esse trecho faz parte de uma transcrição do discurso proferido em uma Sessão Ordinária do IHGB, publicado nas sessões das Atas. Aquino e Castro está valorizado o papel do Instituto e dos membros a ele pertencentes e assim declara essa fala. Cláudio foi um imperador romano que anexou a Britânia. Nero é lembrado por sua reação frente ao incêndio de Roma. Ambos os imperadores são considerados pelos membros do Instituto como portadores de atitudes negativas e, assim, podemos inferir que personalidades conhecidas pela “devassidão” seriam considerados como o pior modelo de masculinidade, para os membros do IHGB.

O filósofo por eles citado, Sêneca, poderia, afirmam, ter se desviado para essa masculinidade de erros e excessos. Conselheiro de Nero, ao ser acusado de participar em uma conspiração que planejava assassinar o imperador, foi condenado ao suicídio. A morte de Sêneca, porém, para os sócios, não foi vista como algo negativo, e sim como uma postura de recusa a aceitar a tirania de Nero. Assim, a aceitação da morte é

¹⁸³ Ibidem, número 67, publicada em 1904, p. 480.

algo mais sábio do que se curvar a tirania. Os membros do Instituto, ao afirmarem isso, entendemos, fazem com que a noção de masculinidade que eles criavam a partir de seus discursos era a de uma postura que não aceita os atos tirânicos, não importa quais sejam as consequências dessa recusa. Além disso, a masculinidade do IHGB é guiada por ideais de bondade contra o mal, com ideias de certo e errado, em que a ciência e a inteligência estão do lado da verdade, do correto, enquanto que a tirania e os excessos devem ser criticados.

O Barão de Paranapiacaba, nesse sentido, ao tratar da guerra do Paraguai, comenta que:

a guerra de invasão do Brasil no Paraguay é uma epopeia grandiosa, synthetizada na passagem do Chaco, que Caxias, novo Cesar, effectuou, bradando “alea jacta est”. Atravessou ele Itororo, contando victorias por batalhas, até arvorar o pavilhão auri-verde em Assumpção, nao para alardear a conquista e sim para declarar livre um povo, até então sequestrado pela tyrannia do convívio da civilização.¹⁸⁴

Esse trecho faz parte de um discurso mais amplo na sessão de artigos da Revista, em que o membro relata sobre a Guerra do Paraguai. A invasão brasileira é vista, assim, por ele, como algo positivo. O trecho “alea jacta est” pode ser traduzido como “a sorte foi lançada”, o que significa que o jogo da guerra começara. Duque de Caxias é considerado como um novo César, ou seja, estrategista, e capacitado para vencer uma guerra. A ideia de conquista não é vista como o objetivo dessa empreitada. Pelo contrário, os guerreiros brasileiros seriam vistos como aqueles que trariam a liberdade, em que o Paraguai estaria vivendo sob uma tirania e que essa guerra os libertaria e os levaria rumo a civilização. Essa visão da guerra do Paraguai não é neutra e faz com que se pense que o Brasil era o responsável por salvar esse país. Sabemos, porém, que esse ideal de salvação resultou em um grande número de mortos da população paraguaia.

A guerra como constituinte de papeis de gênero aparece em outros trechos, como o de Barão Homem de Mello, que afirma:

o patriotismo era a noção mais larga que tinham os Gregos da sociedade humana, mas este sentimento se estreitava ainda no circulo de cada uma das cem cidades soberanas. Esta provavelmente singular situação do pequeno trecho de terra, povoado por um povo forte e inteligente, que representou em curto período de poucos séculos, o ápice de uma civilização em que o homem physico, o homem da natureza, instalou e cultivou uma existência feita para a gloria da força e dos sentidos, para o culto de Dyonisas, civilização em que o gênio humano desenvolveu o máximo de sua energia na intelectualidade

¹⁸⁴ Ibidem, número 68, publicada em 1905, p. 122.

reflectida e na arte objectiva, culmida na paixão do nu, a explicação do esquecimento, pela alma grega, dos problemas do humanismo. Os outros homens eram as imensas massas barbaras que cingiam o pequenino recinto da Grecia com uma pressão formidável. Era preciso que esse povo de heroes tivesse uma energia politica defensiva e uma permanente diplomacia guerreira para manter em pé de guerra o cidadão soldado que os devia repelir. [...] e a verdade transparece á sombra de mais de um conceito dos grandes espíritos da Grecia: o homem nasceu para a sociedad, o destino da humanidade é para um império único, nao há nada mais horrendo do que a injustiça armada e, disse Aristoteles, que é isto senão a paz internacional, pela organização do império humano; [...] Platao e Aristoteles combatem, enfim, a disciplina de Lycurgo, porque se basea, sobre o principio exclusivo da educação para guerra. A bravura militar nao é a primeira virtude do cidadão; a guerra, de cidade contra cidade conduz á guerra de aldeia contra aldeia e á guerra de família contra família; á guerra, enfim, dentro do próprio coração do homem. [...] os stoicos gregos, com seu principio de unidade do gênero humano deduzido da lei mais ampla da ordem universal, da harmonia e correspondência de todas as partes do universo, traziam uma bandeira franca de cosmopolitismo e de paz: pregavam a Republica Universal. [...] ao passo que a Grecia evolve por divisão, multiplicando o numero de suas pequenas autonomias, enfraquece a nação e robustece as cidades, Roma desenvolve-se por absorpção, por incorporação, por epigenesis, diria um naturalista. O espirito da civilização grega está no individuo, na independência, na cultura; o da civilização romana está na organização, no direito, na ordem. Roma produz o direito e o império; recebe e consolida o christianismo; desenvolve, durante séculos, a cultura grega. Sua obra, sem originalidade, é a mais vasta e potente que a humanidade tem contemplado. Augmentado por alianças, por tutelias, por protectorados e por conquistas, ella tem o pulso forte mas a alma branda: impõe o governo mas respeita os costumes, as tradições. [...] o culto da paz romana, a ideia de uma grande democracia, organizada sob a tutela de Roma estava no fundo de todos os pensamentos, no século I. [...] Cicero, para quem o homem deve ser amado como homem, e nao só como cidadão, reconhece o Direito Natural, que nao vem dos editos dos pretores ou da lei das Doze Taboas, mas ex intima filosofia. [...] Em Marco Aurelio desenha-se a figura mais expressiva da Roma pagã. Imperador e philosopho, concilia o interesse e a ambição de sua pátria, com a mesma ponderação com que, dentro da alma, equilibra a philanthropia do pensador scoico com os deveres do soldado: faz a guerra como estadista e nao como conquistador. Seu império é quase um império constitucional, em que há vários centros governativos, officiais e inofficiaes, como, por exemplo, o Senado e o grupo dos philosophos seus amigos – entre os quaes sua bondade e sua ponderação aparam uma media de accao benéfica. [...] a politica de Alexandre fôra, com os excessos de um temperamento morbidamente exaltado, o signal de uma politica de ordem com a fusão eclectica de todas as philosophias gregas: a unidade do império e o direito da forza de Aristoteles com a tolerância dos stoicos pelo bárbaro, levada até a preferencia e ao desejo de fusão. Em Marco Aurelio, figura sã de homem, a política é equilibrada e consciente. [...] Estas palavras contêm a synthese da filosofia e a synthese da pratica, a theoria e a arte, a noção da moral e o senso da conveniência; resumem as normas da sciencia e as licoes

da experiência; são o verbo da política, para tudo dizer em um só termo.¹⁸⁵

Homem de Mello realiza esse discurso em uma sessão ordinária do IHGB, em que o Instituto está recebendo um novo membro: Sr. Dr. Alberto Torres. Assim, esse sócio é um patriota, e é nesse sentido que esse trecho se inicia. Mello, dessa forma, comenta que a Grécia foi o ápice da civilização e que sofria pressão das massas bárbaras. Ele considerava, assim, a possibilidade de uma troca cultural algo que poderia ser prejudicial à Grécia, e que ela deveria permanecer, protegendo-se desses supostos bárbaros. Nesse sentido, entende que a guerra defensiva é necessária e uma importante característica de um bom cidadão. Guerra, novamente, apresentada como positiva desde que seja para a defesa. A guerra expansiva é vista, por sua vez, como negativa.

Essas prerrogativas não deveriam ser valorizadas apenas de forma individual, mas com um ímpeto coletivo, pois consideram que os homens nasceram para o convívio em sociedade. Além disso, ao passar para o passado de Roma, o autor afirma uma postura conciliatória nas conquistas romanas, pois eles respeitariam os costumes e tradições. Ressalta, ademais, que a Roma tinha o fim da paz universal, retomando a ideia de *pax romana*.

Outro aspecto é que o autor afirma políticas de fusão, de mistura de aspectos gregos, cristãos e romanos. Porém, como apontamos em relação ao início do trecho, Mello considerava que os gregos não deveriam se relacionar com os bárbaros. Isso faz com que compreendamos que a mistura poderia ocorrer e ser bem vista, na opinião de Homem de Mello, mas desde que feita somente com aspectos que eles gostariam que continuassem perdurando e existindo. Uma fusão com pessoas e elementos não desejados não seria bem vista e deveria, afirmam os membros, ser combatidas, em uma guerra justa, pois defensiva.

A questão do papel das mulheres também é explorada pelo Dr. Erico Coelho, que em 1916 escreveu artigo intitulado “A mulher e a Guerra”. Nele, ele comenta que:

nosso compatriota Gonçalves Dias fez crítica erudita á lenda das amazonas mythologicas, porém, conformando-se ao parecer do omnisciente Humboldt, considerou a referencia tradicional plausível na America, porquanto mulheres e homens da gentildade pugnaram conjunctamente na defensiva de seu habitato. Regra geral, as tribos de raça aborigene, guerrilheiras entre si, prescindiam do concurso feminino nas pelejas tao somente do masculino. Contudo os testemunhos deixados em escriptos dos descobridores de vários logares do mundo, no desembarque de frotas e durante as incursões

¹⁸⁵ Ibidem, número 74, publicada em 1911, pp. 551-568.

por ilhas e continentes, são relativos aos casos excepcionaes, sempre que mulheres e homens da mesma tribu selvagem combateram os extranhos á raça aborígene. [...] dir-se-á que o incentivo da mulher na guerra defensiva é ora o amor aos filhos e a afeição à terra natalícia, ora sua fé ou crença supersticiosa da collectividade [...] pesquisemos a origem das reclamações cívicas do feminino, remontando á Athenas da primitiva demagogia. Da comédia de aristophanes o humorismo trahe a arrogância do masculino, no poder decidir ou a paz ou a guerra, “pois entreguemos a ellas o poder, conjecturando que as mães pouparão o sangue de nossos soldados”. Imagine-se que a assemblea popular nao era exclusiva dos homens livres, mas incluísse também as mães de família atenienses, seria de prever opinassem ellas contra a guerra de conquista; porém, na imminencia de agressão estrangeira, certamente sem hesitarem, todas ellas concitariam á guerra em defesa da república. Foi da vetusta Grecia o exemplo das mulheres entregarem, de motu próprio, suas joias preciosas aos gastos nas guerras defensivas de cidades. [...] é irrecusável o elogio de Plutarcho ás virtudes cívicas das atenienses, spartanas, chiotas, marselhesas et cetera. Mulheres exemplares de heroísmo e abnegação. O abalisado historiador, no século I, descreveu o assedio de Chio, sem rebuscados mythologicos: “foi uma proclamação barbara e infame, a de Philippe, filho de Demetrius, assediando a cidade. [...] as damas chiotas acompanhadas dos próprios escravos, indignados tanto quanto ellas, abalançaram-se a defender as fortificações, levando pedras e dardos aos combatentes, e suas instigações corajosas. Afinal ellas também lutaram, no arremessar projectis sobre o inimigo, e Philippe e suas cohortes foram repellidos.” Antes da era christã nota-se, anno 514, a defesa de Argos, capital da pequena republica, onde Telesilla e outras mulheres combatentes repeliram Cleómenes com os guerreiros spartanos. É do anno 480 na batalha de Salamina, a respeito da qual o famoso Xerxes louvou as mulheres sob o comando de Artemisia, rainha da Caria, por terem pugnado similhantemente a homens fortes, ao passo que os Persas mal resistiram como si fossem mulheres fracas. [...] Rápida foi a guerra pela independência do Brasil, e acirrada a resolução do general Madeira com as tropas portuguesas, após os dias cruéis de seu desembarque na Bahia, cidade em que a população fora trucidada, as igrejas saqueadas, os mosteiro das freiras violado. As damas e senhorinhas bahianas imitaram o exemplo das mulheres da Grecia; pois ofertaram suas joias preciosas á princesa Leopoldina, esposa de d. Pedro, o regente, para os gastos na guerra da emancipação nacional, e buscaram no Reconcavo o refúgio temporário.¹⁸⁶ [.sic]

No início do trecho o autor afirma que a guerra é “tão somente do masculino”. Dessa forma, podemos inferir que, na visão de Coelho as mulheres permaneceriam no domínio do amor, da paz, do cuidado, enquanto que aos homens pertenceriam o âmbito da luta, conquista, violência, do homem viril, conforme comentamos em nosso primeiro capítulo. Ao retomar Atenas, ele comenta que as mulheres – por possuírem mais compaixão e bondade – poupariam os soldados. Dessa forma, considera que elas não

¹⁸⁶ Ibidem, número 80, publicada em 1916, pp. 554-558.

teriam capacidade de desapegar de seus sentimentos para enviar homens para a batalha. Segundo Nicole Loraux, o cidadão é por definição um soldado, e as suas mães possuem a carga de suportar as guerras, ao enviar seus filhos para a batalha. Considerava-se que a natureza feminina seria correlata às lágrimas, ao luto, aos sentimentos.¹⁸⁷

O autor ressalta que o fato de elas serem mães as impediriam de desapegar de seus filhos. Coelho, porém, não considera que esses soldados também possuem figuras paternas. Ou, se considera isso, entende que para uma mulher perder um filho é muito mais impactante do que o sofrimento de um pai sob a perda de sua descendência. As mulheres, dessa forma, são construídas como mães. Os homens, porém, como líderes políticos não impactados por seus laços familiares.

É interessante, além disso, que para Coelho as mulheres guerreiam, porém apenas se forem atacadas. Elas não teriam desejos de conquista, somente de defesa, de forma semelhante como as mulheres da Antiguidade, que lutavam em situação de cerco. Essa retomada da mulher greco-romana impacta na construção da concepção de mulheres no século XIX e XX que não deveriam ser ambiciosas, mas que só lutariam para defenderem seus filhos e sua pátria, ou seja, reforça a figura materna e defensiva no feminino, nunca sendo conquistadora ou independente.

Posteriormente, o autor cita o exemplo do ataque de Xerxes, em que as mulheres que estavam sendo atacadas estavam sob o comando de uma mulher – Artemísia – e que, ao defenderem-se portaram-se de maneira semelhante aos homens. Assim, na defesa, as mulheres e os homens estão em uma situação de igualdade, na visão de Coelho. O feminino e o masculino estão ambos, nesse momento, como símbolos de força. Porém, após essa citação o autor comenta que os persas se portaram como “mulheres fracas”. Tal ideia se configuraria então do passado ao presente, pois, ao retornar para situações mais contemporâneas, o membro considera que a ação das mulheres brasileiras foi corajosa e que deveria ser louvada. Elas, porém, não participam no combate corpo a corpo. Sua atitude se resume a dar jóias para apoiar os homens.

Nesse sentido, observarmos – na construção da masculinidade do IHGB – não uma postura de oposição total à guerra e a violência, mas sim posições que afirmam que, ainda que a guerra expansionista seja negativa e não deva ser valorizada na História, em certos momentos – como pela defesa de ideais e para a libertação dos povos – a guerra é necessária. O feminino, ainda que atrelado a luta defensiva, seria

¹⁸⁷LORAU, Nicole. *Les Mères en Deuil*. La librairie du XXe siècle. Collection dirigée par Maurice Olender. Éditions du Seuil, 1990, p. 27.

mais fixado como maternal, fraco, e disposto a ajudar o masculino a todo custo, ainda que seja doando seus bens mais preciosos. As mulheres e sua relação com a guerra seria, na visão do IHGB, sempre secundária: elas não seriam as protagonistas, não optariam por isso por desejos próprios ou ambiciosos, e sim para protegerem a cidade e, mais importantemente, seus filhos. Dessa forma, o feminino seria atrelado ao materno, ao amor, ao privado. A visão das mulheres do passado apresentadas nesses trechos não é neutra, nem a verdade sobre a antiguidade. Mulheres romanas exerceram influência política, como podemos observar no caso de Julia Domna,¹⁸⁸ por exemplo. Porém os sócios do IHGB, ao ressaltarem aspectos somente domésticos, carinhosos e passivos das figuras femininas do passado, apresentam ideais do que eles desejavam construir para as mulheres de sua contemporaneidade: passivas, confinadas ao âmbito do lar e do privado, e amorosas e afetivas com as figuras masculinas. Conforme ressalta Loraux, há um estereótipo construído que endossa a ideia de que as mulheres não possuem nada a dizer, e que devem dar a fala aos maridos que, no máximo, atestarão que ela é uma boa esposa.¹⁸⁹ Esse estereótipo é reforçado pelos membros do Instituto. Loraux

afirma também que na Grécia Antiga havia a construção da mulher como o objeto do discurso, aquela sobre quem se fala sobre, e não aquela que possui a *parole*.¹⁹⁰ Aqui, no caso do IHGB, percebemos que os membros do Instituto, ao discursarem sobre as mulheres, agem de forma semelhante, não dando espaço para que elas discurssem ou escrevam, mas relegando-as ao papel de objeto, de personagem sobre a qual *eles* escrevem. Além desses aspectos, associamos esse confinamento das mulheres ao mundo privado – valorizado pelo IHGB – como uma possível resposta do Instituto à luta das mulheres pela conquista do voto. Afirmar Monica Karawejczyk que a possibilidade de estender uma igualdade jurídica para as mulheres aparentava uma ameaça ao domínio masculino da sociedade.¹⁹¹ As emendas que visavam estender o voto à população feminina eram vistas por parte dos congressistas como *anárquica* e *imoral*, pois iriam contra a suposta verdadeiras missão e papel da mulher, que seria voltado a vida doméstica, o casamento e a família.¹⁹² Afirmava-se que o sufrágio feminino iria mexer

¹⁸⁸ Lusnia, Susann. (1995) 'Julia Domna's coinage and Severandynastic propaganda', *Latomus* 54: 119–40.

¹⁸⁹ LORAUX, Nicole. Notes sur un impossible sujet de l'histoire. In: *Les Cahiers du GRIF*, n°37-38, 1988. Le genre de l'histoire, p. 113.

¹⁹⁰ Ibidem, p. 116.

¹⁹¹ KARAJEJCZYK, Mônica. As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c. 1850-1932). 398f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013, p. 83.

¹⁹² Ibidem, p. 97.

na estabilidade social, na ordem.¹⁹³ Ressalta a autora que mais do que a exclusão das mulheres, a não inclusão evidenciou que essa diferenciação do tratamento jurídico era baseada em uma argumentação sexista.¹⁹⁴

Assim, entendemos que ao ressaltarem que as mulheres deveriam pertencer ao âmbito do doméstico, no papel de boa esposa e de boa mãe, os membros do Instituto estariam tensionando à luta feminina pelo direito ao voto. Ressalta Cynthia Vianna que havia uma discussão sobre o direito de voto para as mulheres no final do Império e no início da República. Porém, apesar dessas intenções, foi somente a partir de uma intensa mobilização intensificada a partir dos anos 1910 que o sufrágio feminino foi conquistado em 1932.¹⁹⁵ Importantes agentes para essa conquista foram as sufragistas Leolinda Daltro, Bertha Lutz e Natércia da Silveira.¹⁹⁶ Apesar de possuírem diferentes posições sobre as questões como o divórcio, o papel da Igreja e os outros setores conservadores, essas lideranças exerceram pressão e ativismo para que a pauta de igualdade no direito ao voto fosse alcançada. Assim, enquanto a luta pelo voto ocorria, o Instituto demonstrava e marcava sua posição como contrário ao direito das mulheres ao voto, e favorável a ideia de uma mulher desempenhando o papel apenas de esposa, mãe, dona do lar.

O homem, por sua vez, caso necessário, seria o guerreiro, que não se preocupa com o fato de que seus filhos estão guerreando, pois não são vistos como figuras paternas, e sim como membros de uma cidade, de projetos políticos, do mundo público. Ele saberia ser forte e desapegado para mandar os seus filhos para a guerra. Isso, pois, na visão dos sócios do IHGB, a masculinidade seria, acima de tudo, racional, inteligente. Porém, ainda que existam ressalvas às guerras, às emoções, o atributo mais importante para a constituição de uma masculinidade, de um cidadão ideal brasileiro e republicano, o que mais deveria ser valorizado era o intelecto. Os aspectos relativos a sabedoria seriam os mais ressaltados, e por isso em diversos trechos os sócios do IHGB citam a preeminência do gênio e da ciência. Na introdução do livro *A História da Virilidade*,¹⁹⁷ um dos organizadores dos livros - Jean-Jacques Courtine – apresenta a

¹⁹³ Ibidem, p. 110.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 326.

¹⁹⁵ VIANNA, Cynthia Semiramis Machado. A reforma sufragista: marco inicial da igualdade de direitos entre mulheres e homens no Brasil. 240f. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, p. 85.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 89.

¹⁹⁷ CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). *História da Virilidade: a virilidade em crise?* Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

diferenciação da masculinidade da virilidade. Ele ressalta que o termo “masculino” foi por muito tempo pertencente ao âmbito gramatical. A virilidade, por sua vez, possui sua constituição a partir de ideais como a força, a autoridade, o domínio. Além disso, afirma Courtine que entendia-se que os homens não deveriam ser apenas “masculinos”, mas viris, homens “de verdade” no período final do século XIX e o início do XX. Assim, enquanto a masculinidade pode ser plural, a virilidade é estanque e reforça estruturas não igualitárias, de origem arcaica. Outro aspecto sobre o qual o autor comenta é a questão de que a hegemonia viril precisa aparecer como pertencente à ordem natural das coisas. Caso isso não ocorra os papéis que supostamente definem o feminino e o masculino entrarão em colapso. Acreditamos, nesse sentido, que a construção de masculinidade feita pelos sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era atrelada com uma ideia de virilidade. Ainda que não reforce necessariamente aspectos atrelados a uma força física, a uma violência, os membros visavam reforçar estruturas desiguais entre os homens e as mulheres, afirmando o homem como o pertencente ao universal, público, político, enquanto que ao feminino seria relegado o privado, emocional.

Como afirmamos, os clássicos possuem um papel fundamental para essa criação de um ideal de feminilidade e também de masculinidade, sendo que neste caso o foco era principalmente na intelectualidade. Diversos trechos em que os gregos e romanos eram citados eram atrelados a aspectos de racionalidade e sabedoria. Nesse sentido, consideramos como essencial separarmos, em nossa divisão de subcapítulos, uma parte de nossa dissertação para comentarmos sobre como se davam essas relações entre os clássicos, a masculinidade e principalmente como isso se daria em relação a construção de um cidadão brasileiro.

3.3 O INTELECTUAL E O CIDADÃO

Como comentamos anteriormente, o aspecto da intelectualidade era fundamental para a constituição da masculinidade e da cidadania na visão dos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Assim, nessa parte do terceiro capítulo visamos trabalhar e entender quais particularidades relacionadas a inteligência seriam ressaltadas, como seriam suas associações com a cidadania e com os clássicos, focando,

assim, em trechos em que a questão da inteligência é ressaltada e contribui para a construção de aspectos da masculinidade.

Diferentemente das outras duas partes presentes em nosso terceiro capítulo, nessa parte iremos tratar de trechos que estavam presentes apenas em discursos transcritos das atas das Revistas. Isso ocorreu devido ao fato de que a questão da nacionalidade e da cidadania aparecia com frequência nas reuniões desses membros.

Nesse sentido, o primeiro trechos que analisaremos é do nosso recorte inicial, de Aquino e Castro, que era então o presidente do IHGB. Ele afirmou que:

vai longe o tempo em que os homens de letras eram obrigados a trazer, como o divino Homero, a sacola e o bordão do mendigo, ou a receber, como Virgílio e Horácio, das mãos de generosos protectores meios de subsistência. Mas hoje a justiça, a dignidade da profissão e os interesses da civilização exigem, que os homens de letras possam viver do fructo do seu trabalho, ou pelo menos contar com elle na luta pela vida, cujas dificuldades augmentam constantemente.¹⁹⁸

Nesse trecho proferido em uma Sessão Ordinária, ele comenta sobre a ideia do papel do intelectual. Assim, resalta como no passado os intelectuais viviam em condições de penúria, tendo que ou se portar como mendigo, ou existir sob a caridade dos protetores. Porém na atualidade os homens de letras podem viver dignamente a partir do seu trabalho mental. Além disso menciona a questão de que os interesses da civilização exigem isso. Dessa forma, podemos entender como a questão dos homens letrados era essencial para o Instituto, pois a própria cultura exige que eruditos atuem.

Nesse sentido, chamamos a atenção para a expressão “homens de letras”. Homens, e não mulheres, restringindo, assim, o pensamento somente ao masculino, e não o feminino. Às mulheres a sabedoria estaria restrita. Ademais, o membro aborda a questão de viver do seu trabalho. Isso faz com que acreditemos que homens que viviam de esmolas ou de protetores não seriam valorizados, sendo que o ideal de virilidade que o IHGB visava construir era o de homem que se constrói sozinho, que luta e a partir do seu trabalho consegue conquistar prestígio.

Novamente Aquino e Castro, autor do trecho que comentamos, afirma em 1898, que:

e houve quem contestasse a utilidade da História! Insana pretensão. Quanto ao historiador, se é digno de suas nobres funções, elevará os leitores acima de todas as considerações estranhas á moralidade, e saberá lhes fazer preferir a sorte de Socrates bebendo a cicuta á dos tyrannos condemnando-o á morte. [...] A grandeza desses resultados, como ensina a sciencia, está na razão directa dos meios empregados

¹⁹⁸ Ibidem, número 52, publicada em 1899, p. 497.

para alcança-los. Quando o empenho é forte, firme a vontade e dignos os meios, o resultado há de corresponder sem duvida ao almejado fim. Já elegantemente dizia o príncipe dos poetas latinos: *durate, et vosmet rebus servate secundis*. Perseverai no trabalho; tende constância e fé, e contaí certo que melhores dias vos estão reservados.¹⁹⁹

Esse trecho, assim como o anterior, é também proferido em um discurso das Sessões Magnas de Aniversário. O contexto é o de que o presidente está valorizando a ideia da história e o papel do historiador. Isso para afirmar que o Instituto possuía esses intelectuais e que eles colaboravam para a nação brasileira. O papel do historiador é, assim, considerado como essencial para os membros do IHGB. Ele comenta como esse pensador impacta na constituição de qual memória será preservada. Ademais afirma sobre como os meios empregados são essenciais para determinar a grandeza dessa intelectualidade. O trecho em latim é de Virgílio, mas o autor não cita a autoria o que novamente reforça nossa ideia de que os membros do IHGB possuíam um conhecimento vasto sobre a cultura greco-latina. A frase pode ser traduzida como: continue e preserve-se para tempos melhores. Após esse trecho em latim, o próprio Aquino e Castro sugere uma tradução, porém não avisa que estaria traduzindo. O que mais chama nossa atenção nessa tradução é a questão da fé. Essa adaptação faz com que acreditemos que a questão espiritual, ainda que em um momento em que o Estado e a Igreja já estariam separados teoricamente, continua tendo um peso importante para os membros.

Outro aspecto a ser pensado no excerto é a perseverança no trabalho, seja ele intelectual, ou atrelado às profissões liberais dos membros. O indivíduo que o IHGB desejava construir como ideal era, então, como afirmamos anteriormente, um homem que não desistia frente as adversidades e que valorizava o trabalho. Ademais, esse cidadão trabalhador seria recompensado por suas atividades, o que faz com que entendamos que desde que você – homem – trabalhe e persevere, o sucesso certamente virá, independentemente de suas origens sociais, de suas oportunidades e chances. A ideia de uma masculinidade relaxada e conformada era criticada, dessa forma, pelo IHGB. Os membros desejavam uma nação com cidadãos intelectuais, perseverantes, trabalhadores.

Dessa forma, percebemos uma associação entre esses aspectos do passado clássico que são retomados e a criação de um homem e de um cidadão. Aquino e Castro, ademais, em 1901, comenta que:

¹⁹⁹ Ibidem, número 58, publicada em 1895, pp.404-409.

a ideia da instrução primeira devia limitar-se ao indispensável para constituir o homem um ser verdadeiramente social e praticamente racional, despertando suas faculdades intelectuais e cultivando suas inclinações affectivas. A língua, a leitura, a escriptura, os primeiros rendimentos dos números, as ideias de moralidade e de organização social são os conhecimentos que, por assim dizer, orientam o homem no meio em que vive e são como os instrumentos, sem os quaes nem a intelligencia pode operar, nem o coração dirigir-se. Correspondia a esta instrução a preferencia dada na Grecia antiga aos exercícios gymnasticos, onde a força e a destreza do corpo deviam ser uma qualidade do cidadão.²⁰⁰

A questão da cidadania é a chave desse trecho, dito em uma Sessão Ordinária. O tema que guia esse discurso é o da ideia de educação e a ideia da intelectualidade que deve ser desenvolvida. Ressaltamos novamente a questão de que a Antiguidade era vista como essencial para o ensino, conforme apontou Tavares.²⁰¹ Além disso, consideramos também que com essa noção de educação idealizada por Aquino e Castro havia a construção do masculino feita concomitante com a Antiguidade. Chamamos a atenção, inicialmente, para a ideia de que “o homem um ser verdadeiramente social”. Ainda que possa-se afirmar que ao dizer “homem” o que engloba-se é o universal, entendemos que isso ainda assim é excludente e que, o Instituto, ao utilizar esse conceito, visa delimitar e percebemos, assim, que a população pobre e analfabeta, assim como as mulheres, são excluídas do escopo do que era cidadania para os membros do Instituto.

Ademais, Aquino e Castro ressalta a importância de criar homens sociais, racionais e que cultivem “suas inclinações afetivas”. Novamente isso desperta nosso olhar para uma constituição da masculinidade que não apaga seus sentimentos, mas que valoriza-os e considera-os como importante na constituição da cidadania. A questão do intelecto é valorizada e também a sociabilidade é vista como essencial. Assim, entendemos que o homem que o IHGB construía era um que era voltado para a sociedade, e não isolado em um gabinete, pensando e refletindo sozinho. Essa razão e erudição deveria servir para a pátria, para uma noção coletiva. A Grécia antiga é retomada, entendemos, para legitimar a força dessa preposição. Assim como na antiguidade valorizava-se a ginástica, hoje deve-se ressaltar a inteligência, as, letras, a moralidade e a organização social. A moralidade, nesse sentido, é vista como parte primária na cidadania, moralidade essa, acreditamos, que valorizava a ordem, os bons

²⁰⁰ Ibidem, número 64, publicada em 1901, pp. 231-232.

²⁰¹ TAVARES, op. cit.

costumes, e via a diferenciação de sexo entre os homens e as mulheres como justa e legítima.

O passado clássico é utilizado para ressaltar a importância de aspectos formadores da cidadania, como o trabalho. O trecho do orador do Instituto Henrique Raffard 1903 afirma que:

todo o movimento patriótico tem sido a propaganda do IHGB e denuncia a realização completa das aspirações de seus fundadores: Coronel Cunha Mattos e Conego Januario da Cunha Barbosa. Sessenta e cinco anos passados na pratica de actos meritórios são garantias suficientes para não se arreceiar o IHGB do dia de amanhã. Continuaremos a lutar porque a luta é vida. Trabalharemos porque, diziam os Gregos: o trabalho é o pai da gloria.²⁰²

Esse trecho se refere ao fato de que o Instituto estaria comemorando seu aniversário de 65 anos. Ele é dito na Sessão Magna de Aniversário, logo após o discurso inicial do presidente Aquino e Castro. Esse trecho é localizado no discurso de Raffard, quando começa elogiando os feitos realizados pela Instituição. Os fundadores dessa instituição são citados como a origem desse movimento, mas também para afirmar que eles se orgulhariam do que ocorreu com o IHGB, pois todas as suas aspirações teriam sido completadas. Desde o início o Instituto tinha objetivos de fortalecer uma ideia de patriotismo, e isso permanecera 65 anos após sua fundação. A ideia de mérito mostra-se novamente presente. Por fim, a noção de trabalho é citada ao retomarem o passado clássico: o trabalho é o pai da gloria. Dessa forma, entendemos que a masculinidade do Instituto deveria valorizar o trabalho para alcançar a glória. Qual seria essa glória? Acreditamos que seria a da criação de uma pátria, de um patriotismo que valorizasse somente certos ideais, como o de erudição, masculinidade. A criação, enfim, de um cidadão idealizado e construído pelo trabalho.

O presidente Aquino e Castro comenta em outra Revista publicada em 1904 que:

senhores, sempre que ao impulso de elevados sentimentos de patriotismo e amor ás letras acham-se, como agora, reunidos neste luminoso templo consagrado á sciencia os dedicados consócios do IHGB, e os constantes amigos da instruccao que, ainda uma vez, aqui vemos celebrado em confraterra união as aprazíveis festas da intelligência e do saber, ocorre-nos á lembrança um judicioso conceito de Tacito, no seu interessante dialogo dos oradores: que pode haver, diz elle, que mais deleite e arrebate as pessoas de alma nobre e esclarecido espirito, que recreiam-se com prazeres honestos do que a frequente companhia de homens illustres? Quid enim dulcios libero et ingenuo animo, ad voluptates honestas nato, quam videre pienam et frequentem domum suam splendidissimorum hominum? É na verdade

²⁰² Ibidem, número 66, publicada em 1903, p. 316.

honroso e sumamente agradável o convívio de homens superiores, recomendáveis pelas suas qualidades Moraes e intellectuaes e lisonjeiro o apreço que deles merecemos; eis porque com jubilo, de vós rodeados, memoramos, hoje, glorias literárias por todos nós presadas.²⁰³

Esse trecho é de uma das Sessões Magnas de Aniversário do Instituto e o presidente, ao louvar a instituição do IHGB retoma Tácito. Isso é feito para valorizar a celebração da junção de pessoas intelectuais do Instituto. Ainda que tenha colocado a frase em latim, anteriormente a ela há a sua tradução. Há a menção a homens superiores e há a afirmação de que o convívio entre eles seria honroso e agradável. Essa noção de superioridade seria alcançada a partir do estudo e a maioria da população brasileira do período não era alfabetizada, e seria, dessa maneira, excluída da noção de superioridade do Instituto. Ademais, essa ideia legitima o domínio dos supostos superiores sob os inferiores, pois seriam aqueles os que possuíam o conhecimento, a ciência, enquanto que estes deveriam apenas assentir calados ao domínio, devido a sua suposta inferioridade. Acreditamos que a noção de masculinidade e, assim, de cidadania que o IHGB estava construindo era, então, excludente, com ideais de superioridade vistos como naturais.

Essa retomada da Grécia e de Roma Antiga, demonstram como a retomada de aspectos do passado era importante. O Marquez de Paranaguá, em 1907, afirmou que:

senhores! O passado explica o presente, e ilumina o futuro, que é a civilização e o progresso da nossa cara pátria, fazendo em todo tempo vigorar sob o império da lei a liberdade – sub lege libertas.²⁰⁴

A partir do discurso que o Marquez, acreditamos que a importância do passado vem, assim, tanto do fato de explicar o presente como pela questão de iluminar o futuro. A escolha do verbo “iluminar”, entendemos, é significativa: ela apresenta a dicotomia luz contra escuridão. A escuridão seria a falta do progresso, da civilização, da inteligência. Seria, enfim, a ignorância. O papel do IHGB, dos historiadores desse Instituto, seria o de ajudar a trazer a luz da sabedoria frente a ignorância que ameaça os princípios desejados. A importância de ideais de civilização, de uma civilização erudita, é presente.

Ademais, a questão do império mostra-se nesse trecho. O império, diferentemente da democracia, não opera a partir de um acordo da maioria, mas sim a partir da vontade de uns sobrepondo-se a dos outros. Isso, considerando os trechos que

²⁰³ Ibidem, número 67, publicada em 1904, p. 479.

²⁰⁴ Ibidem, número 70, publicada em 1907, p. 794.

apresentamos sobre a ideia de superioridade do IHGB, faz com que acreditemos que o Instituto considerava-se como o responsável, como aquele que deveria impor os caminhos para a civilização. Não a partir de uma aceitação de toda a população, mas mais pela submissão desta em prol do conhecimento e da inteligência que tanto valorizava o IHGB. O trecho em latim pode ser traduzido como “liberdade dentro da lei”. Isso apresenta que a ideia de uma liberdade irrestrita era vista como negativa para os sócios, pois havia a necessidade da lei para garantir a ordem, a estabilidade e a imposição dos ideais civilizacionais.

Em 1912 Affonso Celso, sobre a questão da cidadania, afirma que:

Demosthenes repetia que o dever do cidadão é combater pela pátria. E si é certo que na batalha de Cheronea, Philippe submeteu a Grecia, convertendo-a em simples província do domínio macedônico e que, arrazando Thehas, Alexandre impoz a Athenas a suplica da paz, é certo também que a palavra de Demosthenes deslumbra ainda a posteridade como a expressão incomparável e única, naquele momento, do culto da liberdade e da justiça. Eram os esforços supremos do gênio hellenico em prol da pátria livre. Demosthenes cumpria com tenacidade legendaria o dever de cidadão.²⁰⁵

Esse trecho é proferido na Sessão Magna de Aniversário, em que Affonso Celso é o presidente do IHGB e, assim, inicia a sessão com um discurso sobre o papel do IHGB, da defesa da pátria e da nação. A ideia de luta por manter a liberdade da pátria é vista como fundamentada. Isso vai ao encontro do que concluímos no subcapítulo anterior: ainda que a guerra fosse vista como algo negativo, quando era necessário proteger-se dos inimigos externos ela era vista como legítima. Ademais, Demosthenes, orador grego, por ter discursado opondo-se aos macedônicos, fugira durante o período de vida de Alexandre. Após a morte deste, Demosthenes volta à Grécia e permanece se opondo e incitando guerra aos macedônicos. Devido a essas ações, para não ser capturado, suicida-se com veneno. Essa suas atitudes feitas na Antiguidade são retomadas no presente do Instituto para afirmar quais deveriam ser as características do cidadão brasileiro: assim como o grego, os brasileiros deveriam defender a liberdade e a justiça, defender a pátria. A masculinidade construída seria a de uma que permanece fiel aos seus ideais independentemente da conjuntura que enfrenta, independentemente do medo da morte.

Ademais, Max Fleiuss, sobre a obrigação para com a pátria, discursa em 1916 que:

²⁰⁵ Ibidem, número 75, publicada em 1912, p. 328.

ah, verdade e justiça! Nunca ellas foram mais preciosas do que nestes duros tempos que correm, sombreados por uma nuvem negra de ultrajes á civilização [...] há quase 2.000 annos, jesus christo, o filho de Deus, pregando a paz, a virtude e o amor, operando maravilhas, sacrificando-se ele próprio para redimir o delicto do homem, fundou a sancta religião, que devera transformar o mundo. pois bém: a creatura rebelde, orgulhosa e insensata ahi está a surgir de século em século, aprimorando os instrumentos de extermínio, mutilando inocentes e mulheres fracas, arrasando templos, museus e universidades, com a mesma fereza com que os fanáticos do islam incendiaram a biblioteca de Alexandria, com a mesma feura que presidia mil annos depois ao bombardeamento da sumptuosa Acropole de Athenas pelas tropas venezianas. [...] “na cultura emotiva da alma feminina está um dos elementos mais poderosos para a construção da paz futura”. [...] nella, a obra prima da creacao, nella eu admiro o anjo benedito do lar, a meiga sócia das nossas alegrias e tristezas. [...] Mesmo, e sobretudo em horas angustiosas, quando o patriotismo, retrahido, molesto, desorientado, se exhalava em queixas, protestos, reriminacoes, aqui se ouviam vozes de conforto, hymnos de inabalável confiança. Um dia sem servir á pátria é um dia cortado de minha vida, disse um guerreiro famoso. O Instituto, pelo alegado motivo, nenhum momento aproveitável eliminará de seu percurso, excedente de três quartos de século. Cabia ás antigas sacerdotisas de Roma a honra augusta de conservarem permanentemente accesa, ante o altar de Minerva, a chamma sagrada que, si, por desgraça, extincta, só se reascendia aos raios de sol. Além disso, guardavam ellas o palladium, exerciam funccoes de conselheiras publicas, dirigiam aos ceos preces constantes, consideradas efficacíssimas, para a salvação comum, e interpelavam nao raro os dirigentes, concitando-os a permanecer vigilantes: “vilasme, rex, vigila”. Programa análogo tem sido o nosso e se-lo-á pelo porvir adiante, pois ao Instituto sobejam designios e elementos para arrastar os tempos, cheio de serena, inabalável, invencível fé na Pátria²⁰⁶

Esse trecho faz parte de um discurso proferido em uma Sessão Ordinária. Nesse trecho, Fleiuss comenta sobre a Primeira Guerra Mundial, que estava ocorrendo. Em sua opinião, a guerra é um ultraje à civilização. Retoma Jesus Cristo, o que apresenta um resquício de religião ainda presente na visão de membros do Instituto, que apesar de afirmar aspectos da ciência e da neutralidade continuam comentando sobre aspectos religiosos. Comenta que Jesus pregava o amor, o que faz com que acreditemos que a masculinidade, em seu discurso, valorizava o sentimento amoroso e o utilizava como um argumento contrario à guerra. Posteriormente, nesse trecho, afirma que as mulheres são fracas. O que faz com que o homem, ainda que seja criticado, seja o dominador, o destruidor, e a mulher, por sua vez, a passiva, a que morre, a que sucumbe. Ele cita que a mulher pode ser importante para a construção da paz futura, o que faz com que entendamos que eles acreditavam que o ímpeto, que a própria essência feminina era

²⁰⁶ Ibidem, número 80, publicada em 1916, pp. 698-699.

pacífica, passiva, meiga, frágil. Esse apelo feminino pela paz seria valorizado, mas nunca seria atrelado ao papel do que pertence ao homem.

Ainda que esse momento histórico seja doloroso para o IHGB, eles ainda consideram como sua função pátria relatá-lo. Veem-se, dessa forma, como os responsáveis pelo cultivo da memória, tais quais as antigas sacerdotisas. Essas sacerdotisas, conhecidas como as vestais, eram as que cultuavam a deusa romana Vesta, que personifica a cidade e a pira doméstica. As sacerdotisas não poderiam deixar o fogo do templo de Vesta se apagar e esta função seria somente feminina. Elas possuíam muito prestígio, pois o fogo representava a permanência de Roma e do próprio modo de vida romano e, caso ele apagassem, o Império Romano sofreria a ira dos deuses. Dessa forma, atrelamos a manutenção do fogo como a permanência de um modo e de uma identidade romana. Ademais, a frase em latim poderia ser traduzida como: “vigias, rei, vigias”, reforçando, assim, para que houvesse uma vigilância do fogo feita pela liderança local. Essa referência ao passado é feita para que haja uma ligação com o presente. Enquanto no passado uma função importante era destinada às mulheres, o presidente do Instituto a transforma em uma missão dos homens. Além dessa questão, a manutenção da chama acesa é delegada como função para os homens do presente. Isso nos remete a ideia da pira civilizacional, em que o conhecimento e o progresso passariam como uma tocha de uma civilização para a outra. Porém, enquanto no passado essa função era feminina, os membros do Instituto apontam que os homens seriam os únicos responsáveis pelo progresso, pela manutenção da chama da civilização. Por fim, acreditamos que, ao afirmarem a invencível fé na pátria, os membros do IHGB ressaltam a função restrita a eles como os responsáveis por um projeto nacional, patriota, e que teria como protagonistas os homens, somente, sem espaço para o feminino.

De forma semelhante, Manuel Cícero Peregrino da Silva, em 1921, ao tratar do tema da História, afirma que:

Tentão imaginar a Prehistoria, que descerra longo passado anterior aos dias da Grecia e de Roma, dias da transição grega em que se desenvolveu a intelligencia, e da transição romana em que progrediu ou cresceu a actividade practica, actividade primeiro belicosa, depois pacifica industrial. Descei nas camadas do tempo. Deixae correr a era anthropozoica, Tendes, deante de vosso espirito, a terra – antes que houvesse acontecido o aparecimento do homem. [...] Em não sendo simples allovio de factos mais ou menos desconexos, ou do momento que principia de existir como doutrina, a Geografia caminha de mãos dadas com a História [...] perdoae-me, si neste abençoado templo da sciencia e da justiça, acabo de seguir o mau caminho que se

tracou Alexandre Magno na officina de Apolles, por honrar com a sua presença um sujeito tao insigne na sua arte; e começou a falar demasiadamente acerca da pintura. Apolles com brandura cortez, mas picante lhe disse: Senhor, veja que se ri do moço que moe as tintas. E agora, dizei, em meio de tantos historiadores, acaso não falei demasiadamente acerca da História? Seja. Mas não importa; é o coração que me veio aos lábios. [...] previsava-se saber manejar o instrumento próprio daquela arte consumada, o grego e o latim; queria-se falar e escrever como Cicero e Vergilio, como Demosthenes e Homero. [...] hoje as línguas nacionais tomaram o lugar das línguas clássicas [...] mas precisamente enquanto o grego e o latim iam perdendo terreno como instrumentos do falar e escrever, acrescentava-se o seu valor e dignidade.²⁰⁷

Ele realiza esse discurso como presidente da Sessão Ordinária, e o proclama para a abertura da sessão. O tema de seu discurso é, assim como o de outros que já citamos, ressaltar o papel do Instituto como aquele que possui o conhecimento da História e da Geografia, e por isso permanece valorizado. Peregrino da Silva não se considerava historiador, nem geógrafo, mas mesmo assim arrisca-se a falar da temática. Para legitimar sua fala, comenta que Alexandre Magno realizou o mesmo ato, atrevendo-se a comentar de pintura com um pintor. Ademais, para justificar seu discurso, Silva afirma que o coração que veio aos lábios dele. Foi o coração, e não a racionalidade que operou nesse discurso, e por isso ele se desculpa, mas mesmo assim mantém sua fala. Dessa forma, entendemos que ainda que para o Instituto a ciência e a exatidão devam ser os principais responsáveis pelos discursos e por suas ações e feitos, por vezes o coração e as emoções podem aparecer.

Além de criticar sua própria ignorância frente aos historiadores e geógrafos, o autor critica o fato de que as línguas clássicas – o grego e o latim – estão perdendo terreno para as línguas da contemporaneidade. Porém, ainda que ressalta que isso é uma realidade, valoriza quem continua a utilizar esses conhecimentos do passado greco-romano. Esse trecho data de 1921, e podemos perceber que aspectos da antiguidade estão deixando de ter proeminência no âmbito nacional, como o próprio autor menciona em relação às línguas. Ainda assim, o Instituto ainda continua apegando-se a certos aspectos da antiguidade, considerando que elas tem valor e dignidade. A estratificação e separação de setores da sociedade mostra-se presente, em que uma população letrada e conhecedora do grego e do latim seria digna e valorosa, enquanto que a maior parte do Brasil, possuindo o conhecimento apenas do português, seria considerado menos importante a partir dos olhos do IHGB.

²⁰⁷ Ibidem, número 90, publicada em 1921, pp. 807-814.

A escola e a educação, então, possuem relevância para a formação dessa elite valorosa. Max Fleiuss, em 1924, declara que:

a escola não é so um meio de esclarecer e mobilar a intelligencia e a memória, mas principalmente de formar o character. [...] a ignorância - não é preciso reafirma-lo aqui – foi sempre a noite fechada do espírito, sem lua e sem estrelas, de que falava Marco Tullio Cicero.²⁰⁸

Nesse trecho de uma das sessões ordinárias, Max Fleiuss inicia o seu discurso valorizando a educação brasileira, o papel do IHGB nisso com o colégio D. Pedro II, o papel do Instituto também em fornecer intelectuais como historiadores e geógrafos para a nação brasileira e cita esse trecho. Nele a ignorância aparece como atrelada com a escuridão. Em discursos anteriores, como relatamos, a ideia de sabedoria e civilização era representada pela luz, pela tocha, que seriam responsáveis por iluminar o caminho e acabar com as trevas do desconhecimento e da ignorância. Essa ideia de luz contra a escuridão remonta também a uma ideia de conquista, de uma luta em que a tocha e o conhecimento devem ser aqueles que saem vitoriosos. A escola seria, dessa forma, uma maneira de ajudar a acabar com essa escuridão, ensinando a ciência e os aspectos de erudição que tanto valorizavam o Instituto. Porém, é importante ressaltar que além dessa formalidade, o IHGB considerava que a escola possuía o papel de formar o caráter. Qual caráter seria esse? Nessa parte do discurso não há uma resposta, porém pela da leitura das revistas que realizamos, a partir do que trouxemos nessa dissertação, acreditamos que certas tópicas seriam valorizadas: um homem que soubesse controlar seus ímpetos e impulsos de raiva, que não utilizasse a violência para o ataque, e somente para a defesa e para a liberdade, que enaltecesse acima de tudo a inteligência, a ciência, a sabedoria.

O papel do historiador como aquele que lembra desses aspectos é valorizado por Max Fleiuss. Nesse mesmo discurso ele afirma que:

o historiador de hoje, para realizar plenamente a sua missão teria que possuir, em sua cultura, o encyclopedico de Aristoteles. Por isso mesmo, as grandes syntheses históricas ultrapassam modernamente as possibilidades de um so individuo e so as grandes asociacoes culturais serão capazes de realizá-las nas paginas de Xenophonte, de Tito Lívio, nas paginas de Tucídides ou de Tácito, a história nao é senão uma grande arte [...] esta condição de grande arte parece ser o traço mais distinctive da sciencia. Histórica, o traço que a singulariza o conjuncto das demais sciencias.²⁰⁹[sic]

²⁰⁸ Ibidem, número 96, publicada em 1924, p. 421.

²⁰⁹ Ibidem, pp. 339-345.

O passado clássico é visto como um modelo de inspiração para os membros, para os historiadores. Grandes historiadores do passado como Xenofonte, Tito Lívio, Tucídides e Tácito são citados. Ainda que tenham escrito a história de maneiras diferentes, seja ora mais preocupados com os supostos fatos, ou com a narrativa de uma história, todos esses nomes do passado são alinhados em conjunto. Além disso, a história é resumida como uma grande arte, nesse trecho, e não como uma ciência. Porém, logo após isso há uma exaltação da história como científica. Assim, podemos observar uma conciliação do IHGB, em que a disciplina histórica é vista tanto como uma arte como uma ciência. Essa postura conciliatória é presente na maneira de ver essa disciplina e, também, acreditamos, na maneira de constituição dos homens. Enquanto intelectual, mas também enquanto guerreiro, enquanto racional, mas que valoriza os sentimentos.

A antiguidade clássica é utilizada novamente para a legitimação da proeminência dos sócios. Aureliano fora um imperador romano conhecido por – a partir da guerra – ter restaurado fronteiras que haviam sido tomadas pelos povos ditos bárbaros. Fora celebrado por sua conduta exemplar no exército e por sua disciplina. Homero, por sua vez, teria sido um poeta épico Grego ao qual é atribuído a autoria dos poemas da Ilíada e da Odisseia. Uma figura, dessa forma, intelectual, ligada à escrita e à memória.

Novamente os aspectos de mescla de características guerreiras e intelectuais são retomados. Do passado, para o presente, Fleiuss afirma que a família brasileira de grandes cidadãos não está extinta. Dessa forma, entendemos que com isso ele visava ressaltar que a eloquência do Brasil permanecia, que o passado clássico ainda poderia contribuir com isso. Ainda assim, entende-se que esse modelo poderia estar em crise, pois ao afirmar que a família não está extinta, inferimos que havia modelos que poderiam estar tentando extinguir essa forma de constituição de identidade, de masculinidade, de nação.

Conforme apresentamos anteriormente, as mulheres e os analfabetos não fariam parte dessa intelectualidade e nem dessa cidadania. Ainda assim, há uma noção de família no IHGB: noção, acreditamos, que poderia remontar a uma família tradicional, constituída por um homem, uma mulher, um filho. Porém, como a mulher estaria excluída da noção de cidadania para essa instituição, entendemos que a ideia de família que está presente nesse trecho refere-se a uma constituída pelos próprios membros do Instituto, constituída somente a partir do masculino, em uma coletividade intelectual

que eles desejavam afirmar como não universal, mas seleta. Havia, então, uma procura por ressaltarem-se como uma família, como um conjunto de indivíduos que permaneceria unido e lutando por certos aspectos de constituição de masculinidades, de nacionalidades, de cidadania. Contudo, não sabíamos ao certo qual o papel que o passado clássico continuaria a ter nessa constituição.

Em 1930, com a mudança do regime da ideia de Primeira República para a questão do Governo Vargas, há uma transformação que marca o fim de certos aspectos do IHGB: outros aspectos identitários começariam a ser moldados. Os clássicos, no IHGB, quando nos aproximamos dessa época, começaram a ser cada vez menos citados, e noções de crise de valores e de identidades mostram-se presentes. Entendemos que isso possa ocorrer porque a visão que desejava-se construir sobre o Brasil já seria outra. É significativo terminarmos nossa análise de fonte, então, com a menção da última revista publicada em nosso recorte temporal: 1930. Nesta revista não há a aparição de nenhum aspecto referente à antiguidade clássica. Há somente um grande artigo científico nela, e não há a comum transcrição das atas. O artigo é intitulado “História do Brasil”, e antes de seu início há o seguinte trecho: Este tomo da Revista encerra unicamente a História do Brasil, de Henrique Hendelmann²¹⁰.

O fim, então, da História do Brasil. A conclusão de um capítulo que indica o início de outro, em que os clássicos podem até estar presentes, mas que não são elemento principal para a criação da masculinidade, da cidadania, da nação. Como afirma Anderson Zalewski Vargas, a ideia de direito e de cidadania era estendida apenas para a parcela da população que seria cumpridora do dever de obedecer às normas vistas como universais e naturais de comportamento.²¹¹ Assim, aos que não eram englobados nessa visão o caminho seria ou o da educação, para serem “civilizados” ou pela exclusão dessa população. Independentemente da saída, a constituição da nação ideal seria feita pela elite.²¹²

²¹⁰ Revista do IHGB, número 108, publicada em 1930, página 10.

²¹¹ VARGAS, Anderson Zalewski. A luta contra as liberdades: imprensa, reforma e exclusão social na Porto Alegre do início do século XX. *Calorscuro*, n. 2, 2002, p. 125.

²¹² *Ibidem*, p. 131.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação refletimos sobre um tema ainda pouco estudado: a questão dos estudos de recepção no Brasil da Primeira república e suas interconexões com as relações de gênero. Analisando a presença do passado clássico nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no período de 1889 até 1930, buscamos entender como a apropriação e releitura do passado greco-romano participou da construção de um ideal de masculinidade feito pelo Instituto.

Para trabalharmos com as revistas dessa instituição consideramos como essencial entender os debates sobre a relação entre o passado e o presente e a ideia de recepção da antiguidade. Nesse sentido, visamos, inicialmente, discutir os estudos que criticaram a perspectiva de um mundo clássico distante temporalmente, congelado, visto somente a partir de ideias de tradição. Os autores e as autoras que lemos contribuíram para que pudéssemos entender como o passado retomado pelas lentes da contemporaneidade não é o passado tal qual, sendo este inatingível. O passado greco-romano que é retomado pelos membros do IHGB é um passado visto a partir do presente deles, em que figuras que são retomadas aparecem para legitimarem ideais que os intelectuais da instituição visavam fortalecer. Dessa forma, as e os autores que lemos contribuíram para que pudéssemos ter a noção das múltiplas temporalidades e camadas de leitura, compreendendo que o passado greco-romano, ao ser retomado no século XIX, é relido a partir deste século, e não da Antiguidade Clássica. Ademais, contribuíram para que entendêssemos que a retomada do passado não é feita de maneira neutra, sendo construída partir do presente em que as pessoas viviam, em que certos aspectos são ressaltados e outros, por sua vez, excluídos. Nesse sentido, ressaltamos que a construção identitária e de masculinidade do Instituto focava em reforçar uma desigualdade, uma diferença que existia e deveria existir entre os que eles consideravam como os dignos e os que não mereciam constituir a nacionalidade brasileira. Ainda assim, afirmamos também que havia outros discursos que existiam nesse período, realizados pela literatura, por outras visões que afirmavam a noção de um Brasil menos desigual e, por sua vez, mais plural e diversificado.

Ademais, considerando a relação de nossa pesquisa com os estudos de gênero, em específico com os estudos da masculinidade, a leitura de autores e autoras como Joan Scott, Richard Miskolci, fizeram com que optássemos por entender que a

masculinidade e a própria feminilidade não são conceitos prontos e naturais. Pelo contrário, eles são construídos a partir do discurso, são constituídos e criados nas falas e ações. Além disso, essas leituras apontaram – e concordamos com esse viés – que a masculinidade não é única, e que há a construção de diferentes masculinidades, existindo a hegemônica e as subalternas. A masculinidade, também, poderia englobar ideais de virilidade, de força, mas nem toda forma de ser masculino seria equivalente a assumir essa ideia de virilidade. Assim, essa maneira de entender a masculinidade fez com que pensássemos na complexidade dos discursos e das construções de identidades. Ao analisarmos as revistas do Instituto, não visávamos entender a masculinidade como um produto feito, como algo que já entendêssemos como pronto e que, dessa forma, iríamos, a partir da documentação, apenas reforçar o que acreditávamos. Pelo contrário, ao analisarmos nossos documentos, desejávamos ver a masculinidade como o processo, entendermos ela e como ela era constituída, criada, construída, a partir dos discursos, pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Esses discursos estavam presente nas revistas do IHGB. Essa documentação foi constituída e surgiu a partir de momentos específicos na história do Brasil. Nesse sentido, foi por isso que acreditamos ser importante trazer aspectos da genealogia dessa instituição, conforme realizamos no primeiro capítulo. Ao abordarmos o momento em que o Instituto foi pensado, idealizado, concretizado, visávamos apresentar como seu surgimento, a escolha de seus membros, seu vínculo com o poder estatal eram importantes para o que estaria presente na escrita dos discursos. Discursos que, observamos, possuíam forte ligação com a ideia de uma identidade nacional e, por isso, tratamos, também, da questão da relação do IHGB com a ideia de nacionalidade. Ideia essa que seria fortemente permeada e feita a partir da ligação com o passado grego e romano. Ligação essa que era construída a partir de um certo aspecto de recepção. Os membros do Instituto frequentavam o Colégio Dom Pedro II, no qual estudavam o latim, assim como analisavam obras gregas e romanas. Além disso, possuíam, no acervo do Instituto, obras do passado clássico. Ainda assim, reforçamos que os conhecimentos que eram aparentes nos discursos dos membros, em relação aos gregos e romanos, eram de uma maior adjetivação, em que, ao apresentarem o passado da Antiguidade clássica, eles não discutiam ou debatiam o passado, mas o instrumentalizavam para demonstrar saber, para assim afirmar um poder em relação aos outros e, dessa forma, criar ideais de

exclusão do que não seria desejado, a partir da louvação de certos aspectos e críticas de outros.

Essas reflexões sobre os estudos de recepção, de gênero, e sobre a genealogia do Instituto foram fundamentais para, enfim, pudéssemos analisar a documentação selecionada: os segundos volumes anuais das revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Destacamos, para nossa análise, trechos que eram utilizados na língua latina, assim como a menção direta a filósofos, pensadores, líderes e até personagens da mitologia grega e romana.

Nesses trechos, estavam presentes algumas temáticas que relacionavam os clássicos e a masculinidade. Uma dessas questões era a morte: os membros do instituto que faleciam eram retomados e associados com personagens do mundo greco-romano. As pessoas do mundo clássico que mais eram citadas nesse tipo de construção discursiva eram filósofos, oradores, escritores. Assim, concluímos que – ao relacionar o sócio recém-falecido com uma figura do mundo intelectual do passado – entendemos que o IHGB construía uma valorização dos homens do mundo letrado, e era essa a imagem que eles desejavam associar o membro para a posteridade. Nesse sentido, esse enfoque acabava por construir, além disso, a noção do que deveria ser um homem: um intelectual, que prezava a razão, as letras. O que ocorria nesse discurso fúnebre era a retórica fúnebre que realizava uma exaltação de um passado específico, de aspectos específicos dos membros, que, assim, construía um ideal coletivo do que deveria ser o masculino.

Porém, apesar desse enfoque do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em questões relacionadas ao mundo intelectual, a partir da análise das fontes acreditamos, também, que não havia uma oposição total a ideia de violência ou de guerra. A guerra expansionista era associada com aspectos negativos, mas a guerra defensiva, pensam os intelectuais do IHGB, era por vezes necessária. Assim, a libertação dos povos oprimidos e também a defesa de ideias seriam justificativa suficiente para que esses sócios do Instituto considerassem a guerra como necessária e justa. Ainda assim, é importante ressaltarmos que, ainda que a guerra fosse – em certos momentos – valorizadas, isso não faz com que os membros dessa instituição valorizem sentimentos de descontrole e ira.

Pelo contrário, os sentimentos de compaixão e amor são considerados como importantes. Ainda que eles sejam associados ao feminino e à ideia de maternidade, o amor também é visto como uma parte constitutiva do masculino. Porém, chamamos a atenção para a noção de que, nesses ideais atrelados aos sentimentos, eram ressaltados as noções de um homem controlado, temperado, que não se deixa levar pelos impulsos violentos. O masculino poderia englobar os sentimentos, mas o principal para o homem ainda deveria ser, na visão do IHGB, a ideia de inteligência, racionalidade, movido pelo mundo público. A mulher, essa sim, por sua vez, seria a que teria em seu âmago os sentimentos, o mundo privado, a emoção. Dessa forma, os membros tencionavam a questão da luta feminina pela inserção no mundo público institucional: tencionavam a luta pelo direito ao voto feminino. Assim, ao apresentarem um passado greco-romano que afirmava as mulheres como esposas e mães, atreladas aos sentimentos, fazia com que o IHGB se posicionasse como conservador em sua atualidade, no presente.

Todas essas questões de sentimentos, intelectualidade, guerra eram importantes para a constituição do que deveria ser um homem na visão do Instituto e, além disso, construíam a ideia do que deveria ser um cidadão brasileiro. A ideia de trabalho era importante para essa constituição de cidadania: o cidadão brasileiro seria trabalhador e que conseguiria conquistar seu local de destaque na sociedade a partir do trabalho e da ideia de que ele mereceria estar em tal função ou cargo. Um homem, nesse sentido, que se constrói sozinho, que luta. A ideia de homens que conseguiam seu sustento a partir de esmolas ou de protetores era desvalorizada. Ademais, essa conquista pelo mérito faria, pensam os membros do IHGB, com que esse padrão de masculino se destacasse, e fosse, assim, visto como superior e como responsável por levar a civilização para toda a população brasileira. Nesse sentido, a ideia de cidadania espelhava também aquilo que os sócios do Instituto desejavam ter como futuro, como homem do amanhã, como nação do amanhã.

O passado, o presente, o futuro. Essas três temporalidades eram valorizadas e interconectadas para apresentarem um homem, um cidadão, uma identidade brasileira. É importante ressaltar que os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro apresentava a noção de um *homem* cidadão. E a ideia de um certo tipo de homem: branco, de elite, com conhecimento sobre o passado clássico, formação escolar e universitária, letrado. Dessa forma, os analfabetos, os negros, a população pobre e as mulheres brasileiras seriam excluídas da noção de cidadania. Excluídas pelo medo

presente na elite intelectual, medo de uma suposta degenerescência social que existiria entre a interação entre as diferentes categorias sociais, gêneros, raças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentação

Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: números 52; 53; 54; 55; 56; 57; 58; 59; 60; 61; 62; 63; 64; 65; 66; 67; 68; 69; 70; 71; 72; 73; 74; 75; 76; 77; 78; 79; 80; 82; 83; 85; 87; 90; 92; 96; 97; 101; 104; 106; 107. Disponíveis em: <https://ihgb.org.br/>

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino* (Nordeste –1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

ALMEIDA, Anita Correia Lima de. Pavoroso espetáculo: o culto ao Vesúvio no Rio de Janeiro oitocentista. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. 490-513, set./dez. 2017.

ARMOND, Victor Ribeiro Leivas Dias Ferreira. *Um Estado sem nação: o IHGB e a construção da identidade nacional brasileira no século XIX*, 54f. Monografia (Graduação em Ciência Política) - Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, 2016.

AVELAR, Alexandre de Sá. Entre a tradição e a inovação: o IHGB e a escrita biográfica nas primeiras décadas republicanas. *Hist. Historiogr.* v. 13, n. 33, maio-ago., ano 2020, p. 397-429.

BACHOFEN, Johan. *Mother Right*. Princeton: Princeton University Press, 1967.

BADINTER, E. *XY sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

BÉLO, Tais Pagoto. *Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder*. 261f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

BRANDT, Paul. *Sexual Life in Ancient Greece*. St. Gallen: Abbey Library, 1932. BUTLER, J. *Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Shane. The youth of antiquity: reception, homosexuality, alterity. *Classical Receptions Journal*. Vol. 02, n. 04, 2019.

CALLARI, Cláudia Regina. Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 59-82, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882001000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 de abril de 2020.

CAMERON, Averil; KUHRT, Amelie. *Images of Women in Antiquity*. Abington: Routledge, 1983.

CANABRAVA, Alice. Piffer. Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano de Abreu. *Revista de História*, São Paulo, v. 43, n. 88, p. 417-424, out./dez. 1971.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas- O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. Los Angeles: University of California Press, 1995.

CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). *História da Virilidade: a virilidade em crise?* Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

DABDAB TRABULSI, José Antonio. L' histoire ancienne au Brésil. *Dialogues d' Histoire Ancienne*, Besançon/Paris, v. 11, p. 763-764, 1985.

DABDAB TRABULSI, José Antonio. Liberdade, Igualdade, Antiguidade: a Revolução Francesa e o Mundo Clássico. *Phôenix*, Rio de Janeiro, 4: 205-255, 1998.

DABDAB TRABULSI, J. A. Positivismo e cidade grega antiga: acerca de dois problemas de método histórico. *Tempo (London)*, Niterói/RJ, v. 15, p. 179-200, 2004.

DABDAB TRABULSI, José Antonio. Permanências e releituras da Antiguidade: o problema geral e o caso do dionisismo, da Antiguidade ao Renascimento. *PHOÏNIX*, Rio de Janeiro, 10: 166-194, 2004.

DABDAB TRABULSI, J. A. A democracia Ateniense e nós. *E-Hum Revista Científica do Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes do UNI-BH*, v. 9, p. 8-31, 2016.

DOVER, Kenneth. *Greek Homosexuality*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

FANTHAM, Elena; FOLEY, Helene Peet; KAMPEN, Natalie Boymel; POMEROY, Sarah; SHAPIRO, H. Alan. *Women in the Classical World: image and text*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

FEITOSA, Lourdes. *História, gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos*. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 2003, n. 13. pp. 101-115.

FERREIRA, Aline Pessato. *A soma de luzes na construção da felicidade pública e a reflexão sobre o passado português: política e história na Revista do IHGB (1838-1889)*. Campinas, SP : [s. n.], 2009.

FERREIRA, Lúcio Menezes. *Vestígios de Civilização: A Arqueologia no Brasil Imperial (1838-1877)*, 200F. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: O cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998, p. 15-37.

FORBERG, Friedrich-Karl. *Manuel d'érotologie classique*. Paris: Gallimard, 1994.

FUNARI, Pedro Paulo A. Antiguidade, proposta curricular e formação de uma cidadania democrática. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: Anpuh, v. 7, n. 14, p. 261-262, 1987.

GADAMER, Hans-Georg. *Truth and Method*. London: Continuum, 1975.

GUIMARÃES, Luís Salgado. “Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma nação nacional”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol.1, 1988.

HALPERIN, David. *One Hundred Years of Masculinity: and other essays on Greek love*. Abingdon: Routledge, 1989.

HANCOCK, Elizabeth. *Masculinity and the male body from the world of the ancients to the world wide web*. Dissertação (Mestrado em Programa Interdisciplinar). Eugen, Oregon: University of Oregon, 2008.

HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HENDERSON, Jeffrey. *The Maculate Muse: Obscene Language in Attic Comedy*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

HIGHET, Gilbert. *The Classical Tradition: Greek and Roman influences on Western literature*. Oxford: Oxford University Press, 1949.

HINGLEY, Richard; UNWIN, Christina. *Boudica: Iron Age Warrior Queen*. New York: Hambledon Continuum, 2005.

HOLUB, Robert. *Reception Theory: a critical introduction*. London: Methuen, 1984.

HOLTEN, Birgitte.; GUIMARÃES, Lucia, Maria, Paschoal. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Real Sociedade dos Antiquários do Norte e o Dr. Peter Wilhelm Lund: a suposta Presença escandinava na Terra de Santa Cruz e a ciência. In: *Encontro de 1997 da Latin American Studies Association*, Continental Plaza Hotel, Guadalajara, México, 17-19 de abril de 1997.

HRUBY, Hugo. Obreiros diligentes e zelosos auxiliando no preparo da grande obra: a História do Brasil no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1912). Porto Alegre, 2007.

ISER, Wolfgang. *The act of reading: a theory of aesthetic response*. Maryland: Johns Hopkins University Press, 1978.

JAUSS, Hans Robert. *Toward an Aesthetic of Reception*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982 JOHNSON, Marguerite. "Classical Reception Studies: some pedagogical approaches". *Classicum*, vol. XXXIX, 3, 2013.

JENKYN, Richard. *The Victorians and the Ancient Greece*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

KARAWCZYK, Mônica. As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c. 1850-1932). 398f. Tese (Doutorado em

História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

KIMMEL, Michael; MESSNER, Messner. *Men's lives*. Nova York, Macmillan, 1989.

KIMMEL, Michael. *Changing men: New directions in research of Men and Masculinity*. Nova York : Sage Publications, 1987.

KIMMEL, Michael. *Manhood in America*. Oxonia : Oxford University Press, 1996.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998, p. 103- 118.

LORAUX, Nicole. *Les Mères em Deuil*. La librairie du XXe siècle. Collection dirigée par Maurice Olender. Éditions du Seuil, 1990.

LORAUX, Nicole. Notes sur un impossible sujet de l'histoire. In: Les Cahiers du GRIF, n°37-38, 1988. *Le genre de l'histoire*, pp. 112-124.

MARTINDALE, Charles. *Redeeming the text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard. *Classics and the Uses of Reception*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2006.

MCCLURE, LAURA. *Sexuality and Gender in the Classical World*. Malden: Blackwell Publishers, 2002.

MISKOLCI, R. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira; MACHADO, Humberto Fernandes. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PALPLONA, Ronaldo et. al. *Macho, masculino, homem*. Porto Alegre: LPM, 1986.

PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam. *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. São Paulo: Editora Mulheres, 1998.

PINTO, Renato. *Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*. Tese (Doutorado em História) Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

POLLACK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vol.2, n.3, p 3.

POMEROY, Sarah. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves*. Praga: Schocken Books Inc, 1975.

POMEROY, Sarah. *Women's History and Ancient History*, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

POPPINO, Rollie. Um século da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *RIHGB*, v. 314, p. 303, 1977.

POURCQ, Maarten de Pourcq. Classical Reception Studies: Reconceptualizing the Study of the Classical Tradition. *The international journal of the humanities*. Volume 9, issue 4, 2012, p. 219.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *Emblemas de Brasil Em La Historiografía Del Siglo XIX: Monarquía, Unidad Territorial y Evolución Natural*. El Colegio de México, 2009.

RANGER, Holly. Reader, I married him/her: Ali Smith, Ovid and queer translation. *Classical Receptions Journal*. Vol. 02, n. 03, 2019.

RIBEIRO, Mariana dos Santos. *Construindo histórias e memórias: o IHGB e o IAGP em meio às celebrações do centenário do movimento pernambucano de 1817*. 337f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2012.

RUBARTH, Scott. Competing Constructions of Masculinity in Ancient Greece. *Athens Journal of Humanities and Arts*. Vol. 01, n. 01, 2014.

SANTANA, Fabíola de Jesus Soares. A Retórica Fúnebre: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais. 229f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SANTOS, J. M. *O Imperador Itinerante: D. Pedro II no Egito e a Construção da Identidade Nacional*. 89f. Monografia (Graduação em História) - Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SILVA, Glaydson José da. “Os Avanços da História Antiga no Brasil.” In: Carpanese. *História e Conhecimento*. Maringá: Eduem, 2010. p. 95-126.

SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo; GARRAFFONI, Renata Senna. “Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira”. *Revista Brasileira de História*. vol.40 no.84 São Paulo May/Aug. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução Guacira Lopes Louro. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, Jul./dez. 1995.

SCHPUN, Monica Raisa. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004.

SILVA, Natanael de Freitas. Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Junior. *História, histórias*. Brasília, vol. 1, n. 5, 2015.

TAVARES, André Luiz Cruz. A presença da História Antiga nos compêndios didáticos de história da primeira república e a construção identitária nacional. 154f., 2012. Tese de doutorado – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2012.

TREVISAN, Ivan Rodrigo. *Os Generais ditadores (1964-1985) como presidentes de honra do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 152f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2017.

VARGAS, Anderson Zalewski. A luta contra as liberdades: imprensa, reforma e exclusão social na Porto Alegre do início do século XX. *Calorscuro*, n. 2, 2002.

VIANNA, Cynthia Semiramis Machado. A reforma sufragista: marco inicial da igualdade de direitos entre mulheres e homens no Brasil. 240f. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

VIANA JUNIOR, Mario Martins. Masculinidades: ampliando o debate. *Revista fórum identidades*. Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 23, p. 87-108, jan.-abr. de 2017.